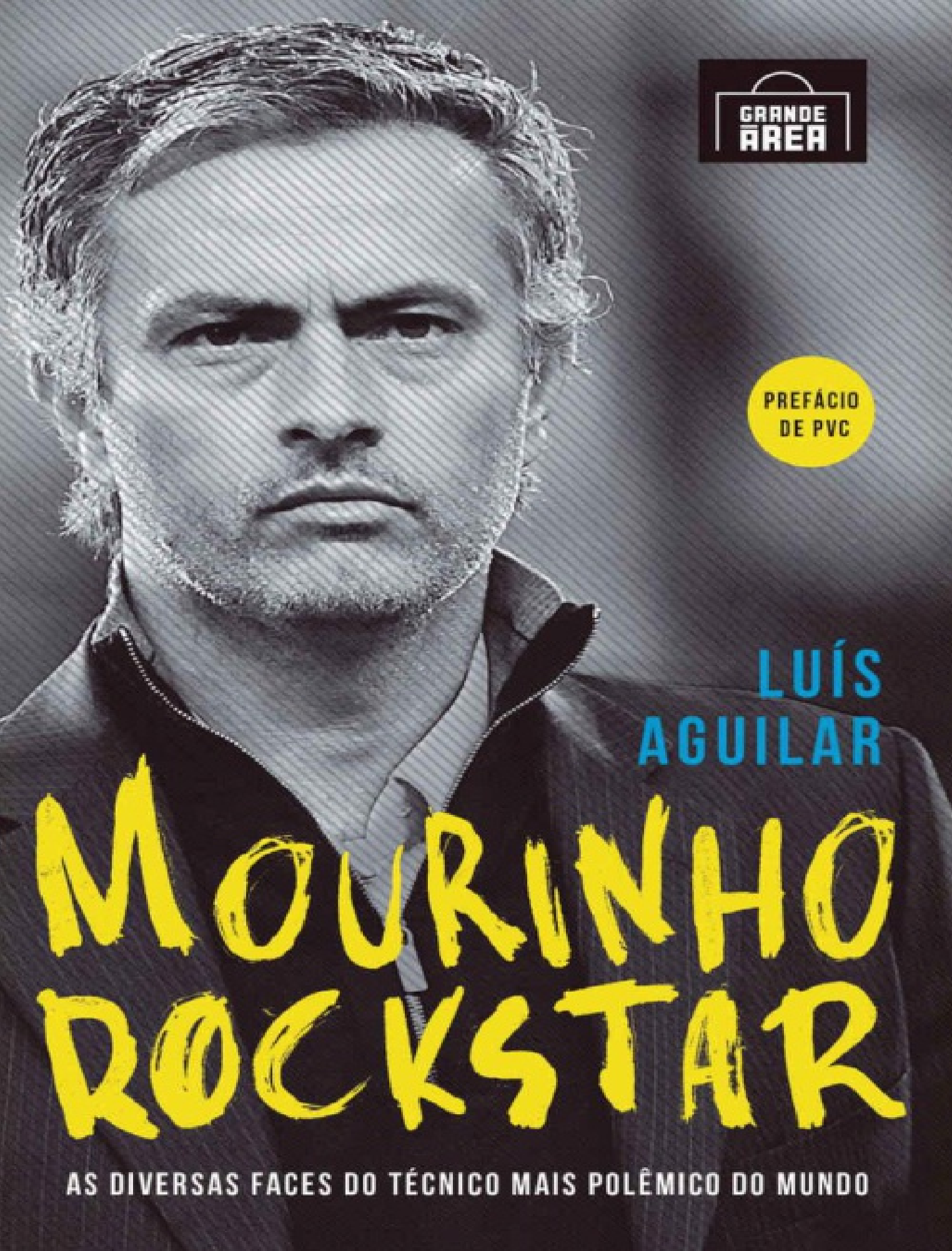

GRANDE ÁREA
PREFÁCIO DE PVC
LUÍS AGUILAR
MOURINHO ROCKSTAR
AS DIVERSAS FACES DO TÉCNICO MAIS POLÊMICO DO MUNDO

MOURINHO ROCKSTAR

LUÍS AGUILAR

MOURINHO ROCKSTAR

AS DIVERSAS FACES DO TÉCNICO MAIS POLÊMICO DO MUNDO

Adaptação de Gabriel Roberti Gobeth
Prefácio de Paulo Vinicius Coelho (PVC)

GRANDE ÁREA

Copyright © 2014 Luís Aguilar
Autor representado pela Bookoffice (http://bookoffice.booktailors.com/)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original: Mourinho Rockstar
Adaptação: Gabriel Roberti Gobeth
Preparação: Andressa Bezerra Corrêa
Revisão: Patricia Calheiros e Ariadne Martins
Capa: Aline Temoteo
Crédito da foto de capa: MARKA/Alamy
Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguilar, Luís

Mourinho Rockstar / Luís Aguilar; adaptação de Gabriel Roberti Gobeth; prefácio de Paulo Vinicius Coelho – Campinas, SP: Editora Grande Área, 2015.

Título original: Mourinho Rockstar

ISBN 978-85-69214-02-1

1. Mourinho, José 2. Treinadores de futebol – Biografia 3. Treinadores de futebol – Inglaterra –

Biografia 4. Treinadores de futebol – Portugal – Biografia I. Título.

15-07049 CDD-796.334092

Índice para catálogo sistemático:
1. Treinadores de futebol : Biografia 796.334092

[2015]
Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Grande Área
Rua Tenente Haraldo Egídio de Souza Santos, 777 – sala 01
Jd. Chapadão – 13070-160 – Campinas –

SP

SUMÁRIO

PREFÁCIO — PAULO VINICIUS COELHO (PVC)

CAPÍTULO 1 — A CONSTRUÇÃO DE UM ANTI-HERÓI

CAPÍTULO 2 — MOURINHO *VERSUS* SÍNDROME DE GIL Y GIL

CAPÍTULO 3 — O TÉCNICO ROCKSTAR

CAPÍTULO 4 — MEU QUERIDO REBELDE

CAPÍTULO 5 — ENTRA O VILÃO

CAPÍTULO 6 — O INIMIGO BATE À PORTA

CAPÍTULO 7 — O AMIGO JOSÉ

CAPÍTULO 8 — FRAUDE

CAPÍTULO 9 — AMOR ADIADO

CAPÍTULO 10 — A VOLTA PARA CASA

CAPÍTULO 11 — DR. HOUSE OU DEXTER?

BIBLIOGRAFIA

CRONOLOGIA E HISTÓRICO DE TÍTULOS

DE JOSÉ MOURINHO

PREFÁCIO
OS DOIS MOURINHOS

Paulo Vinicius Coelho (*PVC*)

O encontro estava agendado para um hotel no alto da avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte. Naquela data, 18 de junho de 2008,

Mourinho já havia anunciado ser o novo técnico da Inter e estava no Brasil para assistir ao clássico contra a Argentina.

José Mourinho estava sentado ao lado do agente de jogadores Paulo Tonietto e à minha espera. Disse a ele que faríamos a entrevista na piscina do hotel e pedi que esperasse alguns minutos. Nenhum problema, ouvi.

Ele não foi simpático. Foi profissional.

A entrevista exclusiva foi meu primeiro contato pessoal com José Mourinho e produziu comparações com todas as outras vezes em que

me encontrei com ele, em coletivas de imprensa em Madri, Milão, Londres... Diante da aglomeração de jornalistas, José Mourinho é um rockstar. No contato pessoal, não permite intimidade. Mas é um ser humano comum.

"É verdade que você foi intérprete do Bobby Robson, no Sporting e no Porto, no início da sua carreira?"

"Eu era o intérprete porque era o único da comissão técnica a falar inglês", ele respondeu, sem papas na língua.

"É verdade que você teve um cachorro chamado Gullit?"

“Sim!”, ele confirma, monossilábico.

“Eu também tive”, respondi. É raro que aconteça, mas não resisti a entrar na sua vida.

José é filho de Félix Mourinho, histórico goleiro do Belenenses, clube do qual meu avô era torcedor. Também não resisti a contar a ele a história da minha família.

Ele, não. Não abre o coração e mantê-lo fechado é parte do cardápio de suas coletivas. Nelas, comporta-se mesmo como rockstar.

Se entende que cada pergunta pode ser uma arapuca, cada resposta pode conter uma pedrada.

Era assim no fim da trajetória no Real Madrid, época em que todas as matérias sobre sua saída continham confidências dos vestiários, brigas com Iker Casillas, discussões com suas estrelas. Eram tempos em que Mourinho estava particularmente inquieto e nervoso.

No mundo do futebol, à medida que os jogadores foram se escondendo, os treinadores foram ganhando relevância — e mais concorridas suas entrevistas coletivas se tornaram, com mais gente querendo ouvir o que tinham a dizer a cada semana, a cada vitória, empate ou derrota. Isso

tudo fez aumentar a vaidade.

Daí soar como surpresa a descoberta de que Mourinho no contato pessoal é um sujeito diferente do que se vê na aglomeração dos jornalistas. As duas figuras, porém, têm em comum uma incrível vaidade: justa, se você pensar de onde saiu o técnico, que pouco jogou como atleta profissional; inexplicável, considerando o ser humano. Neste livro, por exemplo, você vai descobrir que Mourinho gostaria de ver sua vida filmada e interpretada por George Clooney: dá até para entender os cabelos grisalhos

cuidadosamente desalinhados desde que apareceu no início do século XXI como técnico do FC Porto.

Do contato em Belo Horizonte até hoje, muita coisa aconteceu. A última escala desse percurso foi o seu retorno ao Chelsea, relatado nesta obra. Mourinho saiu do Real Madrid estraçalhado pelo contato com a imprensa local e desceu no aeroporto de Heathrow, em Londres, sentindo-se em casa.

As duas primeiras temporadas após a volta não foram iguais às duas iniciais da passagem anterior, entre 2004 e 2007. A da chegada foi a primeira sem nenhuma conquista

em toda a carreira. Ele alcançou as semifinais da Liga dos Campeões, brigou pelo título inglês até duas rodadas antes do fim, mas taça mesmo não teve.

A segunda contou com um início triunfante, daqueles que ajudaram a mudar conceitos no campeonato inglês. Alex Ferguson já disse que as campanhas do Manchester United tinham um formato antes de Mourinho e outro depois dele. Ou seja, quando Mourinho chegou ao Chelsea, somando pontos de maneira avassaladora no início das campanhas, tornou-se impossível repetir trajetórias como as do

Manchester United dos anos 1990, que crescia na segunda metade dos campeonatos para ao final se sagrar campeão.

Mourinho mudou a forma de ser do futebol na Inglaterra nas duas passagens pelo país. E na segunda, reforçou o duelo ideológico que permeia o futebol atual. O melhor exemplo do seu impacto foi a marcante vitória do Chelsea no final da temporada 2013/2014 em Liverpool, quando os torcedores dos *reds* receberam os rivais gritando: "*We're going to win the League!*". Eu estava lá e vi Mourinho estacionando o ônibus em frente à

sua grande área e vencendo o jogo em dois contra-ataques mortais.

É a fórmula do anti-Guardiola.

Ainda que “estacionar o ônibus” tenha se tornado um chavão para definir a forma de jogar dos times de Mourinho, a verdade não é bem essa: seus times têm também posse de bola, contra-ataque, variações táticas. E ele, muita capacidade de sedução para conseguir que seus jogadores façam o que ele quer. Por isso, virou o símbolo dos técnicos de um novo tempo.

Uma estrela. Um rockstar no futebol.

CAPÍTULO 1



A CONSTRUÇÃO DE UM ANTI-HERÓI

Se fizerem um filme da minha vida, acho que poderiam escolher George Clooney para o meu papel.
É um ator fantástico e minha mulher acha que ele seria o ideal.

JOSÉ MOURINHO



ELE DISPENSA O PAPEL DO BONZINHO ou do ingênuo. Recusa o discurso de que “no futebol são

onze contra onze e, no final, que ganhe o melhor". O melhor tem que ser ele. O melhor só pode ser ele. Doa a quem doer.

Fala sobre os poderosos sem medo. Transmite confiança e atitude. É um provocador nato e um perito em usar e inventar adversidades para motivar seus jogadores. Não é um herói, não é um vilão. E a pergunta, certamente, não é sobre quem deve fazer seu papel num filme. Seja George Clooney ou qualquer outro. José Mourinho não precisa de intérprete. É um ator de si próprio. Criou seu personagem, é o protagonista da

sua história. E do futebol mundial. Um anti-herói dos tempos modernos, com o pacote completo: "Sou José Mourinho, com todas as minhas qualidades e defeitos", como disse no dia em que foi apresentado como novo treinador do Real Madrid, em 31 de maio de 2010.

Mas o que é um anti-herói?

Numa definição cortês, o anti-herói é um protagonista com imperfeições. Faltam-lhe muitas das características heroicas comuns. Nem sempre nobre, nem sempre justo, nem sempre humilde, nem sempre correto. Mas é sempre um

protagonista. E é bem mais interessante do que o típico herói: tem pimenta, tem tempero, tem polêmica. Sente-se bem nesse papel. Gosta de ser um rebelde (ou *badass*, na expressão inglesa). Gosta de viver à margem das regras. Rejeita o espírito do politicamente correto, recusa ser "mais do mesmo". Afasta-se da banalidade e desafia o sistema. É senhor da situação e faz tudo com estilo. Um estilo próprio, um estilo único.

Esses são traços muito marcantes da personalidade e postura de José Mourinho, bem descritos pelo espanhol Francisco

Alcaide e Hernández, perito em gestão empresarial, num texto em seu blog, publicado em 30 de novembro de 2010 — poucos meses depois de o treinador português ter chegado ao Real Madrid.

"Muita gente me pergunta o que o Mourinho tem que fascina uns e outros, ainda que não reconheçam. Poderíamos dizer que ele é para o futebol o que Risto Mejide [figura controversa da TV espanhola] é para os reality shows e o dr. House para as séries de televisão. A priori são personagens que a lógica diz que deveriam ser repudiados pelo público. Parecem 'cheios de si', são

altivos, provocadores, com certa prepotência ou presunção e, no entanto, as pessoas gostam deles — ou, pelo menos, para muitos eles são atraentes ou despertam interesse."

Alcaide salienta ainda que "os vilões atraem porque dizem coisas que a maioria não se atreve a dizer e se transformam num exemplo diante da nossa covardia. Os bons chegam até a ser tolos, porque apesar das rasteiras que a vida e os amigos lhes pregam, reagem sempre bem".

Mourinho tem essa coragem, essa honestidade pesada que muitas

vezes substitui as boas maneiras, mas está longe de ser um vilão na definição cinematográfica da palavra. Não tritura os inocentes, nem dirige sua força para fora do circuito dos adversários. Além disso, é um marido presente e um pai dedicado.

Numa entrevista concedida à edição inglesa da revista *Esquire*, em 5 de março de 2014, Mourinho chega ao estúdio acompanhado por sua filha de dezessete anos, Matilde, que tem interesse por fotografia. O pai aproveita a oportunidade para falar com um fotógrafo sobre quanto se pode ganhar na profissão

e que programas de edição de imagem deve comprar para Matilde. Naquele momento, não há máscaras. Apenas José, o pai, mostrando interesse em ajudar a filha a realizar seus sonhos e objetivos. Depois, a entrevista é retomada; voltam o rosto fechado e o olhar tenso. Volta Mourinho, o técnico. Alguém que se recusa a ser uma vítima e sufocar a sua existência entre lamúrias e conformismos. Ele criou um personagem duro para viver num mundo difícil, como é o futebol de alto rendimento, e sabe que não pode facilitar nem estar desatento.

Tem consciência de que não deve esperar pelos ataques inimigos para revidar. Muitas vezes, provoca a guerra. Antecipa-se para não cair. Para continuar no topo. Num pódio de um só lugar, sem espaço para segundos e terceiros colocados. Tal como se costuma dizer no futebol, "o segundo é o primeiro dos últimos".

Uma ideia bem ilustrada no personagem de Daniel Plainview, o barão do petróleo no filme *Sangue negro* (2007), que valeu um Oscar de melhor ator a Daniel Day-Lewis. Plainview, assim como Mourinho, chega ao topo depois de um árduo

caminho. Nessa ascensão, revela seu desejo: “Não quero que mais ninguém tenha sucesso”.

A concorrência não pode superá-lo. Porque, nesse caso, ele perde. Não é o vitorioso. O mesmo acontece no futebol de alta competitividade. Esse é o principal ingrediente entre os times de primeira linha. Mourinho é contratado pelos melhores clubes para ganhar, para conquistar mais títulos do que seus adversários. Para derrotá-los. Os perdedores não têm espaço, jamais sobrevivem sem taças para mostrar. Sempre foi assim. O próprio Bill Shankly

[histórico técnico escocês do Liverpool entre 1959 e 1974] repetia: “Se você chega em primeiro é o primeiro, se chega em segundo não é nada”.

Não foi Mourinho quem inventou esse jogo, mas ele sabe jogá-lo como poucos. Percebeu, desde muito cedo, que não basta trabalhar melhor do que os outros para vencer dentro de campo. Também é necessário tentar desestabilizar os oponentes: os outros treinadores, os outros jogadores, os outros torcedores. É aqui que entram em cena os seus famosos *mind games* — um conjunto

de palavras e atitudes com o duplo intuito de motivar suas tropas e perturbar o exército inimigo. Mais uma vez: essas técnicas sempre existiram. A diferença não está em fazer isso, mas na forma como ele o faz. Sem nunca perder de vista o principal objetivo: a vitória.

O sucesso de Mourinho no Real Madrid não é compatível com o sucesso de Guardiola no Barcelona. As vitórias de Mourinho no Chelsea não podem ser inferiores às vitórias de Pellegrini no Manchester City, de Van Gaal no Manchester United, de Arsène Wenger no Arsenal ou de Brendan Rodgers no Liverpool.

Todos eles lutam pelo mesmo sucesso, pelos mesmos títulos. E os títulos não podem ser repartidos. Mourinho ama essa batalha. Mais: adora vencer. Foi o que respondeu a Johan Cruyff numa das muitas guerras que travou com ele ao longo dos anos. O holandês tinha dito que Mourinho não era um técnico de futebol, mas de títulos.

Resposta: “Há dias alguém disse que sou um técnico de títulos e não de futebol. Obrigado. Gosto de ser um técnico de títulos”, ironizou Mourinho, depois da vitória do Real Madrid na final da Copa do Rei por 1 a 0 diante do Barcelona, em 2011,

com um gol de Cristiano Ronaldo na prorrogação. Esse tinha sido o 18º troféu da carreira de Mourinho, num percurso como técnico principal que tinha começado apenas na temporada 2000/2001.

Mourinho é o produto ideal na era dos máximos resultados a curto prazo. Ele próprio diz que não precisa de muito tempo, nem quer muito tempo. É esse o seu discurso quando chega a cada novo clube. É para isso que lhe pagam milhões: ser o primeiro rapidamente. E, nesse aspecto, ele tem superado as expectativas de forma assombrosa.

Primeira temporada completa no

FC Porto (2002/2003): campeonato português, Taça de Portugal e Copa Uefa. Segunda temporada no FC Porto: Supertaça portuguesa, bicampeonato nacional, Champions League (a primeira de sua carreira e a segunda na história do clube, depois da conquista de 1987, com Artur Jorge).

Segue viagem para o Chelsea do milionário Roman Abramovich. Chega com a Champions no bolso, o olhar desafiante, a juventude dos seus 41 anos e a irreverência de um técnico com a ambição de se destacar dos demais. Nasce o *Special One* na coletiva de apresentação.

Mourinho sente que os jornalistas levantam dúvidas sobre o seu valor e a sua real capacidade para vencer na competitiva liga inglesa. Um desafio bem mais exigente do que obter êxitos com um dos três grandes do campeonato português.

"Por favor, não me chamem de arrogante, mas não sou mais um do fundo da garrafa. Ganhei a Champions League e acho que sou especial."

Os tabloides ingleses deliraram. Ali estava alguém que lhes dava combate, respondia e proporcionava grandes manchetes. "Melhor ainda", pensaram, "ali estava alguém que

iria se arrepender de suas palavras quando as primeiras derrotas aparecessem". Começaram os mil e um artigos de zombaria e descrédito sobre o portuguesinho recém-chegado.

Frank Lampard, que viria a ser um dos grandes jogadores do Chelsea de Mourinho, recordou esse momento em sua autobiografia, *Totally Frank* (2006).

"Vi sua apresentação na televisão, como todo mundo. Eu, o JT [John Terry], o Bridgey [Wayne Bridge] e o Joe Cole estávamos hospedados em um hotel com a seleção da Inglaterra, em

Manchester, na preparação para a Eurocopa de 2004, quando Mourinho explodiu na nossa vida. Vi sua performance na coletiva de imprensa em Stamford Bridge e pensei que ele vinha com arrogância e muita confiança, mas não tenho problemas com isso quando alguém tem as medalhas na gaveta para justificar a atitude. A partir do momento em que o vi lidar com a mídia no seu primeiro dia no Chelsea, percebi que havia algo que o diferenciava dos outros."

Os meios de comunicação britânicos iriam perceber a mesma coisa em pouco tempo. Afinal, o

treinador que se intitulava "especial" era mesmo o *Special One*, campeão na sua primeira temporada na Premier League. O Chelsea não ganhava a liga havia cinquenta anos e Mourinho quebrou esse jejum. Tornou-se o rei de Stamford Bridge e o inimigo público número um de todas as outras equipes. Terminou o campeonato com 93 pontos, doze de vantagem sobre o Arsenal, segundo classificado. Uma campanha tranquila, como se estivesse na Inglaterra há vários anos. O futebol inglês percebeu que estava entrando numa nova era: a era Mourinho.

Na mesma temporada, conquista

a Copa da Liga e alcança as semifinais da Champions, perdendo para o Liverpool. Na segunda temporada, o campeonato inglês voltaria a ser um passeio no parque — primeiro lugar com 91 pontos e oito de vantagem sobre o todo-poderoso Manchester United, de sir Alex Ferguson.

Estava criado o roteiro de um homem que, nas primeiras duas temporadas, conseguira vencer quase todos os títulos em disputa e destronar os antigos campeões. Fez o mesmo na Inter, onde acrescentou mais uma Champions League ao seu currículo, e no Real Madrid. Este

seria o maior desafio porque, do outro lado, estava o melhor time da história do Barcelona e ainda um dos mais fortes de todos os tempos do futebol mundial. Na primeira temporada, Mourinho ganhou a Copa do Rei. Na segunda, foi campeão da liga espanhola. Desgastou seu adversário, e Guardiola precisou de um ano sabático antes de voltar à ativa para comandar o Bayern de Munique.

As vitórias de Mourinho também lhe permitem fazer um reforço de sua autoridade em cada clube por onde passa. E esta é uma de suas máximas: “No futebol podemos

controlar tudo, menos os torcedores". Se bem que, no caso de Mourinho, até os torcedores chegam a ser controlados.

Para vencer, ele precisa atuar com a cumplicidade e o total apoio do poder diretivo. Necessita que sua estratégia seja aprovada. E é como disse Lampard: "Tem as medalhas na gaveta para justificar essa atitude".

Mas ele sempre foi assim. Mesmo quando não tinha qualquer nome no futebol, mesmo quando estava começando. Quem diz isso é Rui Faria, seu auxiliar, seu preparador físico, seu braço direito

em todas as decisões desde os tempos de União de Leiria. Foi lá, num clube pequeno, que Mourinho precisou relançar a carreira depois de uma saída complicada do Benfica, quando as águias se recusaram a renovar seu contrato depois de uma vitória em casa contra o Sporting por 3 a 0.

Já antes dessas aventuras, começava a ser traçada a personalidade de um técnico polêmico e rigoroso. Em setembro de 2000, Mourinho abandonou o Barcelona (onde era auxiliar do holandês Louis van Gaal) para se arriscar numa carreira de técnico

principal. Pôs as malas no seu Volvo preto e voltou a Setúbal, sua cidade natal. Foi então que começou a elaborar a sua chamada *bíblia*. "Um documento que nunca será publicado", como o próprio Mourinho fez questão de frisar em diferentes momentos. É a versão escrita das suas ideias. "Anotadas de forma sistemática, dia a dia, hora a hora." Título: *A evolução dos meus métodos de treino*.

Já com o campeonato português em andamento, ele substituiu o alemão Jupp Heynckes no Benfica, mas logo começou a mostrar os dentes às possíveis intromissões dos

dirigentes quando lhe sugeriram o experiente Manuel Jesualdo Ferreira — seu ex-professor no ISEF (onde Mourinho se licenciou em ciências do esporte) — para o cargo de auxiliar. “Um burro, mesmo que trabalhe trinta anos, não se transforma num cavalo.” É a primeira aparição pública do seu lado bombástico.

Ele tinha sido contratado pela gestão de João Vale e Azevedo, com contrato até o final da temporada em curso. Mas Manuel Vilarinho venceu as eleições e se rendeu ao sebastianismo de voltar a ter Toni como treinador principal (a sua

promessa eleitoral). Mourinho não queria viver com o fantasma de outro técnico e aproveitou a vitória robusta contra os leões para tentar negociar a renovação de contrato por mais uma temporada, a fim de fortalecer sua posição aos olhos dos jogadores. O pedido foi recusado e Mourinho bateu a porta. Ali, pela primeira vez, chocou-se com os poderes antagônicos de uma diretoria. O resto da história é conhecido e acabou mal para a gestão de Vilarinho. O Benfica terminou o campeonato em sexto lugar (pior classificação da sua história). O técnico em início de

carreira seguiu viagem para um clube com menos condições, menor, mas onde continuava disposto a não permitir qualquer interferência externa em seu trabalho. Por mínima que fosse.

No documentário *Mourinho — 10 anos de carreira* (transmitido pela SIC, de Portugal), Rui Faria lembrou uma história passada nos primeiros dias de trabalho em Leiria. Alguns dirigentes do clube entraram no gramado com a sessão de treino ainda em andamento e Mourinho soltou um grito violento para os patrões: “Saiam já daqui!”. O preparador físico temeu que

pudessem ser demitidos no mesmo instante. Não houve qualquer demissão, claro, e Mourinho aproveitou um pequeno detalhe para reforçar sua autoridade.

Entre a Luz e Leiria, ele começa a mostrar uma marca fundamental da sua identidade, que cresceria com as grandes conquistas. O presidente das suas equipes não é Pinto da Costa, Roman Abramovich, Massimo Moratti ou Florentino Pérez. O presidente da equipe é ele, não aceita trabalhar de outra forma. Sabe que as concessões podem ser suficientes para passar a imagem errada ao grupo de jogadores e não

atingir o sucesso. Em suma, e em bom português, não engole sapos.

Diz com regularidade que as vitórias lhe permitem trabalhar onde quer e definir cada projeto com mais qualidade e independência. É dessa forma que se emancipa em relação aos seus presidentes e a muitos treinadores de equipes adversárias.

"O meu modo de afirmação é só um: ganhar. E eu ganhei sempre."

E também sabe que esse status só pode ser alimentado (e aumentado) com êxitos constantes: "Se não ganhasse, não teria nada de especial".

A fórmula parece simples de decifrar, mas difícil de alcançar. Vitórias trazem poder, poder traz independência, mais independência traz ainda mais vitórias.

É por isso que Mourinho é um seguidor da regra contratual do italiano Arrigo Sacchi, um dos melhores técnicos de futebol de todos os tempos e uma das grandes influências do português.

Sacchi, como Mourinho, exigia salários muito elevados, com altas cláusulas de rescisão, para que não fosse demitido (ou ameaçado por uma demissão) ao mínimo desalinho ou desacordo com a

direção.

O livro *Código Mourinho* (2012), de Juan Carlos Cubeiro e Leonor Gallardo, conta uma história interessante sobre o valor monetário que o Real Madrid investiu em Mourinho.

"No dia 19 de outubro de 2010, na entrega de prêmios da associação de jornalistas de economia, o presidente do Real Madrid, Florentino Pérez, 'deixou escapar' que Mourinho recebia 15 milhões de euros por temporada. 'Quinze milhões, porém brutos', esclareceu, ao que Emilio Botín, presidente do grupo Santander, que estava ao seu

lado, respondeu: ‘Bolas, recebe mais do que eu!’.”

Mourinho não era apenas o técnico mais bem pago do campeonato: ganhava mais do que qualquer um dos principais executivos dos grandes bancos e das grandes empresas espanholas.

Qualquer presidente pensa duas vezes antes de demitir um treinador que recebe 15 milhões de euros por temporada e ainda tem mais um ou dois anos de contrato. Não cai no erro de despedi-lo depois do primeiro resultado embaraçoso ou da primeira divergência de opiniões. Aprende a ter calma e a

esperar pelos frutos do trabalho. Nesse ponto, Florentino Pérez mostrou sempre ser um gestor inteligente. Nunca cedeu a pressões de outros dirigentes que quiseram ver Mourinho pelas costas quando o Real foi ao Camp Nou para ser goleado pelo Barcelona por 5 a 0 no primeiro superclássico do treinador na Espanha. O campeonato continuou, assim como o contrato de Mourinho. Lentamente, o técnico português foi retirando títulos e poder do Barça. Talvez não fosse assim se tivesse um salário mais baixo. Mas esse risco ele nunca iria correr, nem precisa correr.

Estamos falando de alguém que aprendeu cedo o perigo e a frustração de ser um treinador sem poder. Não por ele, mas pelo pai. Desde novo se recusou a passar pela mesma situação que o seu progenitor, também treinador, teve de enfrentar. Essa motivação tornou-o ainda mais forte. Através do pai, viu a força destruidora que os presidentes podem ter. Especialmente os presidentes da velha escola latina. Muitos deles propensos ao comando ditatorial. Homens que confundiam liderança com patronato, funcionários com escravos. Mourinho é de outra

geração, de outra escola. Diz que, para ele, “liderar não é mandar, é guiar”. Mas conheceu o outro lado pelas vivências técnicas do próprio pai.

Aqui surge outra característica bem patente aos anti-heróis da sétima arte: o desejo de vingança. A motivação plantada pela vendeta. Mesmo que esse seja um sentimento que ele pode não aceitar, ou que pense manter bem escondido, a verdade é que deve lhe dar um prazer enorme chegar aos clubes e dobrar os presidentes à sua vontade. E de quem Mourinho poderá estar se vingando? De todos

aqueles que simbolizam os presidentes que minavam a autoridade de seu pai, que não o deixavam trabalhar e que, assim, o impediram de alcançar sucessos.

Nos times de Mourinho, o poder do clube sai do terno e gravata do presidente e passa para a área técnica. Para o seu sobretudo ou uniforme de treino. Ele é um *boss*. O *boss*. Ao modo inglês, ao estilo de Alex Ferguson.

Ocorre aqui outra analogia de poder. Como se os presidentes fossem o governo ditatorial e os técnicos, ou jogadores, fossem a população oprimida. Até que chega

alguém que consegue inverter o rumo e devolver o poder aos verdadeiros protagonistas da história. Um treinador mais poderoso do que seus presidentes. Parece uma visão romântica quando comparada com os estilos diretivos totalitários do futebol das décadas de 80 e 90 do século passado. Mas essa é a realidade de Mourinho.

Um pouco como no filme *V de Vingança* (2005), dirigido por James McTeigue. V é o anti-herói mascarado que nutre completa desconsideração pelas leis totalitárias da sua sociedade (no caso, uma versão de nazifascismo

britânico). Mas não é apenas um personagem, não é uma pessoa. É uma ideia que transcende o espaço e o tempo, é o anti-herói que vive dentro de todos nós. É um rosto de mudança para uma sociedade que precisa desesperadamente de uma revolução. De repente, ele está sozinho, diante de vários homens armados, apenas com suas adagas para se proteger. À sua frente está Creedy, o homem que representa a corrupção, a tortura e a opressão maquiavélica de um regime infernal. Este diz a V para analisar a situação e render-se, porque suas adagas jamais terão chance contra

tantas armas de fogo. Mas Creedy vê apenas o que está na superfície. V, assim como Mourinho, observa o que os outros não veem, consegue olhar para o que ainda não chegou. E explica a imortalidade do seu conceito: “Debaixo desta máscara há mais do que carne. Debaixo desta máscara há uma ideia, senhor Creedy, e as ideias são à prova de bala”.

Mourinho criou um personagem e uma ideia que vivem além dele. Tirou o poder dos poderosos e lançou um novo ciclo no futebol mundial. Uma nova era da qual muitos outros técnicos têm se

beneficiado. Se há competência, resultados e uma liderança justa, os grandes protagonistas do futebol (técnicos e jogadores) nada têm a temer diante dos desvarios opressores dos presidentes. Pelo contrário, os torcedores estarão sempre do lado dos técnicos e jogadores vencedores. E a única coisa que exigem dos presidentes é que consigam dar condições aos protagonistas e se submetam ao papel secundário que devem ocupar.

Trata-se da elevação máxima do lema de V aplicado à indústria do futebol: “O povo não deve ter medo

do seu governo. O governo é que deve ter medo do seu povo".

No caso de Mourinho: "Os técnicos não devem ter medo dos seus presidentes. Os presidentes é que devem ter medo dos seus técnicos".

CAPÍTULO 2



MOURINHO *VERSUS*
SÍNDROME DE GIL Y GIL

Para mim, despedir um treinador é como beber uma cerveja.
Posso despedir vinte num ano, ou até cem, se for preciso.

JESÚS GIL Y GIL
(PRESIDENTE DO ATLÉTICO DE MADRID ENTRE 1987 E 2003)



É UM DAQUELES DIAS. William Foster só quer chegar em casa para o aniversário da filha. Está

atrasado, acaba de ficar sem emprego e se vê preso no meio de um engarrafamento num dia de calor infernal. Parece que tudo está contra ele. Numa sociedade injusta. E, de repente, o clique fatal. Ele perde a sanidade, o controle, a energia. Torna-se um justiceiro e começa a se vingar de tudo, como num ajuste de contas com o mundo, numa atitude de violência crescente.

Essa é a história do filme *Um dia de fúria* (1993), dirigido por Joel Schumacher. Michael Douglas veste a pele de um anti-herói descontrolado que se fartou de

todas as falhas sociais à sua volta e decide reagir com crueldade. Mais uma vez, o elemento da vingança. Igualmente presente no universo de Quentin Tarantino ao criar a personagem de Beatrix Kiddo (*Kill Bill*, 2003), representada por Uma Thurman no seu mítico traje amarelo. Uma mulher implacável (também conhecida como Mamba Negra), que integrava uma quadrilha de assassinos liderados pelo seu amante Bill. Durante uma missão, Beatrix descobre que está grávida e abandona o grupo para tentar ter uma vida normal, longe da violência. Mas Bill, junto com o

resto da gangue, a encontra no dia do ensaio do casamento dela. Mata todos os que estão na cerimônia e dá um tiro na cabeça de Beatrix. Ela, no entanto, sobrevive. Depois de um coma de quatro anos, acorda pronta para se vingar de cada um dos elementos do antigo grupo. Incluindo (e principalmente) Bill. Um por um, todos terão que morrer. E sofrer como ela sofreu.

José Mourinho não é um homem descontrolado pela sociedade nem um samurai urbano pronto a derramar sangue. Mas, assim como esses dois personagens, também sentiu na pele a injustiça social. No

caso dele, a injustiça do futebol. Algo que foi fundamental para moldar seu caráter de anti-herói dos tempos modernos.

Ele nasceu e cresceu em Setúbal, numa família de fortes ligações com o futebol. Seu pai, Félix, foi goleiro de certa qualidade, chamado uma vez à seleção nacional. Mais tarde, tornou-se técnico e chegou a treinar o filho. Em 1982, com dezenove anos, Mourinho era simplesmente José, um zagueiro central pouco talentoso do Rio Ave. Estava sentado no banco de reservas num jogo diante do Sporting. Um dos zagueiros de seu time se lesionou.

Quando Félix se preparava para chamar seu filho, foi informado pelo presidente de que, se José entrasse, não só nunca mais jogaria pelo Rio Ave, como o técnico também seria demitido. Pai e filho ficaram assistindo a equipe perder por 7 a 1, e José decidiu que nunca mais passaria por semelhante humilhação. Porém, ao contrário de William Foster, não enlouqueceu de um dia para o outro. Não teve um ataque de nervos. Pelo contrário: concentrou-se, delineou uma estratégia e se manteve sereno e imperturbável em cada etapa.

Depois do incidente ocorrido no

Rio Ave, ainda jogou futebol por mais algum tempo (Belenenses, Sesimbra, Comércio e Indústria), abandonando a carreira aos 24 anos. Mas, pelo meio do caminho, já estava se preparando para ser técnico de futebol. José começava então a se descobrir Mourinho.

Formou-se em ciências do esporte e foi criando as bases para o futuro. Pode-se dizer que naquele jogo pelo Rio Ave começou a morrer o jogador comum e a nascer o treinador especial. Um técnico dos novos tempos, que rejeita por completo as interferências do presidente em seu trabalho.

Nenhum dirigente que contrate Mourinho se atreve a lhe dizer quem tem que jogar, quais os onze que deve escolher, que reforços vão entrar, que estilo de jogo o time precisa apresentar. Sabe que, se o fizer, ele vai embora no mesmo instante e deixa para trás um presidente sozinho, com a contestação dos jogadores e, especialmente, dos torcedores. Por sua forma de trabalhar e de se relacionar com o meio que o circunda, o técnico português consegue ser mais amado do que qualquer presidente do clube em que trabalha (tirando sua última

temporada a serviço do Real Madrid, quando as divergências chegaram a um ponto sem volta com alguns dos principais jogadores merengues).

As arquibancadas e o vestiário veem o técnico como um dos seus. Algo ainda mais admirável considerando o pouco tempo que passa em cada clube. Entrou no Chelsea em 2004 e saiu em 2007, mas os torcedores continuaram a entoar cânticos em sua homenagem até a volta do treinador especial no início do verão de 2013. Os próprios jogadores não paravam de falar de Mourinho. Alguns

mantinham contato regular com ele, apesar de terem outros técnicos — novos chefes que nunca conseguiram livrar-se do fantasma do antigo dono da cadeira.

Foram sete treinadores que passaram pelo banco do Chelsea depois da saída de Mourinho. E alguns até venceram: como Roberto Di Matteo, que conseguiu conquistar a única Champions League da história do Chelsea (2012), ou Carlo Ancelotti, também o único a conquistar a liga inglesa depois da saída do português.

Entre os que sofreram maior contestação das arquibancadas está

Rafa Benítez. Para fazer uma análise franca, é fundamental dizer que o espanhol entrou numa conjuntura difícil. Chegou ao cargo no início da temporada 2012/2013 para substituir Roberto Di Matteo, outro que não resistiu ao gênio difícil de Roman Abramovich. Di Matteo, no entanto, era uma velha glória do clube, um homem da casa, apesar de ser italiano. Tinha assumido a liderança técnica na metade da temporada anterior (2010/2011) para substituir outro português.

André Villas-Boas foi um dos homens da comissão de Mourinho.

O observador dos adversários. Em 2009, porém, decidiu aventurar-se numa carreira solo. E teve um sucesso instantâneo que muito se assemelhou ao início do mestre. Começou em um clube menor, a Acadêmica (tal como Mourinho no União de Leiria, se excluirmos a curta passagem pelo Benfica), realizou um bom trabalho e foi contratado pelo Porto, o seu clube do coração, onde tinha começado a trabalhar como colaborador de Mourinho. Uma temporada a serviço dos dragões foi o suficiente para fazer nome no futebol europeu. Ganhou tudo: o

campeonato português, a Taça de Portugal e a Liga Europa. Abramovich pensou ter encontrado o *Special Two* e levou Villas-Boas para Londres. Ou seja: o próprio dono do clube nunca superou a saída do seu técnico preferido. Como não podia tê-lo de novo (Mourinho estava no início de sua aventura no Real Madrid), tentou cloná-lo através de Villas-Boas — e esse foi o primeiro fator de injustiça para o jovem técnico. A tentativa em Londres correu mal, sobretudo porque esperavam que Villas-Boas fizesse o mesmo que Mourinho: chegar, ver e vencer. Não

aconteceu. Sentença: demitido em março. Comunicado do clube: “Infelizmente, os resultados e as exibições do time não foram suficientemente bons e não davam mostras de que iriam melhorar, numa fase decisiva da temporada”.

Di Matteo, o técnico interino, subiu ao posto até o final da temporada. A primeira ideia de Abramovich seria contratar um novo técnico assim que o campeonato acabasse. Talvez para perseguir, novamente, a ideia de clonar Mourinho. Mas os resultados do italiano surpreenderam. Quando chegou ao Chelsea, era o quinto

colocado da Premier League, a vinte pontos do líder Manchester City, estava numa situação aflitiva na Champions (tinha perdido de 3 a 1 em Nápoles nas oitavas de final) e continuava na Copa da Inglaterra. Parecia perto de ser afastado de tudo. O italiano deu o toque de reunir, recuperou alguns jogadores mais antigos da equipe, que supostamente estariam descontentes com as opções de Villas-Boas (casos de Frank Lampard e Ashley Cole), e começou a operar um milagre.

Vencer a Liga dos Campeões era o maior sonho de Abramovich desde que tinha comprado o Chelsea, em

2003. Um sonho que Mourinho não tinha lhe dado, tal como todos os outros treinadores. O único a consegui-lo foi Di Matteo, numa caminhada tanto improvável quanto heroica.

O Chelsea virou a eliminatória contra o Napoli, eliminou o Benfica nas quartas de final, afastou o todo-poderoso Barcelona nas semis e guardou o melhor para a final: jogou contra o Bayern de Munique no próprio estádio dos alemães, em ambiente de total hostilidade. Depois de uma dura batalha, os londrinos destruíram o sonho bávaro na cobrança de penalidades

máximas. Aí estava a Champions tão desejada por Abramovich. Aí estava a impossibilidade de demitir Di Matteo. Pior ainda: o italiano também conseguiu conquistar a Copa da Inglaterra. Stamford Bridge tinha um novo rei depois de Mourinho? Nem pensar!

Começa a nova temporada. Começam os maus resultados. No campeonato e na Champions League. Di Matteo fora. Em novembro! O cemitério de treinadores do Chelsea passava a ter uma nova lápide.

Foi nesse cenário sombrio que entrou Rafa Benítez. Um homem

com um currículo invejável, mas que tem contra ele uma postura apagada, uma imagem enfadonha. Além disso, era o técnico do Liverpool na época em que Mourinho estava nos *blues*. Travaram várias batalhas, dentro e fora do campo. Os torcedores do Chelsea se lembravam bem. Duplo motivo de ódio: Abramovich tinha despedido um técnico que finalmente conseguira ganhar a Champions e o substituiu por um antigo rival com muitos títulos, mas pouco carisma. Quando Benítez entrou, o time estava praticamente fora da Champions League. Ficou na

fase de grupos. Ainda conseguiu conquistar a Liga Europa (na final diante do Benfica), mas nem assim convenceu. Benítez foi o técnico mais vaiado pelos torcedores e o pior a lidar com o fantasma do *Special One*.

Perante os maus resultados e as fracas exibições, o espanhol fez um comentário tão inesperado quanto penoso:

"A equipe não tem personalidade, não tem caráter neste momento. Este Chelsea tinha uma grande personalidade com José Mourinho, mas agora não tem nada. É uma equipe totalmente

diferente.”

Poucos dias depois, infeliz em Londres, piscou o olho ao Real Madrid. E foi completamente esmagado por Mourinho.

Durante uma entrevista à rádio espanhola Onda Cero, disseram a Benítez que os merengues poderiam estar interessados em contratá-lo assim que acabasse o seu contrato no Chelsea, uma vez que Mourinho também devia sair de Madri ao final da temporada.

“Sei de algumas coisas, mas não vou dizer nada sobre o Real Madrid, porque acho que não devo fazer isso.”

A resposta evasiva de Benítez deixou no ar que os rumores de um possível interesse do Real tinham um fundamento muito forte.

Mourinho respondeu: “Como torcedor do Chelsea, espero que ele não estivesse pensando no Real Madrid durante o jogo contra o Corinthians [dias antes, o Chelsea tinha perdido a final do Mundial de Clubes contra o time brasileiro]”.

Fim da discussão.

Benítez ficou ainda mais enfraquecido com essas palavras, tanto no Chelsea quanto no Real Madrid. Mourinho saiu reforçado nos dois clubes. Numa só

declaração, disse aos jogadores e torcedores do Real que continuava a ser o treinador e mostrou aos fãs do time londrino que era um deles ["Como torcedor do Chelsea..."], ao contrário de Benítez, um técnico que não gostava de estar ali e não os representava como mereciam. O resto já se sabe: Benítez não foi para o Real Madrid. Talvez quisesse que os rumores fossem verdadeiros. Talvez nunca sequer tenha sido considerado. Foi para o Napoli e Mourinho voltou ao Chelsea. Mas agora já não era o *Special One*, e sim o *Happy One* (feliz), como disse no dia do seu retorno. Um homem

radiante por voltar a um clube que ama e onde é amado. Com uma vontade: ficar muitos anos no Chelsea, numa trajetória parecida com a de Alex Ferguson no Manchester United.

Significava também o fim do pesadelo para todos aqueles que chegaram depois dele. O fantasma de Mourinho só seria eliminado pelo próprio Mourinho. As arquibancadas de Stamford Bridge estavam novamente em festa. Esse carinho dos torcedores é uma diferença fundamental em relação aos seus sucessores desde 2007.

Veja-se…

AVRAM GRANT

Entrou no lugar de Mourinho e conseguiu chegar na final da Champions. Perdeu para o Manchester United nos pênaltis. Apesar de ter acabado sem títulos, salientou que a temporada até tinha sido boa. Foi arrasado por Mourinho, que o considerou um perdedor: “Segundo a minha filosofia, a temporada foi ruim, pois no futebol o ‘quase’ é sinônimo de derrota e o Chelsea quase ganhou a Copa da Liga, quase ganhou a liga inglesa e quase ganhou a Liga dos Campeões. Quase é nada. Depois de

três anos ganhando dois títulos por temporada, desta vez não houve título nenhum. Isso significa que foi uma temporada muito ruim. Talvez na filosofia de um perdedor isso seja uma grande temporada". Abramovich concordava com Mourinho e demitiu Avram Grant três dias depois de ter perdido a final da Champions. Seguiram-se experiências frustradas no Portsmouth, no West Ham e no Partizan. Cada novo fracasso servia apenas para confirmar que o israelita estava longe de ser um técnico especial.

LUIZ FELIPE SCOLARI

Felipão vinha com o moral em alta depois de quase ter ganhado a Eurocopa de 2004 e quase ter ganhado a Copa de 2006 a serviço da seleção portuguesa. Depois da Eurocopa de 2008, chegou ao Chelsea. Foi um verdadeiro caso de total dificuldade de adaptação. Não se adaptou ao idioma, ao país, ao estilo de jogo, ao clube, a tudo. Maus resultados, experiência curta, demissão. Chegou em julho de 2008, saiu em fevereiro de 2009. Sem deixar saudades.

GUUS HIDDINK

O nome mais consensual depois da saída de Mourinho. Experiente, com um currículo pesado, grande competência e extraordinária facilidade de adaptação a diferentes campeonatos. O problema: era simultaneamente o técnico da seleção russa, um compromisso que já tinha assinado antes de aceitar ficar no Chelsea até o final da temporada. Abramovich certamente gostaria de ter continuado com ele em regime de exclusividade, mas Hiddink estava em Londres apenas até o final da temporada de 2009.

Ainda assim, em poucos meses, ganhou a Copa da Inglaterra e chegou às semifinais da Champions League, em que seria eliminado pelo Barcelona com uma das arbitragens mais escandalosas da história da competição. Os ingleses foram bastante prejudicados pelo árbitro norueguês Tom Henning Øvrebø e ficaram fora da final, que seria vencida pelo Barça de Guardiola, diante do Manchester United. Mourinho lembrou o jogo em 2011, quando já estava no Real, depois de uma arbitragem muito polêmica, também contra os catalães, em que acabaria expulso

— juntamente com Pepe — e perderia em casa por 2 a 0 no jogo de ida das semifinais da Champions League. “Guardiola é um técnico fantástico, mas ganhou uma Champions de que eu teria vergonha, com o escândalo de Stamford Bridge. E este ano, se ganhar, será com o escândalo do Bernabéu. Eu teria vergonha de ganhar uma Champions assim.” Na mesma declaração, mais uma vez, conseguiu ficar bem com os dois clubes: defendeu a honra do Real Madrid, atacando o eterno rival da Catalunha, e aproveitou para mostrar que continuava solidário

com o seu Chelsea.

CARLO ANCELOTTI

Hiddink seguiu para a Rússia e Abramovich foi buscar Ancelotti no Milan. Outro técnico com grande currículo e experiência. Mas Mourinho já o tinha derrotado várias vezes no futebol italiano. Voltou a fazer o mesmo na Champions quando Inter e Chelsea se enfrentaram nas oitavas. O português retornou a Stamford Bridge, foi recebido como um rei,

venceu Ancelotti e deixou seu antigo clube fora da competição. Abramovich, jogadores e torcedores sentiram novamente que o *Special One* era insubstituível. Mais irônico: na sua primeira temporada, Ancelotti ficou fora da Liga dos Campeões, mas ganhou a "dobradinha" (campeonato e copa). Foi o primeiro técnico da história do clube a alcançar essa proeza. Na segunda temporada, contudo, não ganhou nada e ficou em segundo no campeonato inglês. Lá veio mais um dos famosos comunicados do Chelsea: "O dono e a direção do clube querem agradecer a Carlo por

sua contribuição e feitos desde que assumiu o cargo em julho de 2009, o que incluiu ganhar a 'dobradinha' pela primeira vez na história do clube. No entanto, as exibições desta temporada ficaram aquém das expectativas e o clube sente que este é o momento certo para mudar de técnico, preparando-se para a próxima temporada". E quem viria em seguida?

ANDRÉ VILLAS-BOAS

Clone ou *Special Two* são

expressões injustas para Villas-Boas. Mais ainda quando ele sempre recusou qualquer comparação com Mourinho. Na apresentação, disse logo que não era o *Special One*, mas sim o *Group One*, querendo mostrar que era um homem de grupo e precisava do apoio de todos. Villas-Boas foi do Porto para Londres com 32 anos. Mourinho tinha 41 anos quando fez o mesmo percurso, uma diferença de quase dez anos. Mais: Mourinho ficou duas temporadas nos dragões e despediu-se com uma Champions League. Villas-Boas saiu logo no fim da primeira temporada para um clube em que se tem de

começar a ganhar no primeiro minuto. Talvez a sua juventude possa ter sido um fator, talvez as comparações com Mourinho (inevitáveis, neste caso) fossem fatais. Talvez, talvez. Só há uma certeza: Villas-Boas não teve sucesso, e o desespero pelo retorno do rei tornou-se ainda mais forte.

ROBERTO DI MATTEO

Passou da descrença geral ao heroísmo. Os torcedores se revoltaram com Abramovich

quando ele o despediu no início de sua segunda temporada, depois de ter ganhado a única Liga dos Campeões da história do clube. Além disso, Di Matteo era uma velha glória dos londrinos como jogador. Vestiu a camisa do Chelsea durante seis temporadas e encerrou a carreira em Stamford Bridge. Mesmo assim, mesmo com todos esses fatores a seu favor, os torcedores do Chelsea nunca gritaram seu nome nas arquibancadas depois de ter saído. Continuavam com o mesmo cântico desde 2007: *José Mourinho, José Mourinho, come back José Mourinho.*

Stand up, stand up for the Special One ["José Mourinho, José Mourinho, volte, José Mourinho. Levantem-se, levantem-se em homenagem ao especial"].

RAFAEL BENÍTEZ

Viu como os torcedores do Chelsea ainda amavam Mourinho, viu como os jogadores ainda não tinham esquecido o português e viu que despertava todos os sentimentos contrários. Era um homem fora do lugar desde o

primeiro dia, destinado a sair assim que entrou. Podia ter optado por um discurso harmonioso, com o intuito de trazer jogadores e torcedores para perto. Mas o que lhe sobra em sabedoria tática lhe falta em capacidade de comunicação e argumentação. O espanhol foi a última tentativa de Abramovich para tentar esquecer ou clonar Mourinho. Só restava uma solução: o *Special One* teria que voltar, tal como aconteceu. Benítez deixou uma Liga Europa no museu do clube, mas saiu sem glória. E nem com esse título escapou à alfinetada do novo técnico: "Não acho que a

última temporada tenha sido boa. Acho que foi ruim. Porque o Chelsea teve dificuldades em se classificar para a Champions League, só se classificou no último jogo. E porque o Chelsea, uma equipe de Champions League, foi eliminado na fase de grupos, e mudou para a Liga Europa. [...] Este ano do Chelsea está melhor. Estamos lutando pelo título, estamos entre as oito melhores equipes da Champions. Mais pontos, mais vitórias, menos gols sofridos, melhores exibições individuais, evolução dos jogadores jovens, acho que estamos melhor".

Mourinho não ganhou nada na primeira temporada de regresso ao Chelsea. Deixou de ter apoio dos torcedores? Não. Foi demitido por Abramovich? Não. Vaiaram-no quando a equipe foi eliminada em casa, nas semifinais da Liga dos Campeões, pelo (bem menos rico) Atlético de Madrid? Não. Alguém no Chelsea lembrou a "dobradinha" de Ancelotti, a Copa da Inglaterra de Hiddink ou a Liga Europa de Benítez? Não!

Claro que esse estado de graça, esse amor incondicional, não continuaria a ser tão forte se a segunda temporada voltasse a se

encerrar sem títulos. Mesmo com Mourinho. Especialmente com Mourinho — alguém que mede o sucesso no futebol, de forma constante, pelo barômetro dos troféus cada vez que se compara a outros treinadores. Mas só o fato de permanecer com o status inabalável, depois de uma temporada sem taças, diz muito da ligação que conseguiu criar com o clube londrino. O mesmo acontece com o resto do país. Os ingleses adoram Mourinho.

Depois de sua saída, em 2007, ficaram privados de seu *bad boy* favorito. Mesmo aqueles que não

gostam dele (basicamente, todos os torcedores dos clubes rivais) adoram poder não gostar dele. São viciados em não gostar dele. Não querem ver novamente a partida de seu anti-herói mais genuíno. Mourinho tem uma margem de tolerância que nunca foi dada aos seus sete sucessores e aos antecessores. Dentro e fora do Chelsea.

A diferença, essencialmente, está na postura. Recuemos ao tempo em que Carlo Ancelotti era o técnico do Milan. Foram oito temporadas. Com muitos títulos, mas também com alguns fracassos. O mais doloroso

teria sido a final da Champions League de 2005, diante do Liverpool. Estava ganhando por 3 a 0 no intervalo, mas os ingleses, orientados por Benítez, empataram no segundo tempo, levaram o jogo para a prorrogação e ganharam nos pênaltis.

"Ancelotti é o único treinador da história que perdeu uma final da Champions depois de estar ganhando por 3 a 0 no intervalo", disse Mourinho mais tarde numa das invariáveis trocas de farpas com o técnico italiano.

A verdade é que aquela noite em Istambul foi uma noite de sonho

para o universo do Liverpool, um jogo espetacular para os torcedores neutros, mas um pesadelo tremendo para o mundo *rossonero*. Não seria de estranhar se Silvio Berlusconi (dono do Milan) o tivesse demitido logo depois do jogo ou em tantas outras ocasiões. Mas Berlusconi parecia querer continuar com Ancelotti só para poder xingá-lo, fosse em particular ou em público. Quantas vezes não o ouvimos desfazer de seu treinador? "Perdemos o título por culpa do Ancelotti"; "Em muitos jogos ele não usou a tática adequada"; "Temos bons dribladores e

devíamos basear nosso jogo nessa habilidade, mas fizemos o contrário".

Noutras ocasiões, o magnata italiano disse que Ancelotti estava jogando com apenas um atacante quando devia utilizar dois homens de frente. Tentava montar o time, tentava escalar os onze. E Ancelotti, um homem que venceu duas Champions a serviço do Milan, parecia aguentar tudo, aturar todos os desaforos do seu patrão. Alguma vez isso aconteceria com Mourinho? A resposta é fácil.

No início da quarta temporada no Chelsea, Abramovich quis

contratar Ballack e Shevchenko contra a vontade do português. O russo ignorou seu técnico e levou os dois jogadores para Londres. Começou aí a se desenhar um divórcio irreversível. Mourinho chegou a um acordo com o clube para sair em setembro. Mais tarde admitiu que seu único erro foi não ter saído em junho, no final da temporada anterior. Para trás, deixou um vestiário de lágrimas. Homens-feitos, que tinham se tornado campeões com ele, devastados pela partida de seu líder. Um sentimento que se torna ainda mais fascinante numa

indústria supersônica como o futebol de alta competição, com laços superficiais e muito efêmeros, em que jogadores e técnicos podem rumar para outras paragens a qualquer momento. Esse tipo de ligação é cada vez mais raro. Mas acontece com Mourinho.

O próprio Frank Lampard admitiu isso mesmo: “É difícil imaginar a vida sem ele, mas o futebol é assim. Desde o primeiro minuto, criou um espírito e uma atmosfera que são necessários. Não tínhamos uma mentalidade particularmente vencedora antes, e ele trouxe isso. É por isso que

temos tido sucesso nos últimos anos. É um grande técnico e adoro ser treinado por ele por várias razões. Deu-me muita confiança e tem sido fantástico para a equipe. Para mim é uma alegria trabalhar com ele e temos uma grande relação pessoal".

Essa afetividade não se limita ao Chelsea. Tem sido uma marca de Mourinho em quase todos os clubes por onde passa. No livro *Mourinho: A descoberta guiada* (2011), de Luís Lourenço, Jorge Costa vai mais longe. O capitão do Porto, que conquistou a Liga dos Campeões com Mourinho, fala em amor para

descrever a relação que o técnico consegue com seus jogadores: "Como é que ele provoca isso? Não sei… você sente. É quase como quando uma pessoa se apaixona por alguém, e o amor é difícil de explicar, não é? No fundo, são relações tão puras, tão naturais, que a explicação se torna complicada".

Um amor recíproco. Mourinho também sente (veja-se o abraço emocionado em Materazzi depois da final da Champions ganha pela Inter), mas não está disposto a aturar tudo por causa desse amor. Ou seja: não tolera intromissões diretivas no seu trabalho apenas

pela forte relação afetiva que tem com seus jogadores. Para que esse amor se mantenha, para que essa liderança continue a funcionar, Mourinho precisa do apoio incondicional do seu presidente. Precisa que este colabore com suas decisões. Precisa, acima de tudo, que o deixe trabalhar sem entrar no seu espaço. Quando isso não acontece… Abramovich-Ballack-Shevchenko-Até-a-próxima!

Embora tenham vivido em épocas futebolísticas distintas, seria impossível imaginarmos um casamento profissional entre Mourinho e o explosivo Jesús Gil y

Gil. O histórico presidente do Atlético de Madrid despediu mais de trinta técnicos em dezesseis anos. Paulo Futre foi o primeiro grande jogador que Gil y Gil contratou — o trunfo eleitoral que o fez chegar à liderança dos *colchoneros*, no verão de 1987, pouco tempo depois de o craque português ter conquistado a Champions atuando pelo Porto e de ter se tornado um dos jogadores mais cobiçados do futebol europeu.

Futre e Gil y Gil tiveram uma relação de amor e ódio que se manteve até a morte do dirigente (2004). O jogador português foi um

histórico capitão do Atlético de Madrid e já lembrou várias vezes do comportamento de Gil y Gil em relação aos técnicos. Bastava que o time ficasse dois jogos sem vencer para que houvesse o perigo real de uma mudança no banco. Poucos foram os treinadores, ao longo do reinado gilista, que conseguiram ser donos do banco. O treinador era o próprio presidente. Dobrava técnicos, desgastava-os, enlouquecia-os. Depois de lidar com Gil y Gil, muitos deles precisavam passar os meses seguintes em tratamento psicológico. O caso mais sintomático foi o de Arrigo Sacchi,

um dos melhores técnicos de todos os tempos do futebol mundial. Suas inovações táticas e sua liderança serviram de objeto de estudo e grande influência para muitos treinadores da nova safra, entre os quais se inclui Mourinho. Sacchi é o pai material do grande Milan que dominou o futebol mundial entre finais da década de 1980 e inícios da década de 1990. A equipe demolidora do trio holandês formado por Rijkaard, Gullit e Van Basten. Para muitos, talvez a melhor equipe da história, juntamente com o Real Madrid de Di Stéfano ou o Barcelona de

Guardiola.

Sacchi assinou com o Atlético na temporada 1998/1999. E já era tudo isso. Um senhor da história do futebol, uma lenda viva. Não carregava somente o status de um dos melhores da atualidade. Ainda em atividade já era, de forma quase unânime, um dos melhores da história. E aqui o "quase" fez toda a diferença. Para Gil y Gil, dava no mesmo, tratava-se somente de mais um técnico que ele tinha contratado para o clube. Era assim mesmo que ele falava quando alguém punha em dúvida alguma de suas decisões: "É o meu clube e faço o que quiser",

tal como Futre lembrou várias vezes.

Bastaram sete meses para Sacchi apresentar o pedido de demissão por já não ser capaz de trabalhar com o louco Gil y Gil. Sete meses! Em 2001, o italiano ainda passou pelo Parma numa experiência que durou apenas três jogos. Foi afastado por ordem médica e nunca mais voltou a treinar. Mais tarde, admitiu o pesadelo que foi trabalhar com o presidente dos *colchoneros* — um pesadelo que precipitou o fim de sua carreira. É preciso notar que, até a experiência no Atlético de Madrid, o técnico italiano era

conhecido por ter uma liderança de ferro, impermeável às manias diretivas. Mourinho também foi muito influenciado por esse estilo. Basta ver que Sacchi trabalhou com Berlusconi (outra personalidade difícil) durante as três temporadas de ouro do Milan. Mas em matéria de prepotência para com seus técnicos, Berlusconi nunca pode ser comparado a Gil y Gil. Ninguém pode, aliás.

O espanhol é o símbolo máximo dos dirigentes castradores da liberdade do treinador, como o homem que proibiu o pai de Mourinho de pôr o filho para jogar

pelo Rio Ave. É a hipérbole total do presidente ditador. Com um desequilíbrio permanente, quase como se fosse bipolar. Tão depressa podia dizer a um jogador que o a m a v a (como aconteceu com Futre), como podia dizer que queria matá-lo. Na hora das derrotas, desfazia de seus atletas, sem que qualquer técnico se atrevesse a se colocar no seu caminho. As suas frases diziam tudo: “É para pegar uma metralhadora e fuzilá-los”; “O meu erro foi tratar os jogadores como pessoas”; “Alguns jogadores não mereciam viver”; “Os jogadores são como bonequinhos de marzipã.

Por mim, que morram".

Esse é o tipo de presidente que Mourinho despreza e com quem nunca trabalharia. A essa altura, também podemos dizer que o contrário seria uma realidade. Gil y Gil jamais contrataria alguém como Mourinho, pois gostava muito do palco para poder dividi-lo com um técnico, quanto mais para abandonar totalmente os holofotes e ver um funcionário seu ficar com todo o protagonismo. Gil y Gil era a favor da liderança pelo medo. Achava que deviam obedecer-lhe apenas porque era ele quem pagava. Achava que deviam aceitar

tudo o que dizia, porque tinha o poder de contratar ou despedir quem quisesse. Uma conduta totalmente oposta àquela que Mourinho pratica com os jogadores.

Antes de começar um novo trabalho, Mourinho envia sempre uma carta aberta ao seu futuro plantel. Nesse documento, reforça que o futebol é um esforço coletivo e que cada indivíduo tem que pôr a missão da equipe acima de sua ambição pessoal. Pede o compromisso de todos e oferece em troca a sua dedicação máxima para que os objetivos gerais sejam atendidos. Sem a imposição de sua

autoridade. Em resumo, não quer que os jogadores façam o que ele diz apenas por causa do cargo que ocupa, tal como gosta de explicar.

"Comigo não há mais o 'Eu o respeito porque você é o meu treinador'. Em vez disso, há: 'Eu o respeito porque você é bom, eu o respeito porque é honesto comigo, eu o respeito porque está me ajudando a melhorar e eu sinto isso'. Dizer que me respeitam só porque sou o treinador é como dizer: 'Eu o respeito porque você é da polícia'."

Além disso, se tiver de criticar um dos seus jogadores, é um direito

unicamente seu (porque faz parte de uma estratégia interna de motivação) e nunca do presidente ou de qualquer outro elemento da direção ou da comissão técnica. E jamais iríamos ouvi-lo dizer "que morram" ou "não merecem ser tratados como pessoas", como fazia Gil y Gil. O presidente que não aceitar essas regras é um presidente com o qual o treinador português não pode trabalhar.

Mourinho é um líder forte e um rebelde que não aceita ser dobrado. Como Tyler Durden, o personagem principal de *Clube da luta*, o livro do escritor Chuck Palahniuk, levado ao

cinema pelo diretor David Fincher, em 1999, que conta com Brad Pitt no papel principal. Tyler é um desajustado, um rebelde que não aceita viver segundo as regras sociais impostas. Um marginal, anticapitalista, anticartão (de crédito), anticonsumista. "Anti" qualquer coisa que o domestique e o torne mais um elemento do rebanho. Descobre a sua válvula de escape através de um clube de combate onde ele e outros homens podem despir as máscaras impostas pela sociedade para se soltarem entre socos, pontapés e sangue. "Se você nunca lutou, não sabe nada

sobre si mesmo.” Esta é uma de suas máximas.

A luta de Mourinho não é física, mas é permanente. Luta contra os adversários, luta contra os seus presidentes (se tiver que ser), luta para ganhar, luta pelos seus jogadores, por suas equipes, pelos torcedores e por si próprio. Vai se conhecendo cada vez melhor nessa batalha, porque se coloca em situações-limite. Para ser sempre capaz de reagir sob a máxima pressão. Também luta de uma forma nova no futebol: intensa, inesperada e, por isso, muito criticada por alguns adversários.

Por outro lado, Tyler (Brad Pitt) é o alter ego do narrador (Edward Norton). É o seu lado mais corrosivo, mais *cool*, mais revolucionário, mais explosivo. Um sujeito que tem tudo o que é preciso para não se deixar embriagar pelas regras de controle de uma sociedade consumista. Tem a coragem para fazer o que quer e ser marginal a todas as imposições de um mundo pré-fabricado.

Mourinho-treinador é o Tyler de José-homem. Mourinho-treinador é o personagem criado por José-homem para sair da banalidade e quebrar as regras do jogo. É o lado

rebelde e polêmico de um homem pacato. Uma vez mais: é o anti-herói. Um *bad boy*. Uma figura rock ‘n’ roll, agressiva, arrogante. Instigadora e sedutora ao mesmo tempo. O futebol precisava voltar a ter alguém assim. Um insubmisso como os homens de outras eras. Exemplo: Mourinho está para os técnicos como Cantona esteve para os jogadores.

CAPÍTULO 3



O TÉCNICO ROCKSTAR

Quando as gaivotas seguem os barcos de pesca é porque pensam que alguém vai atirar sardinhas no mar.

ÉRIC CANTONA

(EX-JOGADOR DO MANCHESTER UNITED)



"O MELHOR MOMENTO DA MINHA CARREIRA? Tive vários, mas o meu preferido foi quando dei o pontapé no *hooligan*."

Éric Cantona nunca se

arrependeu dos acontecimentos de 25 de janeiro de 1995, o dia em que o rei do Manchester United cometeu a agressão mais midiática da história do futebol.

O United visitou o Crystal Palace em jogo realizado pela Premier League. Uma batalha dura, em todos os sentidos. O zagueiro Richard Shaw (considerado o melhor jogador do Palace naquela temporada) estava travando um duelo intenso com Cantona. Cometera muitas faltas, algumas que roçavam a violência, sem nunca ser punido disciplinarmente. Na saída para o intervalo, Cantona foi

falar com o árbitro e lhe perguntou: “Não há cartões amarelos?”. Um discurso muito tranquilo em comparação com o habitual temperamento irascível do francês. O técnico Alex Ferguson foi mais duro: “Por que você não faz a merda do seu trabalho?”. Ambos ficaram sem resposta.

Chegou o segundo tempo. Aos 16 minutos, o goleiro Peter Schmeichel chutou a bola até a área de Cantona. Shaw deu outro pontapé no francês. O árbitro de novo não fez nada. Cantona se fartou e devolveu o pontapé ao adversário. Shaw fez o seu teatro, o

árbitro assistente apontou a agressão e Cantona viu um cartão vermelho seis meses depois da última vez (vinha sendo um recorde pessoal).

Como foi apanhado em flagrante, não protestou. Aceitou a decisão e se encaminhou para os vestiários. Calmamente, junto à linha lateral, passando ao lado dos torcedores da casa. Mas a agressão em Shaw foi uma brincadeira comparada com o que veio a seguir.

Quando está quase chegando ao túnel, Cantona é insultado por um torcedor do Palace. Reage com um pontapé de kung fu e um soco.

Ainda tenta subir a arquibancada, mas Schmeichel consegue agarrá-lo e pôr fim ao espetáculo. O goleiro dinamarquês, no entanto, não chega a tempo de evitar a punição do seu colega de time: suspenso de todas as competições por oito meses e condenado a duas semanas de prisão, trocadas por 120 dias de trabalho comunitário.

Dias depois, o francês convoca uma coletiva de imprensa para falar sobre o incidente. Todos esperam um pedido de desculpas, arrependimento e, se possível, algumas lágrimas acompanhando. Mas estamos falando de Cantona…

“Quando as gaivotas seguem os barcos de pesca é porque pensam que alguém vai atirar sardinhas no mar. Muito obrigado a todos!”

Levanta-se logo a seguir e abandona a sala, deixando a plateia boquiaberta. Ainda hoje ninguém sabe ao certo o que ele quis dizer. Há várias interpretações. A mais comum é a de que os jornalistas seriam as gaivotas, que seguem o barco de pesca (Cantona) à espera de sardinhas (sangue, mais confusão, mais polêmica), mas não iriam levar nada dali, a não ser essa declaração — que teve tanto de enigmática quanto de histórica.

Cantona regressaria depois do castigo e seria novamente recebido como um deus vivo pelos torcedores de Old Trafford. Jogou mais duas temporadas e se aposentou. Antes do tempo, antes do esperado, mas com ele sempre foi assim. Viveu como quis e saiu quando lhe apeteceu.

Em 2001, já aposentado, foi a um programa televisivo francês e ficou indignado quando dois dos jornalistas presentes lhe disseram que o seu pontapé no torcedor do Palace era "imperdoável". Cantona explodiu:

"Imperdoável, não. A palavra

certa é indefensável. Mas nunca imperdoável. Imperdoável foi o que os católicos fizeram nos séculos XII e XIII quando mataram milhares e só agora é que o papa veio pedir perdão [...]. Classificar o meu pontapé de imperdoável é um insulto. É como ser comparado a esses católicos e ao papa. [...] Se for preciso mando o papa tomar no cu, assim como os jornalistas, inclusive vocês dois."

Sim, ele disse isso. Palavra por palavra.

Cantona é assim, um desajustado. Uma figura indomável, sem qualquer problema em dizer o

que sai de sua alma. Por mais polêmico que seja. A língua afiada juntava-se à gola levantada, ao rosto cerrado e à postura monárquica. Uma imagem marcante que se confunde com a própria história do United. Durante as cinco temporadas que ele passou em Old Trafford, conquistou quatro campeonatos nacionais, duas Copas da Inglaterra e três Supercopas. Uma mistura explosiva de talento e rebeldia. Para os torcedores do United, não há outro como ele. Consideram-no o melhor jogador da história do clube, acima de nomes como George Best, Bobby Charlton,

David Beckham ou Cristiano Ronaldo. E todos esses, ao contrário de Cantona, ganharam uma Liga dos Campeões com a camisa dos *reds*.

Encerrou a carreira aos trinta anos, no auge de sua forma. Justificativa: “Adorava o jogo, mas já não sentia aquela paixão que me levava a ir para a cama mais cedo, a não sair com os meus amigos, a não beber e não fazer tantas outras coisas, as coisas de que gosto na vida”.

Coisas como o futebol de areia, o cinema, a televisão, as campanhas contra o sistema financeiro ou a

direção esportiva do New York Cosmos. São essas as diferentes facetas de um homem que se recusa a viver das lembranças de jogador: “Procuro me expressar de várias formas. Sem isso, estaria morto”.

No entanto, quando lhe perguntam qual o melhor momento da sua carreira, não hesita em recordar o famoso pontapé, em vez de qualquer um dos seus gols decisivos.

Por quê?

“Porque esse tipo de pessoa não merece estar no futebol.”

“Esse tipo de pessoa” são os *hooligans* e racistas, como era o caso

de Matthew Simmons, o torcedor do Palace. Um homem com um histórico de violência, desacatos e xenofobia. Testemunhas que estavam perto dele ouviram-no insultar Cantona, chamando o jogador de "filho da puta francês".

Naquela época, alguns tabloides ingleses eram dominados por uma atitude de hostilidade em relação aos estrangeiros. Apressaram-se em condenar a estrela do Manchester United até descobrirem que, afinal, a sua vítima estava longe de ser um santo. Simmons representava o pior lado do futebol inglês: o sujeito violento, racista, provocador e

covarde que atira pedras e se esconde no meio da arquibancada entre os outros torcedores. Com Cantona, não teve tempo de se esconder. Talvez porque nunca esperasse que o francês tivesse coragem de agredi-lo em pleno estádio. Conta-se que mesmo depois de chegar ao vestiário, Cantona continuava com vontade de voltar ao campo e acabar o que tinha começado. Foi fundamental a atitude corajosa do então roupeiro do United, Norman Davies. Ele se colocou à frente do jogador e lhe disse: “Se quiser voltar ao gramado, você tem que passar por cima de

mim e arrombar a porta do vestiário". Um blefe perigoso, porque Cantona tinha dificuldades para parar quando estava cego pela raiva. Mas deu certo. Davies lhe fez um chá e os dois se sentaram em silêncio.

Quando toda a Inglaterra crucificava Cantona, o jornalista Richard Williams escreveu exatamente o contrário no *The Independent*: "Não precisamos observar muito o sr. Matthew Simmons para concluir que o único erro de Cantona foi parar de bater nele. Quanto mais descobrimos sobre o sr. Simmons, mais

entendemos a agressão de Cantona como a expressão instintiva de um julgamento moral impecável".

Ou seja: emerge, novamente, a admiração pelo anti-herói. Um tipo capaz de ser mau para os maus. Louco, mas corajoso. Irracional, mas justo. Williams descrevia o sentimento de todos aqueles que queriam eliminar o vandalismo e o racismo do futebol britânico. Cantona não deu um pontapé num simples torcedor: deu um pontapé na xenofobia. A sociedade nos ensina a dizer que ele não devia ter partido para a agressão. Temos que dizer isso aos nossos filhos, aos

nossos colegas, aos nossos patrões. Temos que afirmar o contrário do que estamos sentindo, sob pena de sermos considerados apologistas da violência e indivíduos com sérias dificuldades morais. Mas, no fundo, pensamos como Williams. E todos os que abominam tipos como Simmons não conseguem evitar uma sensação de vingança sempre que reveem aquela cena de kung fu.

Os anos passaram. Os pontapés de Cantona — no sentido literal — foram trocados pelos pontapés de Mourinho — na expressão figurativa. Mas a causa e o efeito acabam sendo os mesmos. Cantona

era um marginal com estilo: discurso fluido, inesperado, incendiário e corajoso. Abandonou os gramados precocemente e o futebol inglês ficou órfão de seu rebelde mais querido. Até que a vaga foi preenchida pelo técnico do Chelsea.

Qual a opinião de Cantona sobre Mourinho?

“É muito inteligente, tem um carisma fantástico e uma forma especial de dirigir. Ele disse uma vez que um técnico precisa ser como um ator, e eu concordo com ele”, afirmou numa entrevista ao *Le Matin*, publicada em 25 de março de

2013, quando o técnico português treinava o Real Madrid.

"Chama a atenção com tudo o que faz. Não só por causa de seu ego, mas essencialmente para retirar a pressão de cima dos jogadores. Estamos constantemente falando de Mourinho, apesar de a equipe dele estar repleta de campeões do mundo. Sinceramente, admiro-o bastante. Não sou adepto do seu estilo de jogo, mas ele tem uma personalidade fascinante."

É interessante imaginar o que poderia acontecer se os dois tivessem trabalhado juntos. Talvez não desse certo, talvez os dois egos

fossem impossíveis de compatibilizar no mesmo espaço. Os choques poderiam ser inevitáveis. Mas sem o convívio nunca houve confronto. Por isso, é fácil entender que o jogador mais rock ‘n’ roll de todos os tempos goste da personalidade do técnico rockstar. E não é o único que pensa assim.

Dezembro de 2011. José Mourinho está no meio de sua primeira temporada no Real Madrid. A edição espanhola da revista *Rolling Stone* se prepara para

eleger o seu rockstar do ano — como faz anualmente. Dessa vez, porém, a escolha surpreende o mundo. Não será um vocalista carismático ou um guitarrista virtuoso, mas sim o próprio José Mourinho. Um técnico de futebol elevado à categoria de rockstar. A publicação explicava o motivo:

"A maquiavélica arte de exasperar todo mundo. Essa é a ciência em que é especialista, e muito, José Mourinho, eleito o rockstar do ano pela *Rolling Stone*. Sua atitude desafiadora, sua mensagem polêmica, sua inteligência impertinente e,

sobretudo, o comportamento provocador que demonstra no banco e nas coletivas de imprensa foram alguns dos motivos pelos quais Mourinho acabou sendo o protagonista de nossa última capa do ano."

O título era justamente esse: "A maquiavélica arte de exasperar todo mundo". Acompanhado de uma ilustração de Mourinho, com gravata vermelha, braços cruzados, barba por fazer e olhar desafiante.

Nas páginas internas, Mourinho era apresentado como um anti-herói que "controla o mundo", a par de outros indomáveis como Jeff

Bridges, Tom Waits, George Harrison, os Stone Roses, Hugh Laurie (o famoso dr. House) ou Frances Cobain.

Uma das principais características dos rockstars é o seu egocentrismo. Seria normal que muitas das figuras do rock do planeta não gostassem de ver uma revista musical de referência ser invadida por um técnico de futebol. E eles se queixaram? Criticaram a decisão editorial? Nada disso.

Noel Gallagher, ex-Oasis, ficou deliciado. Deixou-se fotografar mostrando a capa da revista e fez outra manchete mundial: “Amo

Mourinho e quero beijá-lo!”. Uma paixão ainda mais surpreendente se tivermos em conta que Gallagher é um torcedor fervoroso do Manchester City, e Mourinho sempre foi uma figura ligada ao Chelsea. As preferências de clubes, porém, ficavam abaixo da contemplação por um semelhante — por outra figura do rock ‘n’ roll que não precisa tocar qualquer instrumento para ser mais rockstar do que muitos músicos.

A admiração que figuras como Cantona e Gallagher sentem por Mourinho é a prova de que os rebeldes se atraem. Cantona nunca

foi treinado por Mourinho e Gallagher é torcedor de um clube rival, mas eles adoram a personalidade e o estilo do técnico português. Porque Mourinho é rock ‘n’ roll. Como eles. Como outros. Como Zlatan Ibrahimović.

CAPÍTULO 4



MEU QUERIDO REBELDE

Se Mourinho ilumina uma casa, Guardiola fecha as cortinas.

ZLATAN IBRAHIMOVIĆ

(EX-ATLETA DE JOSÉ MOURINHO)

 **NENHUM OUTRO JOGADOR DE FUTEBOL** acentua tanto as diferenças entre José Mourinho e Pep Guardiola como Zlatan Ibrahimović. O melhor jogador de todos os tempos do futebol sueco trabalhou com os dois treinadores.

Na verdade, trocou a Inter de Mourinho pelo Barcelona de Guardiola. Queria realizar o sonho de infância de vestir a camisa do Barça, mas deixou parte do seu coração com o técnico português, como admite na sua biografia *I Am Zlatan Ibrahimović* (2013), escrita por David Lagercrantz: "Por mais feliz que eu estivesse em ir para o Barça, estava triste por deixar Mourinho. É um cara especial".

Bastou uma temporada de trabalho para que os dois sentissem uma ligação muito forte. Com Mourinho, o sueco conquistou seu terceiro campeonato italiano

consecutivo na Inter, sagrando-se o maior artilheiro da liga ao marcar 25 gols (um a mais que Diego Milito, que ainda estava no Genoa e que foi para a Inter na temporada seguinte, exatamente para ocupar a vaga deixada por Ibra). Seu último gol a serviço dos *nerazzurri* foi marcado com uma fantástica finalização de calcanhar. O último ato, a despedida ideal. No seu livro, o atacante também recordou a última conversa que teve com Mourinho antes de rumar para a Catalunha.

Zlatan: “Obrigado. Você me ensinou muito”.

Mourinho: “Você vai para o Barça para ganhar a Champions, não é?”.

Zlatan: “Sim, talvez”.

Mourinho: “Somos nós que vamos levar o troféu para casa, não se esqueça. Vai ser nosso”.

Mourinho não se enganou, foi exatamente assim. Muitas vezes fez comentários ou observações que acabaram por se concretizar. Algo que provoca um misto de admiração e susto nos seus jogadores, como chegou a admitir Didier Drogba no período em que os dois conviveram no Chelsea.

“No banco, eu o ouvi descrever

o que ia acontecer de uma forma quase cirúrgica. Às vezes, isso era algo inquietante. Como se ele pudesse 'ver' o futuro."

O futuro da temporada seguinte cruzou a Inter com o Barça nas semifinais da Champions. Os italianos venceram o jogo de ida por 3 a 1 e viajaram para o Camp Nou com uma boa vantagem, mas sem loucuras. Do outro lado, afinal de contas, estava o melhor time do mundo — os detentores do troféu, os senhores do tiquitaca. Com outra ambição: a final seria jogada no Santiago Bernabéu. Poder conquistar a Liga dos Campeões na

casa do eterno rival do Barcelona era uma motivação extra. Ou uma "obsessão", como disse Mourinho pouco antes do jogo de volta.

"Queremos continuar atrás do nosso sonho, mas para eles [Barcelona] é uma obsessão, e a diferença é muito grande. Para nós, chegar à final é um sonho, porque há mais de quarenta anos que o clube não consegue. Mas o Barça cumpriu o seu sonho em Roma [ao vencer na temporada anterior] e isso se tornou uma obsessão, que se chama Madri e Santiago Bernabéu. Um sonho é mais puro que uma obsessão. Um sonho tem a ver com

orgulho.”

Mourinho justificou essa análise com o conhecimento que adquiriu do tempo que passou em Barcelona. Primeiro, como tradutor e auxiliar de Bobby Robson. Depois, como assistente de Van Gaal.

“Quando digo que é uma obsessão, sei do que falo. Trabalhava no Barcelona em 1997 como tradutor e fui à final da Copa do Rei, que jogamos no Bernabéu contra o Betis. Aí entendi tudo o que significava esse jogo. Parecia que tínhamos ganhado o campeonato mundial. Foi uma alegria impressionante ver a

bandeira da Catalunha e ouvir o hino do Barça naquele estádio. Por isso, falo de obsessão: é antimadridismo. Se foi o que foi na Copa, imagino como seria uma Liga dos Campeões. Mas não quero que se tome isto como uma crítica. Se a final fosse em Turim, também seria uma obsessão para nós [em alusão à grande rivalidade entre Inter e Juventus].”

Mourinho usou a coletiva de imprensa para jogar no ataque num momento em que se dizia que jogadores e torcedores do Barça preparavam um clima de guerra para receber o conjunto italiano.

Antes desse encontro, os catalães venceram o Xerez em jogo válido pela liga espanhola. Os jogadores do Barcelona entraram em campo com uma camisa preta na qual se podia ler: “Barça x Inter, quarta-feira, 28 de abril. Deixarei a minha pele em campo”. O clube também lançou vários vídeos de motivação nas redes sociais, sempre com o mesmo slogan.

Mas foi a Inter que deixou a pele em campo. E começou a delinear sua estratégia com o discurso de Mourinho na coletiva de imprensa. Sempre com o intuito de conseguir alguma vantagem antes do apito

inicial, como faz tantas vezes. Nunca saberemos se suas palavras sobre obsessão enervaram os homens da Catalunha, mas o desfecho é conhecido: a Inter perdeu por 1 a 0. No entanto, passou com um placar agregado de 3 a 2 por causa do resultado do jogo de ida. A equipe de Mourinho ficou reduzida a dez homens logo aos 28 minutos do primeiro tempo, pela expulsão de Thiago Motta. Imaginava-se uma goleada a favor d o s *culés*. O estádio quase veio abaixo quando viu o cartão vermelho mostrado ao atleta da Inter. E houve um massacre, sim.

Mas “um massacre de futebol defensivo”, como Mourinho resumiu no final do jogo. Os italianos alugaram o meio-campo por completo e protegeram sua área numa organização defensiva totalmente militarizada, sem dar espaços a Messi e companhia. Aos 39 minutos do segundo tempo, Piqué marcou o gol do Barça. Insuficiente. Acabava-se a “obsessão” de uns. Continuava o “sonho” de outros.

Esse foi um jogo em que Mourinho usou todas as técnicas psicológicas ao seu alcance para evitar a eliminação. Colocou a

hostilidade do Camp Nou a seu favor numa noite em que tudo estava contra a Inter. A começar pelas arquibancadas: cerca de 98 mil torcedores consumidos pela raiva que sentiam de Mourinho e Luís Figo, o jogador mais odiado na Catalunha depois da polêmica transferência em que trocou o Barça pelo Real. Nessa época, Figo já estava aposentado, mas era funcionário dos *nerazzurri*. Mourinho levou-o para o banco, como parte da comissão técnica, e fez o ódio dos torcedores do Barça ser transferido dos jogadores que entrariam em campo para a área

técnica. Para ele e para Figo. Um golpe de mestre. Não só porque deu resultado, mas porque Mourinho convenceu o ex-jogador a aceitar o desafio, sabendo que seria insultado durante todo o jogo.

Seguiu-se o momento com Guardiola e Ibrahimović. Depois de Thiago Motta ser expulso, Pep chamou o sueco à linha lateral para lhe dar instruções. Mourinho aproximou-se e disse no ouvido do técnico adversário: “Você acha que isto já acabou, mas está longe de acabar”.

A essa altura, a relação entre Ibrahimović e Guardiola já era

tensa. Jogador e técnico tinham problemas de comunicação. Mais tarde, a respeito desse momento, o sueco lembrou uma discussão que teve com o técnico do Barça logo depois da eliminação diante da Inter. Os catalães jogaram contra o Villarreal para conquistar o campeonato espanhol. Guardiola pôs Messi como centroavante em detrimento de Ibra, que explodiu assim que entrou nos vestiários: “Você não tem colhões, se borra todo contra o Mourinho. Vai tomar no cu”. O sueco confessou ter ficado louco e pronto para tudo: “Se eu fosse o Guardiola, teria tido muito

medo”.

Já quando estava no PSG, o atacante voltou a defender que o único clube onde não vingou foi o Barcelona apenas por causa do treinador: “Guardiola é um técnico fantástico, mas como pessoa é um covarde, não é homem. Ele me sacrificou por causa do Messi e não teve a coragem de me dizer. Não tem colhões”, destacou em uma entrevista à revista alemã *Der Spiegel*, publicada em setembro de 2013.

“Messi é um jogador brilhante, não há dúvida, mas eu marcava mais gols que ele. E Messi se

queixou com Guardiola, e isso foi um problema, pois Messi era sua estrela. Assim, Guardiola me colocou para jogar não junto com Messi, mas atrás dele. Queria que eu corresse para trás e para frente, algo que só posso fazer durante algum tempo, pois peso cem quilos. Fico cansado depois de quatro ou cinco sprints."

"Quem me compra sabe que está comprando uma Ferrari. E quem tem uma Ferrari mete gasolina e vai pra estrada em velocidade máxima. Guardiola colocou gás natural e deu um passeio pelo campo. Devia ter comprado um Fiat."

Também não poupou críticas aos colegas de equipe: “Baixavam a cabeça para tudo o que Guardiola dizia, como se fossem alunos numa sala de aula”.

Ibra tinha custado um total de 66 milhões de euros ao Barcelona: 46 milhões mais o passe de Samuel Eto’o, avaliado em 20 milhões. Passou a ser a segunda maior transferência de todos os tempos (ultrapassada apenas pelos 96 milhões de euros que o Real Madrid pagou ao Manchester United por Cristiano Ronaldo nesse mesmo ano). Mas ao final da primeira temporada, o sueco teve que ser

emprestado ao Milan, por já não ter mais condições de trabalhar com Guardiola. Na hora da despedida, deixou claro que era impossível voltar: “É o final que Guardiola desejava”.

“Quando eu entro numa sala, Guardiola sai. Não sei se tem medo de mim. Falou comigo apenas duas vezes em um ano. É o filósofo que destruiu meu sonho de jogar no Barcelona. Ele não me queria aqui e eu não vou fazê-lo perder mais tempo. Ele me tirou a ilusão de jogar futebol e agora quero recuperá-la em outro time.”

Mais tarde, ele também explicou

como decorreu a reunião em que ficou decidido que iria trocar o Barça pelo Milan: “Estava eu, o presidente do Barcelona, Rosell, o vice-presidente, Bartomeu, o diretor-geral do Milan, Galliani, e o meu advogado. Rosell me disse: ‘Quero que você saiba que este é o pior negócio que fiz na minha vida’. E eu respondi: ‘É o resultado da liderança ruim’ [referindo-se novamente a Guardiola]”.

O atacante garante que suportou a relação ruim com Guardiola até muito além dos seus limites habituais de paciência. Segundo ele, o problema estava na forma como o

técnico o ignorava. “Não acho que ele esteja preparado para lidar com sujeitos que tenham personalidade forte. Ele só quer meninos de escola bem-comportados. E pior do que isso: sempre foge dos problemas. Não consegue olhar nos seus olhos, e isso tornou tudo muito pior.”

O sueco admitiu que não aguentava a frieza de tratamento e que se sentia injustiçado. Até que explodiu. “Houve um momento em que pensei: ‘Tenho 28 anos. Marquei 22 gols e fiz quinze assistências só no Barça; mesmo assim, sou tratado como se não existisse, como se fosse ar. Devo

aceitar? Devo continuar me adaptando? Nem pensar!'."

"Quando percebi que ia ficar no banco contra o Almeria [um dos últimos jogos do campeonato espanhol], lembrei-me das palavras dele [Guardiola]: 'Aqui, no Barça, não chegamos ao treino de Ferrari ou de Porsche'. Que papo era esse? Eu dirijo o que eu quiser, especialmente se irritar algum idiota. Entrei na minha Enzo, dirigi e a estacionei na porta do treino. Claro que foi um circo. Os jornais escreveram que o meu carro custava mais que o salário mensal de todo o time do Almeria. Mas eu

não liguei. Merdas da imprensa já não me diziam nada a essa altura. Eu queria apenas responder a ele [Guardiola].”

É preciso registrar que Zlatan sempre foi um rebelde, desde muito novo. Algumas vezes arrogante, egocêntrico e com uma autoconfiança inabalável. Aos dezessete anos já era titular do Malmö e começava a despertar o interesse dos grandes “tubarões” do futebol europeu. Arsène Wenger, técnico do Arsenal, convidou-o para ir a Londres realizar testes. Eis a resposta: “Zlatan não faz testes. Se quiser, que me contrate”. É forte

nas palavras e nas atitudes (talvez o mais rebelde do futebol atual), mas é ainda melhor dentro de campo. No dia em que parar de jogar, será lembrado como um dos atacantes mais espetaculares de todos os tempos. Associa o futebol ao tae kwon do, arte marcial na qual é faixa preta. Algumas vezes vimos Ibrahimović fazer gols com o que pareciam verdadeiros golpes de caratê desferidos na bola. Uma forma única de jogar, inconfundível. O próprio jogador, de origem bósnia, descreve-se desta maneira: “Se o meu estilo de futebol é iugoslavo ou sueco? Nem

uma coisa nem outra. É o estilo Zlatan".

Alguém com esse carisma e essa atitude aprecia um técnico direto — e foi isso que encontrou em Mourinho. Quase amor à primeira vista.

"Mourinho é uma grande estrela. Foi meu treinador na Inter. Na primeira vez que ele viu a Helena, minha companheira, disse a ela: 'Helena, você tem apenas uma missão: alimente o Zlatan, deixe-o dormir e o mantenha feliz'. É daquele tipo que diz tudo o que quer. Gosto dele. É o líder do seu exército, mas também se preocupa.

Na Inter, sempre me mandava mensagens para saber como eu estava. É exatamente o oposto de Guardiola."

"Ele se conectou comigo antes mesmo de nos conhecermos. Tornou-se um homem por quem, basicamente, eu estaria disposto a morrer."

Essa ligação foi recíproca: já depois da experiência na Inter, Mourinho admitiu que adorou trabalhar com Zlatan.

"Não entendo quando as pessoas dizem que ele é um tipo complicado para trabalhar ou que tem uma personalidade difícil. Quando você

tem alguém que é um vencedor e quer vencer sempre, acho que é muito, muito fácil. Só o treinei por um ano, mas foi um bom ano, uma boa experiência, e considero-o um dos melhores jogadores com quem já trabalhei."

Os dois, técnico e jogador, sentiram uma conexão especial desde o primeiro momento. Mourinho tenta estabelecer laços com seus jogadores ainda antes de começar a treiná-los. Sempre que aceita um novo trabalho, inicia as comunicações com seus futuros atletas. No caso de Ibra, aconteceu quando o jogador estava disputando

a Eurocopa 2008, a serviço de sua seleção.

"Disseram-me que Mourinho, o meu novo técnico na Inter, iria me ligar e pensei: 'Aconteceu alguma coisa?'. Mas ele só queria me dizer que estava ansioso para trabalhar comigo. E falou italiano. Não entendi. Mourinho nunca tinha treinado um time da Itália, mas falava o idioma melhor do que eu. Parece que tinha aprendido a língua em três semanas [na verdade, foram três meses]. Nem conseguia acompanhá-lo. Mudou para o inglês e depois compreendi tudo: esse cara se preocupa. Após o jogo contra a

Espanha, recebi uma mensagem de texto: 'Bom jogo', escreveu, e depois me deu alguns conselhos. Isso nunca tinha acontecido comigo. Uma mensagem do técnico! Eu estava jogando pela Suécia, algo que não tinha nada a ver com ele. Mesmo assim, ele se envolveu. Isso fez eu me sentir querido."

Zlatan percebeu também que Mourinho mandava aquelas mensagens com um objetivo claro: queria a sua lealdade. Mas, apesar da estratégia, o sueco ficou satisfeito pela forma de se comportar do novo técnico. Era o início de uma grande relação.

“Gostei dele imediatamente. Logo aconteceu o clique. Ele trabalha duro, duas vezes mais duro que os outros. Nunca conheci um técnico com tanto conhecimento dos adversários. Sabia até o número das chuteiras do terceiro goleiro. Todos percebemos imediatamente: esse cara sabe o que faz. Sentia-me cada vez mais como aquele jogador que dá tudo pelo time e queria dar tudo por ele. Era uma qualidade que ele tinha: estávamos dispostos a matar por ele.”

Esse “clique” que Mourinho provocou não aconteceu apenas com Ibra. Foram vários os

jogadores da Inter que lhe juraram fidelidade eterna. Incluindo Materazzi, um homem duro, pouco dado a sentimentalismos, de personalidade muito forte. Melhor ainda: na segunda temporada de Mourinho na Inter, o zagueiro central era reserva. Estamos falando de um jogador que foi campeão do mundo em 2006. Era um símbolo da Inter e do futebol italiano, adorado nas arquibancadas. Mas que não desanimou por estar no banco.

Mesmo sem jogar, foi um líder dentro do vestiário. O braço direito de Mourinho junto ao restante dos jogadores. A despedida dos dois se

tornou um momento icônico da história do futebol europeu. A Inter tinha acabado de ganhar a final da Champions diante do Bayern de Munique no Santiago Bernabéu. Mourinho já sabia que ia ser o seu último jogo pelos italianos. Fora do estádio, entrou num carro do presidente do Real Madrid, Florentino Pérez, e se preparava para assinar contrato pelos merengues nessa mesma noite. Quando estava saindo, porém, ordenou ao motorista que parasse porque tinha avistado Materazzi ao lado do ônibus da equipe. Mourinho saiu e foi direto até o jogador. Os

dois se abraçaram, em lágrimas. Ibrahimović já não fazia parte do time, mas entende bem o sentimento: “Materazzi é o zagueiro mais duro do mundo e, no entanto, abraçou Mourinho e começou a chorar. Eu só consigo entender isso de uma maneira: Mourinho desperta sentimentos nas pessoas”.

O holandês Wesley Sneijder está longe de ser rebelde como Ibra ou durão como Materazzi. Mas também não ficou indiferente ao trabalhar com o português. Foi outro dos que disseram que estavam prontos para “matar e morrer” por Mourinho. Esse espírito de entrega

começou a ser desenvolvido pelo técnico logo no início da relação entre os dois.

Mourinho iniciava sua segunda temporada na Inter. Sneijder tinha acabado de chegar ao clube, depois de três temporadas terríveis no Real Madrid. Precisava relançar a carreira. Aterrissou na Itália, na véspera do clássico Milan x Inter, válido pela segunda rodada do campeonato italiano. Jamais esquecerá as primeiras palavras que Mourinho lhe dirigiu: “Você joga amanhã. Titular, desde o primeiro minuto. Confio em você, confio que vai ganhar o dérbi”. Sneijder

garante que nunca tinha passado por uma situação como essa: “Merda, esse cara é grande. Grande!”, pensou.

E o que aconteceu no dia seguinte?

A Inter goleou o rival milanês por 4 a 0, com uma grande exibição de Sneijder, que jogou como titular e foi decisivo. “Acho que fiz um dos melhores jogos da minha carreira. Era como se jogasse desde sempre na Inter, como se Mourinho fosse o meu técnico há muitos anos. Tudo o que aconteceu depois, tudo o que ganhamos juntos, é consequência daquele dia.”

As primeiras impressões são as que ficam. E Mourinho leva bem a sério essa máxima na relação que desenvolve com os jogadores. O que aconteceu a seguir, como disse Sneijder, foi sua melhor temporada entre todas. Ganhou a tríplice coroa e foi um dos jogadores mais importantes dessa histórica Inter de Mourinho. Deu continuidade à sua grande temporada na Copa do Mundo de 2010 a serviço da Holanda. Chegou até a final e perdeu apenas para a Espanha, na prorrogação.

Quando saiu do Real Madrid, Sneijder estava dado como morto

para o futebol de elite. Uma promessa que, afinal, tinha falhado. Mas com Mourinho ele se transformou, em 2010, num dos melhores jogadores do mundo e esteve entre os escolhidos para a Bola de Ouro. O prêmio foi para Messi (com muita contestação), mas Sneijder não esqueceu o seu antigo treinador no discurso que fez durante a cerimônia: “Foi um prazer enorme trabalhar com Mourinho. Para mim, ele é o melhor do mundo”. O português se comoveu com as palavras do seu ex-atleta. Pouco depois, subiu ao palco. Tornou-se o primeiro técnico da

história a ganhar a Bola de Ouro — o Melhor Técnico do Mundo de 2010.

Mas nem todos prometeram "matar e morrer" por Mourinho. Alguns nem sequer ligam para o que ele diz. Não se comprometem, não se entregam. Mario Balotelli é um dos melhores exemplos. Passou duas temporadas com Mourinho na Inter. Já era um caso problemático antes da chegada do português… E continuou sendo. Mourinho era visto como o único homem capaz de disciplinar Balotelli e transformá-lo num "animal de competição", num dos melhores jogadores do mundo.

As condições estavam lá. Mas a mentalidade não apareceu.

Balotelli é um desajustado. Alguém mais conhecido pelas aventuras fora de campo do que pelas proezas alcançadas no gramado. Um dia, quando estava no Manchester City, chegou a um posto para pôr gasolina no carro e teria dito a todos os presentes que abastecessem às suas custas. Noutro momento, foi parado pela polícia de trânsito e lhe perguntaram por que tinha uma mala cheia de dinheiro no automóvel. "Porque sou rico", respondeu. Também saiu de um cassino onde tinha ganhado 25 mil

libras e deu mil a um sem-teto que encontrou na rua. Por outro lado, atirou dardos em atletas das categorias de base do City e arremessou alguns tomates contra um técnico do campeonato italiano. Incendiou a própria casa com fogos de artifício, além de vestir uma camisa do Milan quando jogava na rival Inter. Pior de tudo: foi expulso muitas vezes, prejudicando seus times. Um jogador, segundo seus treinadores, no qual não se pode confiar. Mourinho tentou, teve muitas brigas com Balotelli. E acabou desistindo. Tal como tinham feito seus antecessores, tal como

fizeram seus sucessores. Todos eles. Balotelli é capaz de levar qualquer técnico à loucura, e Mourinho não foi exceção. Difícil enquanto durou, divertido depois que acabou.

Já em 2012, quando estava no Real Madrid, Mourinho deu uma entrevista à CNN e recordou os momentos que passou com o atacante italiano. Não foi capaz de controlar as gargalhadas.

"Alguns dos jogadores mais problemáticos foram engraçados", começou dizendo. "Poderia escrever um livro de duzentas páginas sobre os dois anos que passei na Inter com o Mario [Balotelli]. Mas o livro não

seria um drama: seria uma comédia.”

Uma comédia, nesse caso, porque tudo acabou bem para a Inter, mesmo com as diabruras de Balotelli.

“Fomos jogar no campo do Rubin Kazan pela Champions. Nesse jogo, todos os meus atacantes estavam indisponíveis. Não tinha o Milito nem o Eto’o. Estava com problemas, e Mario era o único. Levou amarelo aos 42 ou 43 minutos do primeiro tempo. No intervalo, no vestiário, usei catorze dos quinze minutos que eu tinha apenas para falar com ele: ‘Mario,

não posso te substituir, porque não tenho outro atacante no banco. Não toque em ninguém. Jogue apenas com a bola. Quando perder a bola, não reaja. Se alguém te provocar, não reaja. Se o árbitro errar, não reaja. Por favor, Mario'."

O resto da história?

"Recomeça o jogo. Um minuto do segundo tempo: cartão vermelho para o Mario. No primeiro minuto do segundo tempo, cartão vermelho."

Mourinho lembrou essa história com um sorriso enorme, mas não se divertiu quando viu seu jogador ser expulso. Mesmo com um homem a

menos, a Inter conseguiu aguentar o empate em 1 a 1 até o final do jogo. Nesse mesmo ano, conseguiria conquistar a Champions. Mas Balotelli esteve longe de ser decisivo. Depois de certa altura, Mourinho prescindiu dele nos jogos importantes. O comportamento de Balotelli não mudava, era assim com técnicos e jogadores. Ibrahimović foi outro que teve problemas com o italiano.

"Já tínhamos ganhado o *scudetto*, mas eu queria ser o artilheiro. Ser *capocannoniere* [nome que se dá ao maior artilheiro do campeonato italiano] é pôr seu

nome na história. Nunca um sueco tinha alcançado esse feito desde Gunnar Nordahl em 1955. Agora eu tinha essa oportunidade."

Diego Milito (então no Genoa) e Marco Di Vaio (Bologna) eram os dois adversários de Zlatan antes das duas últimas rodadas. Previa-se uma disputa acirrada.

"A questão sobre a artilharia não era com Mourinho, mas ele foi à frente e disse: 'Agora vamos todos garantir que o Ibra consiga ficar em primeiro'. Todos iriam me ajudar, e todos disseram que eu podia contar com eles. Mas Balotelli, esse maluco, num dos últimos jogos,

ganhou a bola na área e eu comecei a correr. Fiquei sozinho, sem nenhum zagueiro à frente do gol. Era uma ocasião perfeita. Mas o Balotelli continuou driblando. Olhei para ele e pensei: 'Que merda você está fazendo? Não devia me ajudar?'. Fiquei irado, mas, claro, ele era jovem. E marcou o gol. Nesse momento, nem consegui começar a gritar com ele. Mas fiquei fulo, assim como todo o nosso banco."

O sueco acabou conseguindo ser o *capocannoniere* no último jogo, mas nunca esqueceu aquela atitude do Balotelli. "Balotelli Maluco",

como é chamado na Itália, saiu da Inter e foi para o Manchester City, onde voltou a trabalhar com Roberto Mancini. Na primeira temporada, marcou gols importantes e foi decisivo para a conquista do campeonato nacional da sua nova equipe. Mas a temporada seguinte trouxe o velho Mario: imprevisível, irregular, indisciplinado. Uma bomba-relógio pronta para explodir em campo a qualquer momento. O City também o dispensou. Mario retornou à Itália, dessa vez para o Milan. Foi bem recebido, como se pudesse ser um salvador, o homem capaz de

devolver os *rossoneri* aos períodos de glória na Itália e na Europa. Acabou rápido — o clube logo quis se livrar dele, passar o problema para outros.

Balotelli foi dos poucos jogadores rebeldes de grande potencial que Mourinho não conseguiu mudar. Tinha feito um milagre com Joe Cole, durante sua primeira passagem pelo Chelsea, e esperava-se que pudesse alcançar o mesmo com o italiano. Mas Balotelli continua igual. De vez em quando, dá o ar de sua graça com um belo gol ou uma boa exibição. Pouco, muito pouco para um

jogador com o seu potencial. Mourinho chegou a acusá-lo de não dar tudo de si quando entrava em campo. Balotelli, já no City, respondeu ao ex-técnico: “Mourinho é o melhor técnico do mundo, mas como homem tem que aprender o que é educação e respeito”.

Uma troca de acusações da qual não resultou qualquer ódio de estimação. Pelo contrário: em 2014, quando o Chelsea procurava um atacante, o italiano praticamente ofereceu seus serviços a Mourinho.

“Claro que eu gostaria de jogar novamente sob o comando dele. Nos meus primeiros períodos na

Inter tivemos alguns problemas, mas isso se converteu em respeito mútuo e agora temos uma verdadeira amizade."

A resposta de Mourinho: "Não vou ser treinador do Milan ou da seleção italiana, mas ele é um bom rapaz e alguém com quem eu gostaria de voltar a trabalhar".

São homens distintos, mas têm em comum uma queda natural para a polêmica. Com Balotelli, tudo acontece por imaturidade e uma tendência permanente para fazer asneira. Com Mourinho, tudo acontece para atingir os objetivos de vitória. Ambos são anti-heróis do

futebol moderno. Cada um à sua maneira. Apesar das divergências que tiveram na Inter, nota-se que não guardaram rancor. Souberam seguir em frente, trocam elogios. Mourinho até parece se divertir quando recorda os tempos que passou com Balotelli. Não é um rival, não é um inimigo, e também não pode ser considerado uma triste recordação. Mourinho parece não ter trazido inimigos da passagem pela Inter. Os seus antigos jogadores continuam a adorá-lo e não se importariam de voltar a trabalhar com ele — um sentimento recíproco. Muito diferente do que

aconteceu no Real Madrid. Com Pepe, com Cristiano Ronaldo, com Sergio Ramos, com Casillas. Com todo o mundo madrilenho.

CAPÍTULO 5



ENTRA O VILÃO

Fredo, você é meu irmão mais velho e eu te amo.
Mas nunca mais volte a tomar partido de alguém contra a família. Nunca mais!

MICHAEL CORLEONE

(PERSONAGEM DE *O PODEROSO CHEFÃO*)



MICHAEL ERA O FILHO PRÓDIGO de Don Vito Corleone. Não queria ter nada a ver com os negócios da família, e seu pai também desejava

que ele escapasse do mundo da máfia. Alistou-se no exército norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial e voltou como herói depois de um ferimento numa batalha. Desejava ter uma vida normal, pacífica, longe de todo o universo do crime organizado. Mas foi sugado para essa realidade quando tentaram assassinar seu pai. Nesse momento, ofereceu-se para matar o homem responsável, Virgil Sollozzo, e também McCluskey, o capitão da polícia que agia como guarda-costas de Sollozzo. Assassinou os dois num restaurante e teve que desaparecer, durante

algum tempo, na Sicília, onde compreendeu a fundo as origens da família e as próprias raízes. Sonny, seu irmão mais velho, foi assassinado nos Estados Unidos. O outro irmão, Fredo, era visto como o mais fraco dos três e não podia assumir os negócios da família. Isso deixava Michael como o herdeiro legítimo para o cargo de poderoso chefão. Assumiu assim a posição e abandonou os sonhos de ter uma vida diferente. Surge então um homem que carrega a pesada herança da família, alguém que teve que aceitar um destino contra a sua vontade para proteger a honra

daqueles que mais amava. Um homem bom, inteligente, que teria de construir uma personalidade dura e implacável para sobreviver num universo comandado pela violência e pela corrupção.

Esta é uma parte da história de *O poderoso chefão*, livro escrito por Mario Puzo e levado ao cinema por Francis Ford Coppola. Ainda no início de sua nova vida de chefe da máfia, Michael (interpretado por Al Pacino) parecia diferente de seus irmãos e dos outros criminosos. Casa-se com Kay Adams, uma mulher não italiana, e começa sendo um bom marido e um pai

presente. Mas a vida em que foi obrigado a entrar força-o a se distanciar do homem que queria ser para se transformar no homem que tinha que ser. Acaba se tornando refém do seu próprio mundo. Do mundo que queria ter evitado quando jovem. É consumido por esse novo jogo e afasta-se de muitos dos valores que antes defendia. Passa a ser cada vez mais cruel, inclusive com Kay. E mostra-se incapaz de perdoar. É aqui que o anti-herói dá vários passos para o caminho errado, para se transformar num vilão.

Tudo piora quando ele é traído

por Fredo, o irmão mais velho. Aquele que cresceu ao seu lado, aquele que Michael sempre protegeu e amou. A traição veio de onde doía mais. Fredo foi consumido pela inveja e manipulado para ajudar a matar Michael. Mas os planos falham: o poderoso chefão sobrevive, descobrindo tudo. E começa resistindo ao impulso de mandar assassinar o próprio irmão.

"Eu sei que foi você, Fredo. Me partiu o coração! Me partiu o coração!"

Expulsa Fredo da família e lhe diz que não vai se vingar, mas que

já não existe qualquer ligação entre eles.

"Fredo, agora você não significa nada para mim. Não é meu irmão, não é meu amigo. Quando visitar a nossa mãe, quero saber com um dia de antecedência para não estar lá."

Fredo é rejeitado e teme pela própria vida. Michael diz a seus homens que não quer que nada aconteça a seu irmão enquanto sua mãe for viva. A mãe morre. Nesse momento, pensamos que Fredo será assassinado, mas Michael o aceita de volta — a pedido da irmã, Connie. Parece que o poderoso chefão foi capaz de perdoar aquele

homem fraco, covarde e inseguro. Fredo passa a ser um pobre-diabo, perdido, inofensivo, solitário. Amargurado e arrependido por ter traído o irmão. E faz tudo para agradá-lo.

Começa a desenvolver uma relação terna com o sobrinho Anthony, filho de Michael. O chefão implacável volta a ter os sentimentos do jovem que havia retornado da guerra, volta a mostrar que é capaz de perdoar. E o público de novo simpatiza com Michael, como antes. Como se o vilão regressasse para o seu lugar de anti-herói. Os mais bondosos

veem a história se desenrolar com um sentimento de aprovação: “Boa, Michael. Aceite-o de volta. Afinal de contas, é o seu irmão e, nesse momento, não passa de um desgraçado pronto a fazer tudo por você”.

Mas é apenas uma ilusão: quando tudo parece estar bem, quando o assunto parece encerrado, Michael ordena que Fredo seja assassinado. Um tiro na cabeça, o preço da traição. O público reprova: “Não, Michael. Você foi longe demais”.

Mourinho é apenas um técnico de futebol. Mas trata seus jogadores

como família, representa-os contra tudo e contra todos. E exige lealdade total em troca. Quer um vestiário blindado, com um discurso uniforme, alinhado com o seu. Alinhado com aquilo que considera ser o melhor para a equipe. Tal como numa guerra, não se pode dar armas ao inimigo, não se pode ter homens com tendência para a traição. Basta um para os adversários explorarem essa fraqueza e tudo ficar comprometido. A família tem que estar unida. E falar com uma só voz: a voz de Mourinho, a voz da equipe.

Ele sempre consegue. Ou melhor, quase sempre. No Real Madrid não foi assim: a família merengue, a seu ver, teve vários Fredos. A começar por Pepe, que foi um dos seus soldados preferidos. Os dois se defenderam mutuamente, como se fossem apenas um. Mourinho protegeu Pepe mesmo quando o zagueiro teve alguns comportamentos violentos.

Num dos clássicos entre Real e Barcelona, Pepe pisou na mão de Messi e viu um cartão amarelo. Agressão para os *culés*, ato involuntário para os merengues. Pepe até gravou um vídeo, exibido

no site do Real, em que dizia que não teve qualquer intenção. “Mas se Messi se sente ofendido, peço-lhe desculpas. Procuro sempre defender ao máximo a minha equipe e a minha instituição. Nunca me passou pela cabeça machucar um companheiro de profissão.”

O passado de Pepe punha logo em dúvida esse discurso. Estamos falando do mesmo jogador que, em 2009, foi suspenso por dez jogos por ter chutado duas vezes um adversário (Casquero, do Getafe) depois de tê-lo derrubado. E iria continuar se não o agarrassem. Mesmo com esses antecedentes,

Mourinho nunca iria deixar um dos seus homens ser chacinado pela imprensa.

"Em que vocês se baseiam para dizer que o pisão de Pepe [em Messi] foi involuntário?", perguntou uma jornalista.

"Se você quiser chamar Pepe de mentiroso, está no seu pleno direito de fazer isso, mas depois aceitará as consequências. Se quiser chamá-lo de mentiroso, vá em frente e assuma."

Os jornalistas insistiram, e Mourinho continuou oferecendo o corpo às balas pelo seu jogador, ao mesmo tempo em que aproveitava

para espetar algumas farpas no rival Barça:

"Vocês são muito chatos com o assunto do Pepe. Já vi que não duvidam quando um jogador faz um comentário racista e depois o nega [referindo-se a Busquets, com Marcelo, no jogo das semifinais da Champions]. Vi um técnico [Guardiola] confiar plenamente no que disse seu jogador e todo mundo acreditou nele, incluindo a Uefa, o órgão máximo. Se o Pepe disse publicamente que o pisão não foi intencional e se alguns de vocês acham que ele é mentiroso, como essa companheira que duvida da

dignidade de uma pessoa, então que digam e assumam.”

Ponto final no pisão de Pepe em Messi.

A relação de lealdade entre jogador e técnico durou duas temporadas. Começou a desabar no meio do terceiro e último ano que Mourinho passou no Santiago Bernabéu, por causa do talento de um jovem chamado Raphaël Varane.

Pepe esteve lesionado e, quando voltou, a dupla de zagueiros centrais era composta de Sergio Ramos e Varane. O luso-brasileiro ainda jogou ao lado de Varane,

quando Ramos passou para a lateral direita. Um desses jogos se transformou na noite de pesadelos do Real Madrid, quando a equipe perdeu por 4 a 1 na casa do Borussia Dortmund pelas semifinais da Champions. No jogo da volta, já com Pepe no banco, o Real ganhou por 2 a 0, mas não foi o suficiente para chegar à final e perseguir o sonho da *Décima* (seria a décima Champions conquistada pelo clube, algo que aconteceu em 2014, já com Carlo Ancelotti no comando dos *blancos*).

Ao mesmo tempo em que Pepe passava de zagueiro preferido a

reserva, Mourinho continuava a travar uma dura batalha com Iker Casillas — o goleiro do Real Madrid f o i relegado ao banco depois da contratação de Diego López. Mourinho nunca escondeu que queria outro dono para o gol do Real, teve divergências com Casillas quase desde o início. O problema era que Casillas era um símbolo do clube e do futebol espanhol, um herói nacional, fundamental na conquista da Copa da África do Sul, em 2010. E a opção por outro goleiro tornou-se uma espécie de assunto de Estado. Ocupava mais espaço nos jornais esportivos

espanhóis que qualquer outro tema relacionado com o Real. Era o inevitável tema de conversa nas coletivas de imprensa, com várias críticas a Mourinho por ter colocado San Iker (como ele é chamado na Espanha) para assistir aos jogos do banco.

Fernando Burgos, jornalista da Onda Cero, era um dos mais inconformados com a situação — um defensor inabalável de Casillas. Mourinho estava atento a todas as suas intervenções e se preparou para confrontá-lo numa coletiva de imprensa: antecipou a pergunta e levou um papelzinho para

desacreditar Burgos diante de todos os seus colegas. Eram frases pronunciadas pelo jornalista no passado, mencionadas agora na véspera do jogo contra o Galatasaray, pela Champions. Um grande palco para o ajuste de contas com o jornalista que defendia Casillas.

Burgos perguntou: “Pela primeira vez desde que você chegou ao Real Madrid, o time está há sete jogos oficiais consecutivos sofrendo gols e apenas uma vez conseguiu manter a meta sem ser vazada nas últimas doze partidas. A que atribui o fato de a equipe estar assim

defensivamente?”.

Mourinho respondeu: “Eu atribuo, como sempre ou quase sempre, ao rendimento da equipe. E principalmente neste caso, em que nosso goleiro [Diego López] está tendo atuações que só são criticáveis por alguém que não é imparcial. Como, por exemplo, você [tira o papel do bolso]. Tenho aqui umas palavras suas de alguns anos atrás, em que disse o seguinte: ‘O jogador X joga por decreto. É um dilema que não acaba. Não aceito que existam titulares por decreto e que um jogador jogue, esteja como estiver. Um técnico que concede

esse privilégio prejudica a equipe, não se pode manter um jogador titular por status, o histórico não pode montar o time titular. Não há problema se jogar aquele que está melhor. O Real não pode fazer um jogador titular por decreto. Deve-se lutar por todos os títulos com os jogadores mais em forma e não com os jogadores com mais cartaz'".

Mourinho termina a leitura. E acaba com o jornalista: "Fico por aqui, porque já sabemos que você não é imparcial na sua análise".

Nunca se tinha visto nada igual. Só podia vir de um técnico que já admitira, em outras ocasiões, se

preparar para as coletivas de imprensa tal como faz com os jogos e treinos.

Ele também chegou a dizer que gostava mais de Diego López que de Casillas. Em maio de 2013, na preparação para o jogo da liga espanhola contra o Valladolid, foi mais longe: “Devia ter contratado Diego López no final da minha primeira temporada [o goleiro chegou no meio da terceira temporada de Mourinho]”.

Pepe saiu em defesa de Casillas:

“É preciso ter mais respeito por Iker. As declarações do *mister* não foram as mais adequadas. Iker é

uma instituição no Real Madrid e na Espanha. Os jogadores estão com ele."

Não ficou sem resposta.

"É muito fácil analisar as declarações de Pepe. O seu problema tem nome e se chama Varane. A partir daqui, não há mais história", aludindo à titularidade do francês de dezenove anos.

"Pepe não tem que ser muito inteligente, basta ser uma pessoa normal, como eu, para perceber que estamos falando de frustração. Não é fácil para um homem de 31 anos, com passado, ser atropelado por um rapaz de dezenove anos. Varane é

um garoto fantástico e fui eu que tive a coragem de colocá-lo para jogar. [...] O problema é muito simples: a vida de Pepe mudou [ele passou a ser reserva]. Das minhas decisões, essa é uma das poucas que não mereceu discussão pública. Entendo perfeitamente a frustração de Pepe, que se traduziu no que ele disse. As coisas são muito claras, não tenho problemas com ele."

Faltavam três jogos para acabar a temporada no Real. Pepe não voltou a jogar. No mesmo momento, Mourinho aproveitou para abordar novamente a situação de Casillas no habitual estilo irônico

e fulminante.

"Gosto mais de Diego López como goleiro do que de Casillas, é simples. Gosto mais de um goleiro que joga bem com os pés, que domina as saídas e o espaço aéreo. Gosto mais de outro perfil de goleiro. Da mesma forma, Iker pode dizer que gosta mais de um técnico como Del Bosque ou Pellegrini [técnicos anteriores do Real]."

Mas não era tudo: o melhor estava mesmo guardado para o final. Mourinho não iria renovar com o Real Madrid, mas, antes de ir embora, deu uma entrevista ao programa espanhol *Punto Pelota*

fazendo uma espécie de balanço de suas três temporadas no Bernabéu. E voltou a falar de Casillas e de Pepe.

Sobre Casillas…

PERGUNTA: "Como foi a sua relação com Casillas?"

RESPOSTA: "Ele é um jogador, e para mim todos os jogadores são iguais. Talvez aqui na Espanha as pessoas não estejam preparadas para isso. Sou um treinador que procura a meritocracia: quem eu acho que está melhor preparado é que deve jogar, sem olhar para o passado, para o status. Nada. É assim que se trabalha, assim que se

treina, assim que se joga. É algo normal, como foi normal deixar Marco Materazzi, um campeão do mundo, no banco [na passagem pela Inter]. Como foi normal que Benítez pusesse John Terry na reserva [Chelsea] e Ferguson fizesse o mesmo com Rooney [Manchester United]. As pessoas pensam que Iker é melhor do que Diego López e que tem que jogar sempre. Eu aceito, mas o técnico sou eu e eu sou assim. Se há jogadores que modificam o seu modus operandi em função de jogarem ou não, de estarem felizes ou não, é coisa deles."

PERGUNTA: “Acha que Pepe o traiu?”

RESPOSTA: “É uma boa pergunta para ele. A única coisa que posso dizer é que ele esteve com mais de um pé fora do Real e eu o trouxe para dentro, lutei por ele e para lhe proporcionar um contrato mais adequado a um jogador fantástico como ele é. Esteve fora da equipe bastante tempo por lesão, e então começou a jogar um menino com doze ou treze anos a menos que ele — um menino que, na minha opinião, mereceu jogar. Pepe nunca assimilou ou aceitou bem essa situação. A partir daí, todo mundo

que queria vê-lo fora do Real, que o criticava, que o chamava de assassino por causa do que aconteceu com o Getafe, que não parava de lembrá-lo de Casquero [o jogador que levou os pontapés], toda essa gente se pôs ao seu lado. Fico muito contente, porque ele é um jogador fantástico. Alegro-me que possa ter um novo apoio e tranquilidade, porque isso é fundamental para um jogador de futebol."

O sentimento de ter sido traído levou a uma reação irônica e corrosiva. Em suma, segundo Mourinho, Pepe nunca se preocupou

com Casillas, mas apenas apareceu falando sobre ele por também ser reserva. Ou seja: foi uma reação provocada pelo egoísmo e não pelo respeito que poderia ter para com um colega. Mourinho passou a ver em Pepe um mal-agradecido, um traidor. E nunca conseguiu perdoá-lo. Pepe passou a estar para Mourinho como Fredo estava para Michael Corleone. Não havia perdão possível. Nesse caso, nem sequer a ilusão de uma reconciliação.

Essa entrevista, porém, parecia o ajuste de contas final — o encerramento do assunto. Pepe

continuaria no Real Madrid, e Mourinho seguiria para o Chelsea. Separados, distantes, mas sem entrar em novas batalhas. Para os torcedores portugueses, a guerra toda não passou de um *fait divers*. É verdade que na disputa estavam um técnico português e um jogador luso-brasileiro que representava a seleção portuguesa. Mas o confronto entre os dois nada tinha a ver com Portugal: era um assunto do Real Madrid, e assim continuaria sendo durante a temporada seguinte. Já na Inglaterra, Mourinho chegou a dizer que "os jogadores do Real Madrid faziam

fila na frente do espelho antes dos jogos", acusando os craques merengues de serem vaidosos. Ninguém no Real se pronunciou. A não ser Pepe, outro que nunca vira a cara para uma boa briga.

"Mourinho deve ser a única pessoa no mundo que não se olha no espelho quando se levanta. É normal que a gente se arrume para fazer uma boa imagem do clube que nós representamos. Estamos no Real Madrid e, quando saímos, sempre há câmeras. É normalíssimo."

Os dois continuaram a trabalhar. Cada um no seu país, nos seus clubes. Sem novos ataques.

Até que... veio a Copa do Mundo de 2014. E o jogo entre Portugal e Alemanha. E a goleada que Portugal sofreu contra a Alemanha (4 a 0). E a expulsão de Pepe no lance com Müller (deu uma cabeçada no alemão quando ele estava no chão). E Mourinho...

O técnico português estava comentando a Copa para o portal Yahoo. Viu o jogo, viu Portugal ser goleado — e a situação piorar ainda mais por causa da expulsão do seu ex-jogador — e não resistiu. Foi aí que fez seu pior ataque a Pepe, chamando-o novamente de frustrado e acusando-o de ter culpa

direta no segundo gol da Alemanha.

"É difícil aceitar o que aconteceu. Ele tem culpa no lance do segundo gol, deveria ter promovido o contato físico com Hummels. Depois disso, vem ainda a frustração pelo erro. Não houve agressão, talvez não merecesse o cartão vermelho. Mas por outro lado, houve uma linguagem corporal que muitas vezes leva o árbitro a tomar esse tipo de decisão. Fazer a equipe jogar com dez é uma grande desvantagem. O fato de ele nem sequer ser português deveria obrigá-lo a ter outro tipo de comportamento."

Explodiu uma nova bomba lançada pelo técnico mais polêmico do mundo. Para os portugueses, foi aqui que o anti-herói se transformou em vilão. Alguns até podiam concordar com Mourinho, mas o momento era de frustração nacional. Ouvia-se, por todo lado, a frase “há que se levantar a cabeça” para os dois jogos seguintes, que ainda poderiam dar a classificação a Portugal (algo que não aconteceu). E parecia que o técnico tinha aproveitado um momento de fraqueza do jogador para destruí-lo. Pior ainda: deu a ideia de que Mourinho estava usando um

episódio acontecido com a seleção do seu país para um ajuste de contas dos tempos do Real Madrid. Em resumo: para os torcedores portugueses, Mourinho podia criticar Pepe quando bem entendesse, desde que mantivesse a seleção fora do assunto. A sua seleção. A seleção do seu país.

Desta vez, Mourinho não dividiu opiniões na imprensa portuguesa. Não teve alguns a favor e outros contra. Todos os comentários se pautavam pelo mesmo discurso: “Foi longe demais”; “Devia ter deixado Pepe em paz”; “Devia ter apoiado a seleção num momento

doloroso". Mas um anti-herói nunca é apenas mais do mesmo — tem sempre o seu próprio caminho, ainda quando provoca indignação quase generalizada.

Pepe não respondeu. Nem ele nem ninguém da seleção. Nem mesmo Cristiano Ronaldo, outro dos visados por Mourinho nos comentários do Portugal x Alemanha. Aliás, é impossível falar de Pepe sem lembrar o caso de Ronaldo. Este também era inseparável de Mourinho e também teve problemas com o técnico na fatídica terceira temporada no Real. Provavelmente, Mourinho nunca

sentiu que Ronaldo o havia traído com a dimensão que atribui ao comportamento de Pepe quando falou sobre Casillas. Ainda assim, não saiu do Real sem fazer várias críticas ao comportamento do melhor jogador do time.

Antes disso, porém, só amor.

Cristiano dizia que Mourinho era o melhor técnico do mundo. Mourinho dizia que Cristiano era o jogador mais fantástico que já tinha treinado. Trocas de elogios entre os dois portugueses mais importantes do futebol mundial. Ambos representados por Jorge Mendes. Uma aliança lusitana que poderia

levar o Real Madrid a ultrapassar o Barcelona, e que parecia ainda mais forte depois da “Liga dos Recordes”, a segunda temporada de Mourinho no Real — a temporada em que os madrilenhos foram campeões da Espanha com cem pontos e 121 gols. Só Cristiano marcou 46 (quatro a menos que Messi) e foi o maior artilheiro da Liga dos Campeões, com doze gols. Um grande desempenho individual associado a um grande título coletivo. Estava se aproximando a festa da Bola de Ouro da Fifa, e Mourinho não tinha dúvidas sobre quem deveria ser coroado o melhor

jogador do mundo em 2012.

"Se Messi é o melhor do planeta, Cristiano é o melhor do universo. É mais difícil ser Ronaldo do que Messi. Cristiano é um jogador que não é protegido por nada nem ninguém. Veem o corpanzil que o animal tem e PAM e PAM e PAM. O outro [Messi] não: sofre uma falta, há amarelo de imediato. Não toquem mais nele, senão vão para a rua. Seria um crime Cristiano não ganhar a Bola de Ouro."

Também criticou a decisão do prêmio de Melhor Jogador da Uefa de 2011/2012, que foi atribuído pelos jornalistas a Iniesta.

“Vamos deixar de brincadeiras. Para dar a Bola de Ouro ao melhor, ou se dá a Messi ou a Ronaldo”, referindo-se à decisão. “Por isso, pergunto: se são iguais [Messi e Ronaldo], é normal que um tenha quatro Bolas de Ouro e o outro apenas uma? Não, não é normal.”

Mourinho fez ainda alusão às diferenças na trajetória de cada um dos jogadores: “Messi cresceu com os seus companheiros atuais, joga com eles há muito tempo. Ronaldo cresceu na Inglaterra e foi para o Real, com um time que tinha uma dinâmica perdedora, mas ele ajudou a mudar isso. Joga como ponta e

Messi joga como centroavante, mas têm o mesmo número de gols."

"Se Ronaldo não ganhar a Bola de Ouro, será porque não é muito simpático, porque não vende bem a sua imagem e porque não dá entrevistas pedindo desculpas por ter discutido com um companheiro de equipe em campo."

Entre elogios ao seu jogador e ataques aos rivais, Mourinho lembrou ainda que os jogadores do Barcelona não tinham ganhado nada de importante em termos coletivos.

"Messi ser o Bola de Ouro sem títulos coletivos, sem ganhar nada de importante? E não me venham

falar da Taça Intercontinental, que essa eu nem quero jogar; não me falem da Supercopa, que é pequena. Falem-me de títulos gordos: um foi vencido pelo Chelsea [Champions] e outro pelo Real [campeonato espanhol].”

Mourinho fez campanha pelo seu craque até a exaustão. Chegou a festa da Fifa. Messi ganhou a quarta Bola de Ouro. Ronaldo ficou triste por considerar que teve pouco apoio da direção de seu clube. Considerou que os merengues não fizeram pressão suficiente para apoiá-lo, ao contrário do lobby realizado pelo Barcelona a favor de

Messi.

"Não comemoro os gols, porque estou triste."

Mourinho desvalorizou os comentários do seu jogador, que tanto deram o que falar: "Se Ronaldo está triste e joga assim, perfeito [fazendo referência às boas exibições do seu jogador]".

Tudo parecia normalizado, mas esse era o início do distanciamento entre os dois. O Real fez a pior temporada na era Mourinho. Fechou o ano sem qualquer título. Acabou a liga espanhola em segundo, contra um Barcelona que era um dos mais fracos dos últimos

anos, mas que mesmo assim alcançou cem pontos, atingindo o recorde madrilenho da temporada anterior. Mourinho, com ironia, resumiu o desfecho do campeonato no balanço que fez ao final:

"Começamos a temporada tristes [referência às palavras de Cristiano Ronaldo], e quando se dá vantagem a um adversário que dificilmente perde pontos, torna-se difícil recuperar."

Além do segundo lugar no campeonato, o Real voltou a cair nas semifinais da Champions, pelo terceiro ano consecutivo, agora diante do Borussia Dortmund. Para

culminar o fracasso, perdeu a final da Copa do Rei no seu estádio, contra o rival Atlético de Madrid (derrota que não acontecia desde 1992). Foi uma despedida inglória para Mourinho, com os problemas relacionados a alguns jogadores atingindo proporções que ele sempre conseguiu evitar nas experiências anteriores.

"O que se passou com Cristiano Ronaldo?", perguntaram-lhe no *Punto Pelota*.

"Cristiano fez comigo três temporadas fantásticas. Não sei se foram as melhores da sua carreira, mas encontramos para ele uma

solução tática fantástica para que pudesse expressar todo o seu potencial. Com ele, tive um único problema, um problema básico, uma crítica tática que lhe fiz para melhorar o que podia ser aperfeiçoado. Nesse momento, ele não aceitou bem, porque pensa que sabe tudo e que o técnico não pode ajudá-lo a crescer mais."

Mourinho referia-se a um jogo em que o Real derrotou o Valencia por 2 a 0. Já no vestiário, acusou Ronaldo de ter desaparecido do campo nos últimos quinze minutos e de não ter ajudado a equipe nas coberturas. Teria sido duro na

intervenção, mas pensou que podia fazê-lo para passar uma mensagem ao resto do grupo. Cristiano era o líder do time. Se o técnico falasse assim com ele, os outros perceberiam que ninguém era protegido, que todos eram iguais e que teriam de trabalhar sempre ao máximo. Julgava ter confiança suficiente com Ronaldo para poder falar assim, ainda mais depois de todo o apoio público que lhe tinha dado em diferentes momentos, como as constantes campanhas para a Bola de Ouro. A estrela dos merengues não entendeu dessa forma. E ali acabou a amizade.

Ficaram apenas os problemas mal resolvidos. Os dois chegaram a se pegar no vestiário e só não entraram numa sessão de pancadaria por causa da intervenção dos outros jogadores.

Mas a guerra não acabava ali. Já quando estava no Chelsea, Mourinho falava dos seus primeiros tempos de carreira e voltou a atacar Ronaldo durante uma entrevista concedida à ESPN: "Quando eu era auxiliar, trabalhei com grandes técnicos, com os melhores jogadores, com estrelas como os brasileiros Rivaldo e Ronaldo, não este, o verdadeiro Ronaldo, o

brasileiro".

O anti-herói voltava a se transformar em vilão. Já fora do Real, numa nova aventura, não conseguiu resistir ao impulso de provocar o compatriota, aquele que era o seu melhor elemento. "O jogador mais fantástico que já treinei", como o próprio admitiu. Ajudaram-se em muitas vitórias e títulos. Mas Mourinho tem na passagem pelo Bernabéu a sua *kryptonite* psicológica, a sua falta de controle. É nesse tema que costuma ir longe demais. Longe demais até para ele.

Mas qual o motivo para sua

fórmula não ter dado resultado no Real Madrid?

Para responder a essa pergunta, temos que viajar até as raízes históricas e culturais do próprio clube. O Real Madrid não é o Porto, o Chelsea ou a Inter. Não estava sem ganhar nada de importante há várias décadas. Como admitiu um torcedor do Chelsea: "Mourinho trouxe caviar a um clube que estava habituado a lentilhas". O Real Madrid é uma instituição mundial, vai além do próprio futebol. Um clube que não guarda lembrança dos seus técnicos, que nunca o fez. Nem mesmo daqueles que mais

ganharam. Os torcedores do Real não se referem a ciclos de treinadores, como acontece com o Porto de Mourinho, o Chelsea de Mourinho e a Inter de Mourinho. Na cidade *blanca* tudo é diferente. Os títulos, os recordes, os números apresentados não bastam. Por isso, não foi suficiente para Fabio Capello ter conquistado duas ligas espanholas (1996/97 e 2006/07). Vieram as taças, mas sacrificou-se um futebol dominante, senhorial, comandado dentro de campo pelos maiores craques do momento e não a partir do banco.

O Real Madrid são os jogadores:

os melhores, os mais talentosos, interagindo entre si, em plena arte de movimentos. Já era assim muito antes de Florentino Pérez ter reunido os *Galácticos* no ano 2000. Pérez apenas retomou um conceito que havia sido criado muito antes dele. É a tal história da comparação. O Barcelona faz Bolas de Ouro, o Real Madrid contrata Bolas de Ouro. Os intérpretes têm que ser geniais quando chegam ao Bernabéu e têm que conseguir interligar toda essa genialidade. Porque há uma herança a respeitar. Um ciclo fundado entre as décadas de 1950 e 60, com Gento, Rial,

Kopa e Puskás. Articulado por Di Stéfano, o *Don de Madrid*. O técnico Helenio Herrera o definia da melhor forma: "Se Pelé era, na orquestra, o primeiro violino, Di Stéfano era a própria orquestra".

A partir daí, todos os times do Real Madrid foram uma tentativa de reproduzir a geração de Di Stéfano. Uma geração que venceu cinco das dez Champions da história madrilenha. Depois do Real de Di Stéfano, veio a *Quinta del Buitre* (corte ou quinteto do abutre, apelido do mágico atacante Emilio Butragueño). Outro time formado por uma constelação de estrelas:

Míchel, Sanchís e Martín Vázquez, acompanhados por alguns veteranos como Camacho, Juanito ou Santillana. Mais tarde, juntaram-se estrangeiros, um deles em especial: o mexicano Hugo Sánchez — outra lenda do Bernabéu.

Seguiu-se o Real Madrid do novo milênio. E mais duas Ligas dos Campeões conquistadas: contra o Valencia em 2000, e diante do Bayer Leverkusen, em 2002. Os *Galácticos*, sim. Que outro nome se poderia dar a uma equipe em que atuavam Salgado, Roberto Carlos, Redondo, Makélélé, Figo, Zidane, McManaman, Raúl e, mais tarde, o

brasileiro Ronaldo e David Beckham?

Os jogadores que chegam ao Real já são campeões, já são gigantes. O mesmo modelo começou a ser reproduzido por Pérez em sua volta ao clube. Contratou Cristiano Ronaldo, Kaká e Benzema. Mais tarde, já sem Mourinho, aumentou o leque desses *Galácticos — parte 2* com Gareth Bale e o colombiano James Rodríguez. E todos precisam jogar, no mesmo time titular. Mesmo que se coloque em risco a organização defensiva da equipe.

Mourinho começou com uma

missão difícil, quase impossível, de destronar o Barça de Guardiola, uma das melhores equipes do futebol mundial. Com uma diferença fundamental para o Real: os astros do Barça foram formados no clube, conheciam-se há anos, interpretavam uma filosofia de jogo quase ancestral. Um texto que estava escrito e apenas à espera dos seus autores para poder ser publicado. Como vencer esse Barça? Jogando de igual para igual? Mourinho sabia que não podia fazê-lo. Não fora assim que havia vencido os catalães com a Inter. Optou por táticas mais defensivas,

blocos baixos e zona de meio-campo reforçada. Muitas vezes, apresentou o seu famoso *trivote*, ou triângulo de alta pressão, num meio-campo composto por Lass, Xabi Alonso e Khedira, ficando Özil, o maestro, preso a uma das laterais. Algumas vezes produziu bons resultados, outras nem tanto (como no primeiro superclássico em que o Barcelona esmagou o Real por 5 a 0), mas mais do que os resultados em campo, era um estilo que nunca conquistou as exigentes arquibancadas do Bernabéu, presas à recordação do estilo artístico de Di Stéfano, da harmonia da *Quinta*

del Buitre ou da explosão ofensiva e circulação de bola vertiginosa da primeira versão dos *Galácticos*.

Mesmo sem ter ganhado a tão ambicionada *Décima*, os resultados de Mourinho no Real Madrid são representativos. Ele conquistou títulos, foi capaz de cansar Guardiola (obrigando o técnico a tirar um ano sabático antes de assinar pelo Bayern de Munique) e conseguiu igualar forças com o Barça. Na primeira temporada, venceu os catalães na final da Copa do Rei (título que o Real não ganhava desde 1993). No segundo ano, foi campeão espanhol,

colocando fim a um ciclo de três campeonatos do Barcelona. A terceira temporada foi a pior — pelo jejum de troféus e pela degradação da relação com alguns jogadores.

Além desse aspecto, Mourinho nunca conseguiu impor um discurso único no Real, como tinha feito nas suas equipes anteriores. Justamente pelo status que o jogador tem dentro da história do clube. Sergio Ramos, Casillas, Xabi Alonso e Arbeloa tinham acabado de ser campões do mundo pela Espanha quando Mourinho chegou a Madri — eram heróis nacionais. Casillas e

Ramos nunca apreciaram o fato de Mourinho querer blindar o vestiário, encarregando-se de todo tipo de comunicação. Uma medida em contraste com a tradição do Real, em que o técnico não deve ser o protagonista, mas sim um homem discreto com uma mão que deve ser quase invisível nas grandes vitórias, como acontecia com Del Bosque, por exemplo. Mas esse não é o estilo de Mourinho, uma vez que ele é o líder e o representante máximo de suas equipes. Alguns jogadores não aceitaram bem a perda de protagonismo, e Sergio Ramos chegou a ter uma atitude em

que desafiou Mourinho.

Num jogo frente ao La Coruña, o técnico substituiu Özil no intervalo e lhe deu uma senhora bronca. Ramos pegou a camisa do companheiro e a vestiu por baixo da sua. As fotos em que se via o número 10 de Özil debaixo do seu 4 fizeram manchete nos principais jornais esportivos espanhóis. Em outro momento, o zagueiro disse a Mourinho: "O *mister* nunca jogou bola, não sabe como é".

A discussão foi publicada no jornal *Marca* e teria ocorrido depois da derrota em casa do Real diante do Barça por 2 a 1 na ida das

quartas de final da Copa do Rei, em 2012. O diário esportivo afirmava que Mourinho se sentia sozinho perante as críticas e não tinha o apoio do seu grupo. No final do jogo, Ramos falou na zona mista: "Nós nos adaptamos à filosofia de Mourinho. Algumas vezes, ele acertou; outras, não — isso é o que faz o futebol".

"Algumas vezes, ele acertou; outras, não". O técnico considerou essas palavras um ataque, uma espécie de traição. Segundo o *Marca*, ele confrontou Ramos no centro de treinamentos de Valdebebas, na frente de todo o

elenco e da comissão técnica.

JOSÉ MOURINHO: Vocês me mataram na zona mista!

SERGIO RAMOS: Não, *mister*, você só leu o que a imprensa escreveu e não viu o que dissemos.

JOSÉ MOURINHO: Pois na imprensa são todos seus amigos. Como foram campeões pela seleção espanhola, todos protegem vocês. Com o goleiro é a mesma coisa [com Casillas a poucos metros]!

CASILLAS: *Mister*, aqui se dizem as coisas na cara, O.K.? [Gritou.]

JOSÉ MOURINHO: Amanhã serei eu o mau da fita na imprensa.

SERGIO RAMOS: Claro, o *mister* não nos deixa falar, nem dar entrevistas!

JOSÉ MOURINHO: Mas onde é que você estava no gol, Sergio?

SERGIO RAMOS: Marcando o Piqué.

JOSÉ MOURINHO: Pois tinha que marcar era o Puyol!

SERGIO RAMOS: Sim, mas estava de costas para o Piqué e decidi trocar de marcação.

JOSÉ MOURINHO: Mas agora você também já é técnico?

SERGIO RAMOS: Não, mas no jogo as coisas mudam. Às vezes, temos que mudar a marcação. Mas também o *mister* nunca jogou bola,

não sabe como é.

"O *mister* nunca jogou bola, não sabe como é". Eis uma coisa que Mourinho nunca pensou ter que ouvir, antes de sua chegada ao Real Madrid. Ramos sempre foi um rebelde contra a gestão de Mourinho, desde o início. E nunca pensou em recuar ou mudar de postura, tal como afirmou nas redes sociais: "Morro com as minhas ideias e os meus princípios. E se há algo de que não gosto por que vou ter de me calar? Ninguém pode duvidar do meu trabalho e da fidelidade que sinto por este clube".

Pode-se dizer que Mourinho e o vestiário do Real Madrid tiveram um divórcio litigioso. Houve exceções, claro. Özil e Xabi Alonso elogiaram o português mesmo depois de sua saída. Mas essas poucas boas relações contrastam com vestiários que ficaram chorando de tristeza quando Mourinho foi embora, como aconteceu depois de sua primeira passagem pelo Chelsea.

É justo dizer que o casamento que parecia perfeito rapidamente se mostrou defeituoso. Mourinho e o Real têm filosofias e formas de estar no futebol muito diferentes.

Os jogadores, principalmente Casillas e Ramos, nunca aceitaram a ideia de o Real deixar de ser dos jogadores e passar a ser o Real de Mourinho. Isso ia contra a tudo a que estavam habituados no clube. Era incompatível com a própria história merengue antes de terem chegado.

Mourinho entrou como uma espécie de salvador: o melhor técnico do mundo, o técnico que tinha conseguido eliminar o Barça na Champions, o técnico campeão da Europa, o homem que poderia pôr fim à hegemonia da equipe de Guardiola. Usou a mesma receita

que o tinha levado à vitória nos clubes anteriores, mas os seus jogadores não entenderam ou acharam que não tinham que mudar. A proibição de falar com a imprensa, por exemplo, caiu mal para muita gente dentro do vestiário madrilenho. Foram três anos desgastantes. Para ele, para os jogadores, para os torcedores, para a diretoria. Mas também para os adversários. E essa foi a parte boa no que toca às aspirações do Real Madrid. O estilo de Mourinho permitiu apressar o fim de ciclo do Barça, e ele entrou em guerra com o seu rival. Ganhou algumas vezes;

perdeu algumas vezes. Saiu com a sensação de ter sido traído por alguns dos seus jogadores, um pouco revoltado, angustiado, talvez triste por não ter conseguido ser o primeiro treinador da história a ganhar a Liga dos Campeões por três clubes diferentes. Mas a sua autoestima parece ter saído incólume, assim como o seu lugar na história do Real.

"Quem é o técnico da melhor equipe do Real Madrid na história? Sou eu. Cem pontos, 121 gols, campeão contra o melhor Barcelona de todos os tempos. Fui eu. Campeão da 'Liga dos Recordes'.

Esse é o meu lugar na história do Real.”

CAPÍTULO 6



O INIMIGO BATE À PORTA

O Figo já pode vir a Barcelona sossegado, porque agora o inimigo público número um do Barcelona sou eu.

JOSÉ MOURINHO



MARADONA *VERSUS* PELÉ. Beckenbauer *versus* Cruyff. Roy Keane *versus* Patrick Vieira. Zidane *versus* Materazzi. Cristiano Ronaldo *versus* Messi. Uma lista com algumas das maiores rivalidades do

futebol mundial, que ficaria incompleta sem outra: Mourinho *versus* Guardiola.

Começou com a "mais bela derrota" da vida de Mourinho — foi assim que o técnico português se manifestou depois da partida de volta das semifinais da Champions, em 2010, em que perdeu para o Barcelona por 1 a 0 depois de ter ganhado em casa, na ida, por 3 a 1.

"Foi a mais bela derrota da minha vida. A mais bela de todas. Para os jogadores, para os torcedores, para mim. Contra o Barça é difícil com onze. Com dez, é um feito histórico [Thiago Motta

tinha sido expulso aos 28 minutos]. As nossas chances de marcar ficaram reduzidas a zero. Uma equipe sem organização tática sofreria aqui quatro ou cinco gols."

A Inter de Mourinho teve organização. E conquistou a Liga dos Campeões, diante do Bayern de Munique, no Santiago Bernabéu, exterminando a tal "obsessão" do Barça. Florentino Pérez viu em Mourinho o homem capaz de pôr fim ao domínio avassalador dos catalães desde que Guardiola assumira o comando técnico da equipe. Partiu de uma ideia simples: como derrotar a melhor equipe do

mundo? Contratando o melhor técnico do mundo!

Ainda antes de chegar ao Real Madrid, mas depois da vitória na Champions com a Inter, Mourinho já antecipava o choque e começava a lançar os primeiros ataques ao futuro adversário: "Não sou estúpido a ponto de pensar que vou transformar esse ódio todo em amor. Respeito muito o Barcelona, nunca esquecerei o que me deram nos quatro anos em que estive aqui como auxiliar, mas criou-se à minha volta algo que acredito ser impossível de transformar numa coisa positiva e é evidente que vou

terminar a minha carreira sem treinar o Barcelona".

E a promessa de guerra…

"Quem ganha tanto não sabe perder. Eu sou um péssimo perdedor, mas da minha parte não há qualquer problema e tenho certeza de que no próximo ano voltaremos a nos encontrar."

Na apresentação como novo técnico do Real Madrid, o português voltou à carga: "Não sou antibarcelonista de maneira nenhuma. Sou treinador do Real Madrid, e o Barcelona não me preocupa."

Um blefe, claro. O Barcelona era

a maior preocupação do mundo merengue. Eram os donos da coroa, os reis do futebol espanhol e europeu, o time a ser destronado, o time a ser desorientado. E Mourinho fez tudo para abalar a estabilidade emocional do seu rival, logo na chegada a Madri.

"Deu-me muito mais alegria eliminar o Barça nas semifinais da Liga dos Campeões do que ganhar depois o título no Bernabéu."

Estava dado o recado. Dois treinadores jovens, vencedores, sentados no banco de rivais históricos. Os confrontos entre Mourinho e Barcelona já tinham

começado antes, na Champions. Com a Inter, Mourinho saiu vencendo. Antes, com o Chelsea, perdeu e começou logo a plantar as sementes do grande ódio *blaugrana* que haveria de crescer contra ele.

Em 23 de fevereiro de 2006, o Barça foi a Londres ganhar do Chelsea por 2 a 1, e o árbitro expulsou Asier del Horno por causa de uma entrada em Messi. Mourinho considerou que o argentino tinha simulado: "Como se diz mentiroso em catalão? Barcelona é uma cidade cultural, com teatros importantes, onde se faz teatro do bom. E Leo Messi

aprendeu muito bem a fazer teatro".

Ainda antes do Barça de Rijkaard ter conquistado a segunda Liga dos Campeões na história do clube, outra provocação: "Barcelona tem um grande clube, mas em cem anos de história só venceu uma Champions. Eu sou técnico há poucos anos e tenho o mesmo número de Champions que eles".

Algumas farpas, alguma controvérsia. Piorou com as semifinais vencidas pela Inter. Atingiu proporções de rivalidade épica quando Mourinho foi para Madri.

Primeiro superclássico da temporada: o Barça venceu por 5 a 0. Mourinho manteve-se sereno e, com o saco cheio de gols, evitou provocações que o fizessem cair no ridículo: “Um time jogou no máximo do seu potencial, e o outro jogou muito mal. É uma derrota, não uma humilhação”.

Um dos raros momentos em que Mourinho não usou o sarcasmo, a ironia, a crítica ou a provocação para se referir ao Barça. Afinal, saiu com o orgulho ferido. Nunca tinha levado 5 a 0 de ninguém enquanto treinador principal, nem nos tempos em que orientou o modesto União

de Leiria. O Barça era realmente de outro mundo, e a estratégia tinha que ser ainda mais intensa. Dentro de casa, no trabalho com os seus jogadores e na comunicação com o exterior.

Diga-se que Guardiola conseguiu, durante muito tempo, não responder a Mourinho. Manteve-se em silêncio e fintou as polêmicas até onde lhe foi possível. Ao contrário dos seus jogadores: Daniel Alves, Piqué, Xavi, Iniesta e até o pai de Iniesta. Todos falaram de Mourinho, todos responderam. O próprio técnico português chegou a fazer uma piada sobre a situação:

“Talvez Pep não precise falar de Mourinho, porque os seus jogadores já fazem isso todos os dias”.

Iniesta, por exemplo, chegou a dizer que não gostava de ver Casillas, seu colega de seleção, sentado no banco do Real Madrid. Mourinho foi corrosivo: “O Iniesta pode dizer o que quiser. Porém, eu penso que ele deveria se preocupar mais com os seus companheiros e a sua equipe, que joga de forma muito diferente quando Messi não está em campo. Isso ficou claro nas semifinais da Champions”, disse o técnico, referindo-se ao placar agregado de 7 a 0 imposto pelo

Bayern aos catalães, em 2013.

Mas voltemos a Guardiola... Ele aguentou, aguentou, até que explodiu. Ainda na primeira temporada de Mourinho no Real Madrid.

As duas equipes iam se enfrentar nas semifinais da Champions. A partida de ida se realizava no Bernabéu e, desta vez, foi Guardiola que começou a jogar antes. O técnico dos catalães lembrou o jogo de ida das semifinais da Champions anterior, em que o Barça perdeu de 3 a 1 contra a Inter de Mourinho. O árbitro foi o português Olegário Benquerença, e o Barcelona se

queixou de um pênalti não marcado a seu favor, além do fato de que a Inter tinha feito um dos seus gols em posição irregular.

Agora já se sabia também que Pedro Proença, outro árbitro português, iria apitar um dos jogos das semifinais. Guardiola começou a fazer pressão junto à Uefa para que Proença não fosse o escolhido para o superclássico. “O técnico do Real Madrid ficará muito satisfeito, assim como ficou na temporada passada.”

O técnico do Barça também deu destaque à “boa visão” de um assistente do árbitro Alberto

Undiano na final da Copa do Rei em que o Real Madrid venceu o Barcelona por 1 a 0, com gol de Cristiano Ronaldo. Guardiola tinha criticado a decisão acertada a respeito de um gol de Pedro, do Barça, anulado por impedimento. Um impedimento por escassos centímetros, é verdade. Mas, ainda assim, uma decisão correta. Mourinho respondeu com ironia e, dessa vez, conseguiu irritar o sempre tranquilo Pep:

"Até agora havia dois grupos de treinadores: um, muito pequeno, que não fala dos árbitros; outro, grande, no qual me incluo, que os

critica quando cometem erros graves. Agora, numa nova era, há um terceiro grupo, só com Guardiola, que critica o acerto do árbitro. Isso eu nunca tinha visto."

E sobre a escolha do árbitro para a Champions?

"Pep viveu o escândalo em Stamford Bridge [o Chelsea queixou-se de quatro pênaltis não marcados] e estava contente. Este ano, contra o Arsenal, todo mundo sabe o que aconteceu [o árbitro Massimo Busacca expulsou mal Van Persie e 'desequilibrou' o confronto a favor do Barça]. Agora, critica um árbitro auxiliar por uma decisão

corretíssima e dificílima. E não quero falar do árbitro que apitará o jogo; que tenha muita sorte e que os jogadores possam ajudá-lo", sentenciou.

Não foi Pedro Proença. Foi o alemão Wolfgang Stark. Mas, mesmo assim, Guardiola respondeu a Mourinho na coletiva de imprensa antes do jogo, dando a entender que nunca tinha criticado o árbitro da final da Copa do Rei pela decisão correta. Que tudo tinha sido uma manipulação das suas declarações pelos jornais de Madri.

"Como ele me tratou por Pep, também vou tratá-lo por José.

Amanhã iremos nos enfrentar no campo. Fora do campo, ele já ganhou. Ofereço a ele sua Champions particular fora do campo, que faça bom proveito e a leve para casa. Dentro do campo, vamos ver o que acontece. Eu também podia sacar uma lista com erros contra nós e nunca mais sairíamos daqui. Mas não tenho secretários nem ajudantes que me apontem todas essas coisas. Nesta sala ele é o grande chefe, o grande amo, e não quero competir com ele em nenhum instante. Só lhe recordo que estivemos juntos durante quatro anos [quando Mourinho foi

auxiliar no Barça em que Guardiola jogava]. Ele me conhece e eu o conheço. Pode ficar lendo o que quiser, os amigos do Florentino Pérez, a 'central leiteira', que o faça. Mas eu trabalhei quatro anos com ele."

A "central leiteira" citada por Guardiola é a expressão pejorativa que se dá no futebol espanhol a alguns jornalistas que escrevem a mando do Real e do seu presidente — jornalistas que dançam ao som do que o clube quer. Como uma central em que estão "mamando nas tetas da vaca", numa definição mais direta. Foi uma ironia rara em

Guardiola, surpreendente e rebuscada. Fez correr muita tinta, ao estilo Mourinho. E Pep continuou…

"Dentro do campo tento aprender muito quando jogo contra ele ou quando o vejo na televisão. Fora do campo, tento aprender pouco. Pode-se jogar de muitas maneiras e ele utiliza uma muito boa, mas eu me esforço para ganhar dentro do campo e fora do futebol tento não fazer esse jogo. Ele é muito melhor do que eu [nas coletivas de imprensa]. Domina tudo o que está dentro e fora do campo. Eu não quero entrar nesse

jogo, porque represento uma instituição. Se o Real Madrid nos eliminou na Copa do Rei, é porque foram melhores; e se nós ganhamos na liga, é porque fomos melhores."

"Nem sequer vou justificar minhas palavras. Felicitei o Real pela Copa que ganhou merecidamente em campo, perante uma equipe que eu represento e da qual me sinto orgulhoso. Não me justifiquei com o árbitro, nunca o fiz."

Sobre as suas palavras, em que teria falado da decisão do bandeirinha na Copa do Rei, voltou a explicar: "Ele acredita mais no

que lê do que em mim. Referi-me apenas a pequenos detalhes, como dois centímetros [distância no impedimento do gol de Pedro] que podem mudar um jogo".

E para acabar…

"Do que não há dúvidas é de que sairemos com onze. Da mesma forma que o Real vai acabar com dez."

Não se enganou: o zagueiro Pepe deu uma dura entrada em Daniel Alves. Talvez o tenha tocado de raspão, talvez nem o tenha acertado. Mas o brasileiro do Barça voou. Cartão vermelho direto para Pepe, o Real Madrid com dez, o

jogo estava empatado em 0 a 0. Os merengues, com menos um, não conseguiram segurar o ímpeto do Barça: dois gols de Messi, e o Real perde por 2 a 0, em casa, no jogo de ida. Assunto praticamente encerrado. Assim pensou Mourinho, assim disse Mourinho.

Após o jogo, fez sua coletiva de imprensa mais dura na passagem pela Espanha. Talvez a mais polêmica de todas as que realizou na carreira.

“Se eu disser tudo o que eu sinto sobre o árbitro e a Uefa, a minha carreira acaba hoje”, começou afirmando.

“A minha pergunta é: ‘Por quê? Por quê?’. Eu me sento aqui e me pergunto por que razão sempre acontece a mesma coisa nas semifinais: contra o Chelsea, que não podia ir à final, e agora contra o Real. Não entendo de onde vem todo esse poder do Barcelona. O seu poder deveria ser futebolístico. Para mim, deveria ter um sabor diferente ganhar assim. Sei o que sentiram as pessoas do Chelsea; e com a Inter, foi um milagre no ano passado. Não sei se é por estar escrito ‘Unicef’ na camisa deles [patrocínio do Barça] ou se é pelo poder do senhor Villar na Uefa [Ángel María Villar,

presidente da federação espanhola e dirigente responsável pelas arbitragens na Uefa], ou se é por parecerem simpáticos, eu não entendo. Parabéns por terem um time de futebol fantástico, mas parabéns por todo o poder que têm."

Foi um monólogo violento, duro, longo. Com o silêncio de todos os jornalistas presentes.

"Drogba foi suspenso após as semifinais da Champions [depois do tal jogo entre Chelsea e Barça, disse que a arbitragem tinha sido uma vergonha — *fucking disgrace*, nas suas palavras]. Bosingwa também

[outro jogador do Chelsea que criticou o árbitro]. Motta não pôde jogar a final por ter sido expulso [na temporada anterior, com a Inter de Mourinho], e tanto Wenger quanto Nasri foram suspensos depois do confronto das quartas de final [técnico e jogador do Arsenal criticaram a expulsão de Van Persie que facilitou o jogo para os catalães]. Agora, eu é que estou suspenso e nem deveria estar aqui [o técnico tinha sido expulso depois de criticar o cartão vermelho mostrado a Pepe].”

Para Mourinho, o jogo e a eliminatória deixaram de ter

história a partir do momento em que Pepe foi expulso.

"Queríamos não sofrer gols e depois atacar quando eles estivessem frustrados. Tinha pensado em trocar Lass por Kaká, para que ele jogasse atrás dos atacantes a partir dos vinte minutos do segundo tempo, mas com a expulsão não pudemos mais fazer isso. O Real está eliminado da final da Champions. Iremos com todo o orgulho, com todo o respeito deste mundo, mas iremos sem Pepe, que não fez nada; sem Ramos [suspenso por acúmulo de cartões amarelos], que não fez nada; e sem mim, que

não poderei estar no banco. Se fizermos um gol cedo e deixarmos a eliminatória em aberto, vão nos matar outra vez. Não temos nenhuma chance. Às vezes, este mundo em que vivemos me dá nojo."

O jogo de volta terminou empatado em 1 a 1. O Barça foi à final e venceu o Manchester United por 3 a 1. A quarta Champions da história do clube, a segunda com Guardiola.

Na temporada seguinte, manteve-se a troca de farpas entre os dois técnicos. Mourinho chegou a dizer que Guardiola era igual a ele:

“Eu me queixo de muito menos, porque já paguei muito, estive muitos jogos fora, gastei muito dinheiro em multas, a minha imagem se transformou e não corresponde à imagem de uma pessoa de verdade. Mas estou o mais tranquilo possível, sem perder a minha essência. Não sou perfeito, mas não tardará a chegar o momento em que volte a errar. Há pessoas mais inteligentes do que eu, que tentam ter uma imagem diferente da minha, mas que são iguais a mim”.

A resposta de Guardiola…

“Sei que Mourinho disse que

afinal somos mais parecidos do que aparenta. Sim, somos parecidos, porque queremos ganhar. Mas se eu me comportasse como ele, deveria rever o meu comportamento. Nunca desejei ficar à sua altura. Há imagens e palavras durante este tempo que valem milhões. Nós dois queremos ganhar, mas somos diferentes."

Uma dessas imagens mais marcantes foi quando Mourinho pôs o dedo no olho de Tito Vilanova, então auxiliar de Guardiola, durante o jogo de volta da Supercopa da Espanha, em 2011, confronto no qual os catalães voltaram a vencer o

Real. Na temporada seguinte, Tito Vilanova assumiu o comando técnico da equipe, mas uma doença grave o impediu de trabalhar. Em 25 de abril de 2014, Vilanova faleceu, aos 45 anos. Mourinho deixou para trás o incidente e sempre deu força ao treinador do Barcelona durante sua luta contra a doença que haveria de lhe tirar a vida.

"Em coisas como essas, estamos todos do mesmo lado. Quando se fala em problemas de saúde, estamos todos juntos. Espero que Tito e sua família saiam vencedores o mais rápido possível."

Mas o desfecho foi outro. E Mourinho voltou a deixar o problema entre os dois de lado. Como tinha que ser, como sempre tem que ser. A vida humana acima de qualquer rivalidade futebolística.

"A morte de Tito é um dia triste para o futebol, para o Barcelona e principalmente para a família e amigos. Em nome de toda a comunidade do Chelsea, envio as mais profundas condolências nesta hora difícil."

Tito abandonou este mundo. Guardiola já tinha abandonado o Barcelona. Mourinho estava no Chelsea, suas batalhas com o clube

catalão pareciam estar terminadas. Enterradas. Mas foram épicas. Os superclássicos na era Mourinho talvez tenham sido os mais polêmicos de todos os tempos na longa história de rivalidade entre Real e Barça. Expulsões, agressões, simulações. Desentendimentos entre colegas da seleção espanhola, como Ramos e Puyol ou como Arbeloa e Pedro. Acalmou quando Guardiola tirou seu ano sabático antes de ir para o Bayern. Acabou quando Mourinho trocou Madri por Londres e voltou ao Chelsea.

Mas Guardiola não foi o primeiro representante do

Barcelona com quem Mourinho se desentendeu. Tudo começou antes, muito antes: com Johan Cruyff. O grande símbolo do Barça, como jogador e treinador. O pai espiritual de toda a filosofia *blaugrana*. Para os torcedores do Barcelona, ouvir alguém criticar Cruyff é uma heresia. Como seria para os do Benfica se fosse com Eusébio, ou para os do Real Madrid com Di Stéfano. Não são apenas grandes figuras que passaram pelos respectivos clubes — são deuses desses clubes. No caso do Barcelona e de Cruyff, Mourinho foi esse herege.

No momento em que o técnico português começava a ganhar nome em toda a Europa, Cruyff criticava o estilo de jogo de suas equipes, dizendo que fazia mal ao futebol.

"Adoro que Cruyff me dê aulas. Ainda pode me ensinar como perder uma final da Champions por 4 a 0, mas não estou interessado", respondeu Mourinho, lembrando a Champions em que o Barça, treinado pelo holandês, foi goleado pelo Milan, em 1994.

Voltamos a entrar aqui na tal capa da edição espanhola da revista *Rolling Stone*. Mourinho rockstar pela "maquiavélica arte de

exasperar todo mundo".

Mourinho tem feito muitos inimigos. Coleciona-os, porque nunca fica sem responder. Nunca deixa de proteger a sua dama (o seu clube). Como aconteceu com Arsène Wenger na primeira passagem de Mourinho pelo Chelsea, quando o técnico do Arsenal fez alguns comentários sobre a equipe do técnico português. E foi arrasado.

"Wenger é um voyeur. É daquele tipo de gente que gosta de ficar observando as pessoas. Desses sujeitos que, quando estão em casa, têm um telescópio enorme para ver o que está acontecendo nas outras

casas. Fala e fala sobre o Chelsea.”

O francês chegou a responder defendendo que Mourinho estava desligado da realidade e do respeito. “Quando uma pessoa estúpida alcança o sucesso, isso a torna ainda mais estúpida e não mais inteligente.”

É bom lembrar que até Mourinho ter aparecido, Wenger raramente perdia a compostura e jamais optaria por usar palavras como essas, em que ofende um técnico adversário. Mas Mourinho conseguiu fazer cair a máscara do líder do Arsenal.

Já na segunda passagem do

técnico português pelo Chelsea, o francês disse que Mourinho estava com medo do fracasso de talvez não ganhar a liga inglesa (foi conquistada pelo Manchester City). É provável que ele, com seu gosto por uma boa polêmica, tenha esfregado as mãos de tão contente quando ouviu tais palavras.

"Wenger é um especialista em fracassos, eu não. Supondo que ele esteja certo e que eu tenha medo do fracasso, é pelo fato de eu não conhecer bem isso. Ele pode estar certo, talvez porque eu não esteja acostumado a perder. A realidade é que ele é um especialista: oito anos

sem ganhar nada é um fracasso. Se eu fizesse isso no Chelsea, deixaria Londres e nunca mais voltaria."

Mourinho não abandonou o sarcasmo e a crítica nem mesmo nos momentos importantes para o Arsenal e para o seu treinador. Como no dia em que Wenger cumpriu o seu milésimo jogo à frente dos *gunners*, precisamente contra o Chelsea de Mourinho:

"Admiro Wenger e admiro o Arsenal, um clube que apoia o seu técnico nos maus momentos, e eles têm muitos maus momentos." Mourinho destacou ainda o fato de o francês permanecer no cargo

mesmo sem conquistar títulos desde 2005: “O tributo que presto a ele é dizer que todos nós, treinadores, gostaríamos de ter o mesmo privilégio nos nossos clubes”.

Quanto ao jogo?

O Chelsea venceu o Arsenal. Por 6 a 0! Foi o presente que Mourinho deu ao seu rival.

No fim dessa mesma temporada, o Arsenal ganhou a final da Copa da Inglaterra diante do Hull City e pôs fim ao longo jejum de títulos. Mourinho voltou à carga.

“Uma Copa da Inglaterra em nove anos. Foi bom para eles.”

Palavras de um técnico que

tinha terminado a temporada no Chelsea sem qualquer título — a exemplo do que acontecera no ano anterior no Real Madrid. Mas que nem assim baixa a guarda, nem assim consegue deixar de irritar seus rivais. Na Inglaterra, Espanha ou Itália.

Claudio Ranieri, por exemplo, foi sempre um dos seus alvos preferidos. Os dois chegaram a ser rivais no campeonato italiano, com Ranieri na Roma e Mourinho na Inter. O técnico que passou pelo Chelsea (antes de Mourinho) tinha por hábito mandar os seus jogadores assistirem ao filme

Gladiador, como forma de motivação. Mourinho ridicularizou essa estratégia: “Se antes de um jogo eu puser o meu time para ver o filme *Gladiador*, os meus jogadores caem na gargalhada ou então chamam o médico para saberem se estou louco”.

Também falou sobre Ranieri: “É velho”; “Ele me aborrece”; “Ficou cinco anos na Inglaterra e só sabe dizer *good morning* [bom-dia]”.

Nos dois anos em que esteve na Inter, Mourinho conseguiu ganhar todos os títulos. Teve a capacidade de irritar treinadores e até dirigentes adversários. Começou

assim que chegou.

A sua primeira vitória na Série A foi contra o Catania, por 2 a 1. No final do jogo, disse que a Inter devia ter ganhado por 5 a 1. Pietro Lo Monaco, dirigente do clube siciliano, respondeu ao estilo do filme *O poderoso chefão*: "Mourinho é daqueles que deviam ser tratados a pauladas nos dentes. Todo mundo na Itália o trata com respeito. Ele precisa aprender a fazer o mesmo com os seus adversários. Não podia ter dito o que disse".

O dirigente acabou sendo suspenso por suas palavras. Mourinho também seria punido,

mas por outro motivo. Na sua segunda temporada, depois do jogo contra a Sampdoria, foi punido por três partidas em razão das críticas à arbitragem que culminaram com um gesto em que simulou ter as mãos algemadas — multa de 40 mil euros, além dos três jogos de suspensão.

Já na temporada anterior, acusara os jornalistas italianos de "prostituição intelectual", por terem se deixado manipular por técnicos adversários para destacar erros de arbitragem a favor da Inter num polêmico empate: 3 a 3 contra a Roma. Segundo o técnico, era a

Inter que tinha razões para se queixar da arbitragem.

"Não me agrada a prostituição intelectual, agrada-me a honestidade intelectual e parece-me que nestes dias houve grande manipulação. Houve uma grande manipulação intelectual, um trabalho organizado para manipular a opinião pública de um mundo que não é o meu: eu trabalho no futebol. [...] Spalletti [então treinador da Roma] fala antes da partida, durante o intervalo e no fim do jogo, é amigo de todos. Eu não sou assim. Eu não manipulo a opinião pública nem sou um

campeão do horário nobre.”

E depois veio seu famoso discurso *zero titoli*.

“Não se falou da Roma, que tem grandes jogadores, mas acabará a temporada com zero títulos. Não se falou do Milan, que tem doze pontos a menos que nós e acabará a temporada com zero títulos. Não se falou da Juventus, que conquistou tantos pontos com erros de arbitragem. Nós só ganhamos um jogo com erro de arbitragem, em Siena.”

Multa de 25 mil euros pela “prostituição intelectual”.

Mourinho saiu da Itália depois

de algumas multas, muitas polêmicas e vários inimigos. Mas conquistou todos os títulos. E deixou saudades. Como lembrou Arrigo Sacchi: "José Mourinho: *veni, vidi, vici*. Chegou à Itália, ganhou tudo e partiu. Vamos sentir a sua falta. Mourinho é uma personalidade única. [...] Mourinho é para-raios, catalisador, gestor e criador. Tem um extraordinário poder de debate e de comunicação, assim como consegue ser rápido e conciso nas suas respostas. Nunca é banal e está sempre bem informado. É um fenômeno a ser estudado. É um exemplar único, não existem

cópias".

Sim, Mourinho também tem amigos.

CAPÍTULO 7



O AMIGO JOSÉ

Mourinho é muito inteligente e tem muito carisma. Os jogadores jogam para ele e ele é um homem envolvente.

ALEX FERGUSON

(EX-TREINADOR DO MANCHESTER UNITED)

 **ELE CORREU, SALTOU E SE ATIROU** em cima dos jogadores. Como se também fosse um dos que estavam em campo. A Inglaterra tinha o primeiro contato com o

estilo inconfundível de José Mourinho. Estávamos em 2004. Costinha marcou o gol do Porto que eliminou o Manchester United nos últimos minutos das oitavas de final da Liga dos Campeões. Em pleno Old Trafford: choque e espanto no futebol europeu.

Alex Ferguson não gostou da forma atrevida como aquele jovem técnico festejou o gol. Parecia-lhe uma insolência. Como se atrevia um tal de José Mourinho — que tinha ganhado apenas uma Copa Uefa — a se comportar daquela maneira em pleno Teatro dos Sonhos? À sua frente? À frente de sir Alex

Ferguson? Uma instituição do futebol mundial e de toda a Grã-Bretanha. Por esta o mítico treinador do United não esperava.

Antes da eliminatória, ele chegou a dizer que o Porto comprava os campeonatos portugueses no supermercado, desvalorizando a real capacidade da equipe de Mourinho.

“Vai ser difícil, mas acho que eles compraram o campeonato no Tesco [cadeia de supermercados na Inglaterra], pois ganham o título português todos os anos.”

Os dragões venceram o jogo de ida por 2 a 1, e então Ferguson logo

percebeu que não estava na presença de um técnico de supermercado. Temeu ser eliminado e iniciou sua estratégia. Como acontecia no confronto com quase todos os treinadores (incluindo Mourinho), ele tentou pressionar o árbitro russo Valentin Ivanov, dizendo que no primeiro jogo os atletas do Porto mergulharam constantemente.

"Coisas estúpidas", reagiu Mourinho. "Também tenho as minhas estratégias. Só não entendo por que é que uma equipe milionária, com os melhores jogadores da Europa, está tão

preocupada. Estão com medo de quê?”

A resposta veio aos 44 minutos do segundo tempo. O United estava em vantagem com um gol de Scholes. Na última chance para os dragões, Benni McCarthy bateu uma falta direta, o goleiro Tim Howard ainda conseguiu rebater para a frente, mas não evitou a recarga do oportunista Costinha, que arrematou para o fundo das redes e gelou Old Trafford. Mourinho disparou até a bandeirinha de escanteio para se abraçar aos seus jogadores. Em puro êxtase. Um capítulo inesquecível da gloriosa

caminhada do Porto, que venceu a Liga dos Campeões daquele ano.

O primeiro contato entre Mourinho e Ferguson não foi harmonioso — longe disso. De um lado, um jovem treinador. Ambicioso, sedento de mostrar todo o seu valor. Do outro, um dos técnicos mais consagrados do mundo.

A essa altura, Ferguson ainda não sabia que teria que se ver com Mourinho na Inglaterra no ano seguinte. O português foi para o Chelsea e conseguiu ser campeão inglês na primeira temporada. Com 95 pontos! À frente do Arsenal (83

pontos) e do Manchester United (77 pontos). Longe iam os tempos do supermercado.

A animosidade inicial começou a se transformar em respeito mútuo, até que passou para uma boa amizade, como o próprio Ferguson reconheceu em sua autobiografia, em 2013:

"Tive um choque com ele no final daquele primeiro confronto. Mas, às vezes, tenho desacordos com alguns colegas na primeira vez que nos encontramos e depois nos tornamos amigos. Com Mourinho aconteceu exatamente isso."

Amigos um do outro e de um

bom vinho. De preferência, para saborear depois dos jogos em que se enfrentavam. Mourinho chegou a fazer essa confissão à imprensa numa época em que vinha apontando o receio que alguns árbitros (especialmente os mais jovens) sentiam em relação a Ferguson. E por Ferguson falar com esses árbitros nos intervalos.

"Quando eu tiver sessenta anos e treinar na mesma liga há vinte anos, e tiver o respeito de todo mundo, também vou ter o poder de falar e de fazer as pessoas tremerem. Vocês querem uma tempestade aqui. Mas não há

nenhuma. Respeito muito sir Alex porque ele é um excelente técnico, mas tem que seguir as regras. Eu não falo com os árbitros e também não quero que outros técnicos façam isso, essa é a regra."

"Não é nada contra sir Alex. Depois do jogo, estivemos juntos na minha sala. Rimos, falamos, bebemos e quando eu for a Old Trafford para o jogo de volta, em 26 de janeiro, será o meu aniversário. Vou levar uma boa garrafa de vinho português para tomarmos depois do jogo, porque o vinho que bebemos em Stamford Bridge era muito ruim e ele estava

se queixando [risos]. Ele é um técnico fantástico. Tenho muito respeito pelo grande homem que é. Eu o chamo de *boss* porque ele é o patrão de todos nós, técnicos. Talvez os rapazes me chamem da mesma forma quando eu tiver sessenta anos."

Sobre o *boss* Mourinho ainda não sabemos, mas parece bem encaminhado. Sobre o vinho, o técnico português cumpriu a promessa: comprou uma garrafa de Barca Velha de 1964, um dos vinhos portugueses mais prestigiados. Cada garrafa custa cerca de 350 euros. Ferguson não se queixou.

O escocês também lamentou a saída de Mourinho depois de sua primeira passagem no Chelsea. “Uma desilusão”, segundo ele.

“Acho que ele foi fantástico para o futebol e, claro, para o Chelsea. Gostei do duelo com Mourinho e acho que ele trouxe algo de fresco e novo ao jogo. Só não sei o que vou fazer agora com o meu vinho.”

Em 2013, sir Alex Ferguson decidiu se aposentar, aos 71 anos. Foram 26 anos à frente do Manchester United. Conquistou duas Ligas dos Campeões, treze campeonatos ingleses, cinco Copas da Inglaterra, quatro Copas da Liga

e sete Supercopas inglesas. Era o adeus de um dos melhores currículos de técnico da história. Falou-se que Mourinho poderia ser o seu sucessor no cargo, num momento em que já se sabia que o português estava cumprindo a sua última temporada no Real Madrid.

O jornalista espanhol Diego Torres, no seu livro *Prepárense para Perder* (2013), diz que Mourinho chorou quando soube que, em vez dele, o sucessor de Ferguson seria David Moyes, um técnico sem qualquer título. Torres garante que Mourinho se sentiu traído pelo escocês. Uma versão que contrasta,

em absoluto, com as declarações do português assim que soube que Ferguson iria se aposentar:

"Sir Alex me ligou e me deu a honra de saber de sua decisão. Fiquei surpreso e triste. Ao mesmo tempo, fiquei satisfeito por sentir a emoção e o orgulho dele por uma carreira tão fantástica. Será difícil para mim — e penso que para todos os outros treinadores — jogar em Old Trafford sem ter essa figura mítica à nossa espera."

Mourinho também não marcou presença no último jogo de Ferguson como técnico de futebol. Justificativa: "Se vou estar no jogo

de despedida de Ferguson, em Old Trafford? Não, certamente não. Não quero chorar".

E foi bastante direto sobre o seu futuro quando saísse do Santiago Bernabéu: "Eu e Ferguson somos bons amigos, e os meus bons amigos sabem que clube eu gostaria de treinar quando terminar o meu trabalho no Real Madrid [referindo-se ao Chelsea]".

Voltou a abordar o assunto mais tarde: "Se eu sou amigo do Alex para saber que ele vai parar, ele também é meu amigo para saber que o clube que eu quero treinar na Inglaterra é o Chelsea. Claro que eu

lhe disse isso. Disse a ele que gostaria de voltar ao Chelsea e que recusaria todas as propostas do mundo por esse clube. Voltar à Inglaterra e não regressar a essa casa só seria uma hipótese se o Chelsea não me quisesse, porque sou profissional, tenho que continuar com a minha vida e, então, teria de ser feliz em outro lugar".

Ferguson se aposentou, mas Mourinho voltou à Premier League. E o futebol inglês voltou a ter o seu anti-herói preferido. De certa forma, deu para preencher parte do vazio deixado pela aposentadoria do

escocês. Os dois continuam a ser grandes amigos. Começaram mal, mas conquistaram-se mutuamente com o tempo.

Não foi a primeira vez que Mourinho saiu do inferno para o céu com colegas de profissão: também aconteceu na Espanha, com Manuel Preciado.

Estávamos em 2012. Os jornalistas que assistiam ao treino do Real Madrid ficaram atônitos com uma visita que parecia impossível um ano antes. O ex-técnico do Sporting de Gijón foi falar com Mourinho, deu-lhe um grande abraço e trocou gargalhadas

com o português. Com o mesmo homem que tinha chamado de "canalha" e "mau colega".

Em 2010, cerca de meio ano depois de Mourinho ter chegado à Espanha, os dois tiveram uma discussão terrível. Mourinho disse que o Sporting de Gijón, na época sob o comando de Preciado, não tinha dado tudo de si contra o Barcelona num jogo do campeonato em que os homens de Guardiola venceram por 1 a 0: "Um time não pode entregar um jogo. Tem que jogar no nível máximo. Isso não se pode fazer na Inglaterra, porque há uma sanção".

Preciado sentiu que era uma ofensa à integridade e ao profissionalismo dos seus jogadores. E disparou: “O Mourinho não me agrada muito e vou dizer isso na cara dele. Quem raios é esse sujeito? Há algum tempo disse que entregamos um jogo no Camp Nou. Se disso isso a sério, é um canalha e um mau colega”.

Mourinho estava suspenso para a visita do Real ao El Molinón, campo do Gijón, e não podia assistir ao jogo do banco. Preciado, revoltado com o português, disse onde iria fazê-lo se sentar se pudesse: “Eu o colocava com os

Ultra Boys [torcida radical do Gijón]. [...] Faltou ao respeito com uma entidade modesta como é o Sporting de Gijón e vai encontrar um forno ardendo".

Mourinho e o Real tiveram uma recepção terrível e um jogo difícil. Saíram com a vitória, mas debaixo de muita contestação. Rui Faria, o preparador físico de Mourinho, chegou a se pegar com Preciado no final da partida.

O tempo passou. O fogo se transformou em fumaça. O ódio em amizade. Preciado explicou por quê: "Mourinho ligou quando o meu pai morreu".

"Agora podemos dizer que temos uma relação magnífica. Ele é um grande treinador, basta olhar para o seu histórico. Mas quando se vê como ele trabalha, como treina e a motivação que imprime a cada minuto, entendem-se os resultados. Ele é o número um."

Em 1999, a banda portuguesa de rock Ornatos Violeta lançou um álbum de título curioso: *O monstro precisa de amigos*. Numa primeira leitura, somos levados a crer que até o ser mais diabólico da face da Terra precisa ter gente que goste dele. E para muitos torcedores de clubes rivais, Mourinho é um

monstro, um diabo. Por ganhar muitas vezes e pelo discurso que acompanha muitas dessas vitórias, sendo cruel com alguns dos seus adversários mais diretos. Basta lembrar o *zero titoli* para a Roma e o Milan, o dedo na boca mandando os torcedores do Liverpool se calarem ou as palavras de superioridade na sua primeira temporada no Porto, que tanto irritaram os torcedores do Benfica e do Sporting: "Somos muito melhores e, em condições normais, seremos campeões. Em condições anormais [pausa], também seremos campeões", seguido de uma despedida com um

murro na mesa.

Esse diabo para os adversários, no entanto, também sabe ter amigos — outra característica comum a muitos anti-heróis. Tal como Hank Moody (David Duchovny) tem Charlie Runkle (Evan Handler) em *Californication*. Ou Jules Winnfield (Samuel L. Jackson) tem Vincent Vega (John Travolta) em *Pulp Fiction*.

E há outro aspecto comum a todos os anti-heróis: eles não têm medo do mais alto poder. Por mais totalitário e maquiavélico que seja. No caso do futebol, esse poder tem um nome: Fifa.

CAPÍTULO 8



FRAUDE

Para mim, a Bola de Ouro não existe.

JOSÉ MOURINHO

(ANTES DA FESTA DA BOLA DE OURO DA FIFA 2013)



JOSÉ MOURINHO, PEP GUARDIOLA e Vicente del Bosque. Pelo terceiro ano consecutivo, a Fifa se preparava para atribuir a Bola de Ouro ao melhor técnico do mundo. O *Special One* foi o primeiro a ganhar, em 2010, depois de ter

conquistado tudo no comando da Inter. Sem contestação! Em 2011, Guardiola recebeu o troféu ao ganhar Champions, liga espanhola, Supercopa Europeia e Mundial de Clubes. Sem contestação! Em 2012, as dúvidas eram maiores. Com muita polêmica... E corrupção.

O Real de Mourinho tinha ganhado o campeonato espanhol. O Barça de Guardiola conquistou apenas a Copa do Rei. Del Bosque se sagrara campeão da Europa com a seleção da Espanha. Começava aqui a discórdia. A indicação de um técnico de seleção no meio de treinadores de clubes. Dois

trabalhos totalmente diferentes.

Mas já vamos chegar lá.

Os primeiros sinais de polêmica apareceram em 5 de janeiro de 2013. José Mourinho foi à coletiva de imprensa que antecedia o jogo diante da Real Sociedad e anunciou que não iria estar presente na festa da Bola de Ouro da Fifa 2012, marcada para Zurique dois dias depois.

“Não vou, tenho que trabalhar. Tenho um jogo importante pela Copa do Rei na quarta-feira e não vou assistir à cerimônia.”

Entre os indicados, Mourinho era o que estava na melhor posição

para receber o troféu (estranhou-se, por exemplo, a ausência de Di Matteo, que tinha vencido a Liga dos Campeões e a Copa da Inglaterra a serviço do Chelsea). O Barça havia conquistado apenas a Copa do Rei, e Guardiola trabalhara somente por seis meses em 2012 (saiu no final da temporada para iniciar seu ano sabático). Ou seja: nem sequer era uma ameaça à possível vitória de *Mou*.

É aqui que entra Del Bosque e mais algumas perguntas: Real Madrid ou Espanha? Técnico de clube ou de seleção?

Essa é uma mistura que faz

sentido apenas no reino da Fifa. O técnico de clube trabalha todos os dias num cenário competitivo permanente. O de seleção orienta a sua equipe cinco ou seis vezes por ano (durante dois ou três dias de cada vez) e só tem o sufoco do trabalho diário nas fases finais de grandes competições, num período que, no máximo, leva cerca de dois meses, de dois em dois anos. Não estão em questão os graus de dificuldade de cada posição. Simplesmente, são trabalhos distintos. Com mecânicas, ritmos e exigências diferentes. Por isso, naturalmente também devem ser

sujeitos a avaliações separadas.

A Fifa não entende assim. E, naquele ano, juntou técnicos de clubes e seleções no mesmo caldeirão. Concentrou tudo numa categoria, quando poderiam existir duas: Bola de Ouro para melhor técnico de clube e Bola de Ouro para melhor técnico de seleção. Não foi o caso, e Mourinho teria pela frente Vicente del Bosque.

Votam os treinadores de seleções, os capitães de cada seleção e um jornalista de cada país (no caso português, foi o jornalista Joaquim Rita, que votou em Mourinho na primeira posição, Del

Bosque na segunda e Di Matteo na terceira, embora este não tivesse votos suficientes para pertencer ao lote dos três escolhidos finais). Cada elemento tem um boletim com três votos, para pôr na ordem que preferir (sendo que o primeiro vale mais pontos).

Portugal e Real Madrid tinham dois indicados: Cristiano Ronaldo para melhor jogador e Mourinho para melhor técnico. Havia dúvidas sobre os vencedores em ambas as categorias.

No caso dos jogadores, porém, a poucos dias da votação, já se começava a dar mais favoritismo a

Messi do que a Ronaldo. E o argentino acabaria por ganhar a Bola de Ouro pela quarta vez consecutiva (41,6% contra 23,68%). Iniesta, do Barcelona e da seleção espanhola, com 10,91%, seria o terceiro mais votado.

No caso dos treinadores, reinava a ideia de que o equilíbrio poderia ser maior. Mas a poucos dias da decisão começaram a surgir vários rumores na imprensa de todo o mundo que davam a vitória a Del Bosque e deixavam Mourinho como o segundo mais votado. Quem defendeu essa teoria não se enganou.

DEL BOSQUE: 34,51%

MOURINHO: 20,49%

GUARDIOLA: 12,91%

Comecemos pelo último. O título mais importante de clubes é a Champions League. Naquele ano, não foi para Mourinho nem para Guardiola. A Champions foi conquistada pelo Chelsea, do italiano Roberto Di Matteo, que eliminou o Barça nas semifinais. Ainda ficou faltando Diego Simeone: o técnico do Atlético de Madrid tinha vencido a Liga Europa (segunda competição de clubes mais importante da Europa) e a Supercopa Europeia. Mas também

não estava no grupo final dos três indicados.

As situações de Di Matteo e Simeone são apenas mais um pormenor revelador das injustiças relacionadas com a Bola de Ouro. Mas apenas isso, um pormenor entre muitos. O que estava prestes a acontecer era outra coisa: uma nova bomba com o carimbo do *Special One*.

Em entrevista dada à RTP, exibida em 18 de março de 2013, o técnico português revelou os verdadeiros motivos que o levaram a não comparecer à festa da Bola de Ouro. Por causa do jogo pela Copa

do Rei? Não. Muito melhor do que isso. Ou pior…

"Quando me ligaram mais de duas ou três pessoas dizendo 'eu votei em você e o voto foi para outro', decidi não ir. Eu acuso a Fifa de irregularidades na eleição do Melhor Técnico do Mundo. Houve falta de transparência."

E mais: "A Fifa tinha conhecimento dessas irregularidades, sabia que existiam e não as evitou".

Mourinho está habituado a ser o centro das polêmicas. Vive bem nesse papel. Mas isso era completamente novo, até para ele.

Acusar a Fifa de forma tão clara? Só podia estar muito seguro das suas afirmações, caso contrário arriscaria uma punição pesada.

O que disse a Fifa? Desmentiu tudo, claro. E um dos seus representantes aproveitou para lançar o habitual discurso ameaçador que é feito sempre que alguém põe em dúvida a integridade da organização. Em 21 de março, Bryan Jiménez, membro do Comitê de Fair Play e Responsabilidade Social da Fifa e presidente da federação da Guatemala, foi ao programa *Al Primer Toque* (da rádio espanhola

Onda Cero) e atacou Mourinho:

"Esse personagem está falando de alteração na votação. Parece-me uma irresponsabilidade. Vamos analisar as palavras, ver como José Mourinho se expressou, para decidir que ações tomaremos em benefício da imagem da Fifa. Se for provado que ele realmente quis dizer isso [que existiram irregularidades], adotaremos as medidas pertinentes e adequadas, porque a Fifa promove o fair play e a responsabilidade."

Também deixou uma palavrinha simpática ao treinador da seleção espanhola: "Del Bosque é o justo vencedor. É uma pessoa que cumpre

com tudo o que a Fifa exige para ser indicado e vencedor".

Jiménez acha tudo isto de Del Bosque e considera Mourinho um personagem irresponsável. Por isso, não deve ter ficado nada contente com o voto de Carlos Ruiz, capitão da seleção da Guatemala, ou do seu técnico, Ever Hugo Almeida:

1º MOURINHO

2º GUARDIOLA

3º DEL BOSQUE

O técnico e o capitão da Guatemala também acham que Del Bosque "cumpre com tudo o que a Fifa exige para ser indicado e vencedor"... Logo depois de

Mourinho e Guardiola.

O único voto que poderia ter agradado a Jiménez foi o de Francisco Aguilar, jornalista do seu país. Mourinho nem entrou nos três:

1º DEL BOSQUE

2º DI MATTEO

3º GUARDIOLA

E qual foi a reação do técnico da Espanha sobre as polêmicas acusações de Mourinho?

Ele também deu declarações a uma rádio espanhola em 21 de março. Falou para os microfones do programa *El Larguero*, da Cadena SER, e desvalorizou as queixas do seu colega de profissão:

“As declarações de Mourinho parecem uma coisa de criança, mas eu nem quero rir para que não me interpretem mal.”

Mourinho parecia estar cada vez mais sozinho no meio das suas acusações. Onde estavam as duas ou três pessoas que tinham ligado para dizer que os votos foram alterados? Por que não apareciam para dar a cara pelo amigo em quem votaram? Tinham deixado Mourinho sem testemunhas? Não! Houve um corajoso. Um dos ex-jogadores de Mourinho, dos tais que também juraram morrer por ele.

A essa altura, era Goran Pandev

quem já tinha confirmado todas as palavras do seu ex-treinador. O capitão da seleção da Macedônia e campeão europeu pela Inter de Mourinho em 2010 veio defender o técnico português ainda antes das reações de Del Bosque e de Jiménez, numa entrevista à televisão espanhola La Sexta, exibida em 20 de março:

"Votei em Mourinho, sempre Mourinho. Não sei o que se passou, aconteceram coisas muito estranhas. Eu lhe disse que votei nele, não sei o que aconteceu." Pandev se queixava de que seu voto tinha sido alterado para Del Bosque

(primeiro), mantendo-se os outros dois em Roberto Mancini (segundo) e Jürgen Klopp (terceiro).

"Contei a Mourinho e ele ficou um pouco triste, mas não podemos mudar essas coisas. Como é que eu poderia falar da Fifa?", questionou Pandev.

Não podia, mas foi o único a dar a cara por Mourinho — uma decisão de coragem. O técnico português percebeu isso e agradeceu publicamente o gesto do seu ex-atleta: "Quero agradecer a uma pessoa entre as muitas que me telefonaram, mas que pediram anonimato, e quero agradecer

àquele que veio a público para falar", afirmou o então treinador do Real Madrid em 23 de março, numa coletiva de imprensa em Setúbal, durante uma exposição que marcava os cinquenta anos do técnico.

O aparecimento de Pandev deu força aos argumentos de Mourinho. A La Sexta também mostrou mais duas pessoas — dois técnicos portugueses — que iriam votar no *Special One*, mas não puderam fazer isso. Paulo Duarte foi um deles. Na época, era técnico da seleção do Gabão e garantiu que iria votar em Mourinho, mas a sua federação não lhe entregou a documentação a

tempo, impedindo-o assim de participar na votação. Paulo Duarte informou ainda que a mesma coisa aconteceu com outro português, Carlos Manuel, treinador da seleção da Guiné-Bissau.

Com essas novas versões, a Fifa voltava a estar debaixo de fogo cruzado e precisava se defender. De forma inequívoca, sem deixar margem para dúvidas. E tentou fazer isso no dia 22 de março: a entidade usou o seu site para publicar o voto de Pandev que tinha sido enviado pela federação da Macedônia. Ali apareceram novamente as três escolhas que

tinham sido publicadas na lista conjunta tornada pública logo depois da festa de 7 de janeiro. E nenhuma delas era Mourinho. A publicação desse fax manchava o nome de Pandev — o jogador passava a ser visto como mentiroso, e a Fifa parecia ter ganhado a batalha pela alegada transparência.

Mas o jogador da Macedônia não se deu por vencido e, logo no mesmo dia, insistiu que o primeiro dos seus votos foi dado a Mourinho, mas teria sido alterado para Del Bosque.

“Não quero fazer declarações oficiais, porque esta noite vamos ter

que jogar uma partida importante contra a Bélgica. Só posso dizer que a assinatura no fax não é a minha. Mourinho é o meu favorito, todos sabem disso", afirmou o capitão da Macedônia ao site italiano Calciomercato.

Acusações, contradições, versões diferentes. Provas publicadas, assinaturas supostamente mudadas. Quem tinha razão? Pandev ou a Fifa? E onde ficava a federação da Macedônia no meio dessa guerra? A resposta veio em 29 de março, num comunicado oficial do órgão máximo do futebol.

Afinal, Pandev havia mesmo

votado em Mourinho para Melhor Técnico do Mundo de 2012. A federação da Macedônia informou que Pandev elegeu mesmo o técnico português, mas por causa de um "erro técnico" antes do envio do boletim para a Fifa, o voto que era para o português foi atribuído ao treinador da seleção espanhola, Vicente del Bosque.

Fim da polêmica. Tudo por causa de um "erro técnico". A federação da Macedônia assumiu o erro e limpou a Fifa e Pandev de quaisquer culpas. Nenhuma das partes voltou a tocar no assunto. Mourinho também não, mas nunca

mais ficou convencido. A partir daí, para ele, a Bola de Ouro provou ser "uma farsa", como disse em 2013 à agência de notícias Lusa, quando já estava de volta ao Chelsea.

"Na última temporada, provei com um técnico e um jogador que os votos eram falsos e, para mim, não preciso de mais provas, é suficiente. Um jogador disse publicamente que o voto dele foi alterado e um técnico disse que o voto dele foi alterado. A partir desse momento, para mim, a Bola de Ouro não existe."

O técnico especial, com a ajuda imprescindível de Pandev, mostrou

os podres dos poderosos. Destruiu, por completo, o conceito da Bola de Ouro que já era duvidoso e levantava muitas alegações de corrupção. Mais do que qualquer título, mais do que qualquer coletiva de imprensa fulminante, mais do que exemplos de liderança, essa talvez tenha sido a maior contribuição que Mourinho deu ao futebol: expôs claramente uma das muitas ilegalidades da Fifa.

Foi castigado? Claro que não! Desafiou o sistema e as provas estavam lá. Mourinho, o anti-herói, fala dos poderosos sem medo. Contra a Fifa. Contra a corrupção.

Perdeu a Bola de Ouro de 2012, através de irregularidades, para um técnico de seleção. Um cargo que nunca ambicionou. A não ser em Portugal.

CAPÍTULO 9



AMOR ADIADO

KAREN: Se fosse fazer amor com alguém sabendo que seria a última vez, o que você iria pensar?

HANK MOODY: Que seria incrivelmente triste.

KAREN: Você me deixa triste.

DIÁLOGO DA SÉRIE *CALIFORNICATION*



FIM DA COPA DO MUNDO DE 2010. Início das eliminatórias para a Eurocopa de 2012. Carlos Queiroz é

suspenso do cargo de técnico da seleção portuguesa em consequência de um processo kafkiano que acabaria com a sua demissão. O técnico interino, Agostinho Oliveira, assume o comando da equipe. Portugal consegue apenas um ponto ao fim dos primeiros dois jogos. Empate em casa com o modesto Chipre em 4 a 4 e derrota na Noruega por 1 a 0. A Eurocopa está em risco e mantém-se a indefinição sobre o homem que deve substituir Queiroz. Parece que tudo está desabando no entorno da seleção portuguesa.

José Mourinho tinha acabado de

iniciar sua aventura no Real Madrid. Estava longe, em outra realidade, mas via a situação de Portugal com alguma apreensão. Viriam em seguida dois jogos fundamentais: primeiro em casa contra a Dinamarca e em seguida uma visita à Islândia. Era proibido perder pontos para continuar sonhando com a presença na fase final que iria ser disputada na Polônia e na Ucrânia.

O então presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Gilberto Madaíl, precisa tomar uma decisão rápida para evitar o fracasso. É nesse momento que sonha alto —

muito alto. Diante da urgência nacional, consegue convencer Mourinho a ser o técnico da seleção de Portugal nos dois jogos decisivos, até que se encontre um treinador com perfil para continuar no cargo. Mourinho aceita. Mas fica faltando o mais difícil: convencer o presidente do Real Madrid, Florentino Pérez, a emprestar o seu técnico à seleção. Não seria uma novidade, vários técnicos já haviam desempenhado os dois cargos simultaneamente. E não apenas por dois jogos.

O holandês Guus Hiddink foi um deles. Por duas vezes: em 2006,

com o PSV Eindhoven e a Austrália; e em 2008, com o Chelsea e a Rússia. Mas o Real Madrid tinha acabado de contratar Mourinho para destronar o todo-poderoso Barcelona. Pior ainda: o técnico português era o mais bem pago do mundo.

Madaíl foi a Madri para falar com Pérez. Antecipava-se uma missão quase impossível, mesmo com a total concordância de Mourinho e com a intermediação do superagente Jorge Mendes, que representa o técnico. Os dois presidentes se reuniram? O que se sabe é que houve uma grande

confusão. Com Mourinho no epicentro, mais uma vez.

Em declarações à RTP, o técnico começou dizendo que não compreendia o motivo de o Real Madrid não o deixar acumular o cargo de técnico do clube e da seleção portuguesa durante o período de dez dias referente aos jogos de Portugal contra Dinamarca e Islândia.

“Não entendo por que não me deixam treinar Portugal quando no Real não vou ter quase nada para fazer. Vou estar nove dias de férias em Madri enquanto há jogos das seleções”, afirmou, referindo-se ao

fato de quase todo o elenco do Real ser composto por atletas de seleções internacionais e, por isso, ficar sem jogadores para trabalhar durante o período.

A essa altura, Jorge Valdano ainda estava no Real Madrid, era o diretor esportivo do clube. Outro dos inimigos de Mourinho. No entanto, Valdano durou pouco. Saiu logo na temporada seguinte por imposição do treinador. Mas, na primeira temporada, Mourinho teve de conviver com Valdano. E vice-versa. Foi o argentino quem deu outra versão dos acontecimentos: disse que não houve um pedido

oficial da federação portuguesa sobre o assunto. Estranho, muito estranho. Ainda mais se Gilberto Madaíl, como noticiavam os jornais, estava em Madri.

Diante desses novos dados (fossem verdadeiros ou falsos), Mourinho foi obrigado a esclarecer:

"A jornalista da RTP me disse que não tinha havido uma reunião entre o Real Madrid e a federação portuguesa. Eu disse a ela que não entendia as razões dessa situação. O Jorge Valdano também me disse que Portugal não pediu nenhuma reunião e o que eu queria dizer era isto: se a Federação está em Madri,

não entendo por que não pede a reunião. A pergunta me foi malfeita e não há mais história.”

Ele tentou matar o assunto, mas deixou escapar sua vontade: “Sou honesto e reconheço que estou triste por não treinar Portugal, mas não tenho o direito de exigir nada do Real. É uma situação difícil”.

A situação gerou polêmica em Madri, mas o plantel se colocou ao lado do técnico através de Granero: “A forma como ele falou e o que disse em relação a estarmos de férias obviamente se referia à ausência de 90% dos atletas do elenco. É normal. Não creio que

haja necessidade de interpretar mal as palavras do técnico. Ele respeita a nós todos por igual e já demonstrou isso. Estejamos aqui poucos ou muitos, ele sempre mostrou respeito e profissionalismo. Com o que disse não quis nos desprestigiar e, por isso, não deve ser mal interpretado". Note-se que Granero era um dos que pertenciam ao grupo dos 10% que não foram chamados para as respectivas seleções.

Paulo Bento acabaria sendo contratado para a seleção portuguesa. Mourinho encerrou a polêmica ao dar todo o seu apoio ao

novo treinador através de uma carta aberta à seleção, na qual também admitiu que, pela primeira vez em sua carreira, tinha posto a emoção à frente da razão por conta da vontade de ajudar Portugal quando recebeu o convite de Madaíl. Uma carta de amor:

> *Sou português há 47 anos e técnico de futebol há dez. Sendo assim, sou mais português do que técnico. Isso posto, para que não restem dúvidas, vamos ao que importa…*
>
> *As seleções nacionais não são espaços de afirmação pessoal, mas*

sim de afirmação de um país e, por isso, devem ser um espaço de profunda emoção coletiva, de empatia, de união. Aqui, nas seleções, os jogadores não são apenas profissionais de futebol. Os jogadores são, além disso, portugueses comuns que, por jogarem melhor que os portugueses empregados bancários, taxistas, políticos, professores, pescadores ou agricultores, foram escolhidos para lutar por Portugal. E quando esses eleitos, a quem Deus deu um talento, se juntam para jogar por Portugal, devem fazê-lo pensando naquilo que são — não

simplesmente profissionais de futebol (esses são os que jogam nos clubes), mas, além disso, portugueses comuns que vão fazer aquilo que outros não podem fazer, isto é, defender Portugal, a sua autoestima, a sua alegria.

Obviamente há coisas na sociedade portuguesa incomparavelmente muito mais importantes que o futebol, uma vitória ou uma derrota, que uma classificação ou não para uma Eurocopa ou uma Copa do Mundo. Mas os portugueses que vão jogar por Portugal — repito, não gosto de chamá-los de

jogadores — têm que saber para onde vão, o que vão fazer, por que vão e o que se espera deles.

Por isso, quando a Federação Portuguesa de Futebol entrou em contato comigo para ser o técnico da seleção, aquilo que senti na minha casa foi orgulho; do que me lembrei foi das centenas e centenas de pessoas que, no período das férias, me abordam para me dizer o quanto desejam que eu assuma esse cargo. Isso me levou, pela primeira vez na minha vida profissional, a decidir de forma emocional e não racional, abandonando, ainda que

temporariamente, um projeto de carreira que me levou até onde me levou.

Desculpem a linguagem, mas a verdade é que pensei: "Que se lixem as consequências negativas e as críticas se eu não ganhar; que se lixe o fato de não ter tempo para treinar e implementar o futebol que tem me levado ao sucesso; por Portugal, eu vou!".

E é isto que eu quero dizer aos eleitos para jogar por Portugal: aí, não se pensa em prestígio; aí, não se vai para levar ou retirar dividendos; aí, quem vai, vai para dar; aí, há que ir de alma e

coração; aí, não há individualidades nem individualismos; aí, há portugueses que ou vencem ou perdem, mas de pé; aí, não há incômodo por jogar ou por ir para o banco; aí, só há espaço para se sentir orgulho e se ter atitude positiva.

Por um par de dias eu me senti e pensei como técnico de Portugal. E gostei. Mas tenho que reconhecer que o Real Madrid é uma instituição gigante, que me "comprou" da Inter, que me paga, e que não pode correr riscos perante os seus sócios e torcedores. Permitir que o seu técnico, ainda

que por uns dias, saísse do seu ambiente de trabalho e dividisse a sua concentração e as suas capacidades era impensável.

[…]

Fiquei com o sabor amargo de não ter podido ajudar a seleção, mas fico com a tranquilidade óbvia de quem percebe que tem nas mãos um dos trabalhos mais prestigiados no mundo do futebol.

Agora, Portugal tem um técnico e ele deve ser visto por todos como "o nosso técnico" e "o melhor" até o dia em que deixar de ser o "nosso técnico". Esta me parece ser uma máxima exemplar:

o meu é o melhor! Pois bem, se o nosso é Paulo Bento, Paulo Bento é o melhor.

Como português, do Paulo espero independência, capacidade de decisão, organização, modelagem das estruturas de apoio, mobilização forte, fonte de motivação e, naturalmente, coerência na construção de um modelo de time adaptado às características dos portugueses que estão à sua disposição. Sinceramente, acho que o Paulo tem condições para desenvolver tudo isso e, para tanto, terá sempre o meu apoio. Se ele

ganhar, eu, português, ganho; se ele perder, eu, português, vou perder. Mas eu também quero ganhar.

E Portugal começou a vencer. Ganhou os dois jogos por 3 a 1 e iniciou sua recuperação. Conseguiu se classificar para a Eurocopa de 2012 através de um play-off em que eliminou a Bósnia e acabou fazendo uma grande competição (caiu apenas nas semifinais, contra a Espanha que era a campeã do mundo e iria se sagrar bicampeã da Europa, depois de ter também conquistado a Eurocopa de 2008).

Mourinho, durante todo esse tempo, continuava no Real Madrid. Mas nunca pôs de lado a ideia de um dia vir a ser o técnico da seleção nacional — um dos objetivos da sua carreira, talvez um dos seus sonhos enquanto português. Já disse isso várias vezes, em vários momentos. Inclusive durante a Copa do Mundo de 2014. E aqui voltamos à tal história do torcedor do Chelsea e à diferença entre lentilhas (antes de Mourinho) e caviar (com Mourinho).

Olhando para as limitações de Paulo Bento, é fácil perceber que os torcedores portugueses estão com

vontade de comer caviar na seleção nacional. Fazem um raciocínio lógico: seja daqui a cinco ou dez anos, o melhor técnico da história do futebol português tem que vir a ser o treinador da seleção. Para se sair do "quase" de 1966, 2004, 2006 ou 2012. Talvez assim, com Mourinho, Portugal consiga finalmente conquistar o título de uma Eurocopa ou até mesmo de uma Copa do Mundo. Mas, para isso, são necessários os ovos para fazer os omeletes (como o técnico chegou a dizer nos seus primeiros tempos no Chelsea, em relação ao elenco que tinha à disposição). Em

Portugal, há cada vez menos ovos de classe A. E, para Mourinho, cada vez menos portugueses, tal como o próprio afirmou em 2013: “Será difícil treinar a seleção. Não há portugueses jogando em Portugal”.

Mais tarde, lançou uma dura opinião em relação aos naturalizados jogando por outros países. Algo que ainda ganhou maior impacto tendo em conta que fora o treinador de Deco, no Porto, quando Scolari chamou o brasileiro para representar Portugal.

“Se um dia eu for técnico da seleção de Portugal, levarei só portugueses. A seleção nacional é

de Portugal, não de 'Portugal e Amigos'. Portugal é dos portugueses", defendeu, em março de 2014, numa coletiva de imprensa em que se discutiam as possíveis convocações de Fernando e Diego Costa às seleções de Portugal e Espanha, respectivamente.

Apesar das críticas, ele continua tendo a ambição de treinar Portugal antes de acabar a carreira. Mas nunca fechou as portas a outros países e esteve muito perto de se tornar técnico da seleção inglesa, poucos meses depois de a equipe ter falhado na tentativa de classificação para a Eurocopa de 2008. Porém, o

conselho de sua esposa e os longos períodos sem competição fizeram Mourinho mudar de ideia.

"Estive quase, quase, quase a ponto de me tornar técnico da Inglaterra naquele momento. Mas tomei a decisão certa, e minha mulher estava certa: ela me disse para não aceitar. Eu não posso ficar dois anos à espera de uma grande competição. Não posso passar esses dois anos jogando contra o Cazaquistão ou San Marino. Isso não é para mim."

No entanto, já durante a Copa do Mundo de 2014, depois da derrota dos ingleses frente ao

Uruguai, o técnico deixou a dúvida no ar: “Se um dia surgir a oportunidade, por que não?”. Mas a preferência seria sempre pela seleção portuguesa — a história de amor adiada, mas prometida. Daqui a alguns anos. “Quero treinar o Chelsea por doze anos e depois ser técnico na Copa do Mundo de 2026. A minha preferência seria com a seleção portuguesa. A inglesa seria uma segunda escolha.”

Uma fase eliminatória. Uma grande competição. Uma ligação duradoura, o amor levado a termo no seu verdadeiro palco, no palco mais importante do futebol: a Copa

do Mundo. Em vez de uma solução temporária, como Gilberto Madaíl chegou a tentar antes da Eurocopa de 2012.

Assim como Hank e Karen, em *Californication*, ter Mourinho na seleção por apenas dois jogos, sabendo que eram os últimos, seria incrivelmente triste. Seria como trocar uma relação de amor por uma noite de sexo. Ou, nesse caso, duas noites. Não basta, é preciso mais. Demore o tempo que demorar, mesmo que seja em 2026…

CAPÍTULO 10



A VOLTA PARA CASA

Estamos juntos de novo e acho que voltamos a estar juntos num grande momento para ambos. Estamos prontos para casar de novo
e para sermos felizes e bem-sucedidos outra vez.

JOSÉ MOURINHO



PRIMEIRA TEMPORADA: ZERO TÍTULOS. Segunda temporada: campeonato inglês e Copa da Liga.

Assim se escreve sobre a volta de José Mourinho ao Chelsea, o clube em que ainda está. E no qual espera ficar durante muitos anos, para combater a ideia de que é um homem de relações rápidas, que não vão além de dois ou três anos. Mas para isso é preciso vencer. E Mourinho venceu outra vez.

Vamos andar para a frente, acelerar. Até chegar quase ao final. E nos determos no freguês de costume: um Arsenal rejuvenescido. E um esperançoso Arsène Wenger. Ele disputou doze jogos com Mourinho e nunca venceu. Prepara-se para o 13º embate e está a dez

pontos do líder Chelsea. Faltam sete jornadas para o fim da Premier League — falta um mês inteiro. Mas falta bem menos do que isso para Mourinho ser campeão. Do lado do Arsenal, a ilusão. A vontade de evitar o desfecho anunciado.

Wenger antes do jogo: "Matematicamente, ainda é possível. Podemos ficar mais próximos, temos a oportunidade de conseguir isso neste jogo na nossa casa e queremos aproveitar".

Wenger depois do jogo: "O Chelsea vai ser campeão. Todos sabemos disso. É impossível deixarem escapar o título".

O jogo terminou com um empate sem gols. Terminou como mais um confronto em que Wenger não conseguiu derrotar Mourinho. Melhor ainda: terminou com um cântico cômico dos torcedores do Arsenal: "*Boring, boring Chelsea. Our football is prettier than yours*". Traduzindo: "Chato, chato Chelsea. Nós jogamos mais bonito que vocês".

Mourinho respondeu ao seu estilo:

"Chato é ficar dez anos sem ganhar um título. Você torce por um clube e depois espera, espera e espera por um título da Premier

League e nada. Isso sim é chato." [O último campeonato inglês conquistado pelo Arsenal foi em 2003/04.]

E ainda…

"A equipe que dizem ser chata é a segunda com mais gols na Premier League e a melhor no saldo de gols. Marcamos muitos gols num período difícil para nós, em que não tivemos Diego Costa e Loïc Rémy [atacantes]. Só o Manchester City fez mais gols que nós."

E ainda mais…

"Eu me pergunto se, no futuro, quando for avô e estiver em casa com os meus netos, o futebol vai se

resumir a um belo gramado sem gols. E se nesse gramado o time com mais posse de bola vencerá o jogo. Porque ouço muita gente dizer: 'Sim, o meu time joga muito bem, tem muita posse de bola…'. Parece que os gols não contam mais."

É o velho debate entre estética e resultados. Os torcedores do Arsenal se alegram com o estilo de futebol de toques do time. Mas se desesperam todos os finais de temporada quando veem os outros festejando.

Posse de bola não ganha jogos. As equipes de Mourinho ganham

jogos. E títulos. Olhamos para a forma como os jogadores do Chelsea se abraçaram em pleno Emirates, depois do jogo, e vemos que ali não há qualquer chateação — há alegria, há orgulho entre homens que sabem que acabaram de dar um passo gigante para vencer o campeonato. Vemos John Terry, o maior símbolo do Chelsea. Aos 34 anos, o capitão da equipe se entrega como se fosse um garoto que ainda tem tudo para provar. Deixa o sangue e a pele no gramado. E quando a batalha chega ao fim, ergue os braços e grita. A celebração do soldado vencedor,

que imediatamente recebe os parabéns do seu general.

"Eu disse ao John no vestiário que ele já fez exibições fantásticas, mas esta foi a melhor. Foi o melhor John Terry que já vi. Esteve absolutamente fantástico", confessou Mourinho na coletiva de imprensa após o jogo.

Dias depois, Terry devolveu o gesto: "A posse e o futebol tiquitaca são muito bons, mas sem ganhar jogos não se ganham títulos. Para mim, não praticamos um futebol chato; mas se o fizermos e ganharmos, tenho certeza de que ninguém lembrará que tivemos

exibições menos empolgantes. Não podemos nos esquecer da primeira parte da temporada, até o Natal — sem dúvidas de que fomos a melhor equipe. O futebol que praticamos com Fàbregas e suas assistências, com gols atrás de gols. As coisas depois se viraram contra nós, e o nosso técnico nos deu a forma de que precisávamos para vencer os jogos."

Fato: os times de Mourinho não são chatos. Adaptam-se aos momentos da temporada, à forma dos jogadores, ao adversário e aos objetivos que estão em cima da mesa. O Chelsea foi campeão

conseguindo ser líder desde a primeira rodada. “Algo que só está ao alcance das equipes de primeira linha”, reforçou Mourinho. Num campeonato em que, além do Arsenal, está o milionário Manchester City e um revigorado Manchester United, liderado por Van Gaal — que investiu 75 milhões na contratação de Di María e 15 milhões de euros pelo empréstimo de Falcao por apenas uma temporada. Nenhum dos dois jogadores se impôs, principalmente Falcao. E nenhum dos colossos do Manchester conseguiu beliscar o exército de Stamford Bridge. O

mesmo aconteceu com o Arsenal: Alexis Sánchez e Danny Welbeck juntaram-se a uma parada de estrelas onde já figuravam Özil, Cazorla ou Wilshere. A equipe melhorou, mas não foi o suficiente para se transformar num sério candidato ao título. Mourinho lembrou esse fato, em mais uma indireta ao treinador dos *gunners* antes da partida entre os dois times: "Wenger não é meu rival".

Talvez tenha sido uma resposta ao que aconteceu no encontro do primeiro turno. Em mais um episódio das polêmicas entre os dois técnicos, o francês empurrou o

português. No campo, Diego Costa e Hazard empurraram duas bolas para as redes do Arsenal. Mais uma vitória para Mourinho, mais uma tarde de frustração para Wenger. Os números mostram bem por que Wenger não chega a ser um rival de Mourinho: sete vitórias do português e seis empates. A segunda temporada de Mourinho depois da volta a Stamford Bridge serviu apenas para aumentar ainda mais essa distância.

Claro que o Chelsea também se reforçou: Diego Costa (40 milhões de euros) e Fàbregas (33 milhões) formaram o casamento perfeito

para muitos dos gols que os *blues* marcaram na Premier League. Ajudaram a dar ainda mais qualidade a uma equipe em que já figuravam grandes estrelas. Hazard, por exemplo, confirmou todo o seu potencial e foi considerado o PFA do ano (prêmio de melhor jogador do campeonato atribuído pelos atletas da Premier League). Tornou-se ainda mais cobiçado por outros rivais, incluindo o antigo clube de Mourinho. Mas o técnico português foi categórico quando lhe questionaram se Hazard poderia ir para o Real Madrid por 100 milhões de euros: “Talvez, mais um dos três

melhores jogadores do Real Madrid. Pediria 100 milhões porque ele é muito novo… Mas 100 milhões por cada perna".

O craque da seleção belga, porém, tranquilizou o técnico: "Vou ficar no Chelsea". O jogador revelou também que muito da sua vontade de permanecer em Londres se deve à forma de trabalhar de Mourinho: "Trabalhamos bem juntos. Mas o mais importante é que ele me dá liberdade e não me pressiona. É importante para um jogador ter liberdade". Hazard foi o enésimo jogador a elogiar Mourinho. E também é um dos

muitos que atingiram o melhor momento da sua carreira sendo treinados pelo português.

Drogba é um dos jogadores que têm assistido à evolução de Hazard. O marfinense retornou ao Chelsea depois de uma passagem pelo Galatasaray. Com 37 anos já não tem, naturalmente, o frescor físico de outros tempos. Mas contribui com experiência e liderança. É um dos sobreviventes da primeira passagem de Mourinho (ao lado de Terry, Mikel e Petr Ĉech), uma lenda viva dentro do campo. Mesmo sem a velocidade de movimentos que o celebrizou,

continua a ser um craque. Foi muito importante em diferentes momentos da temporada, como no jogo contra o Leicester. A partida fora adiada e aconteceu três dias após o empate com o Arsenal. Uma vitória deixaria o Chelsea a apenas três pontos da conquista do troféu. E foi o que aconteceu, mas com muito sofrimento. O Leicester começou ganhando. No segundo tempo, contudo, Drogba empatou e Terry operou a virada. Os torcedores do Leicester quiseram imitar os do Arsenal. Voltou o "*Boring, boring Chelsea*". Enquanto cantavam, Ramires disparou um míssil fora da

área e fez o 3 a 1 para os londrinos. A melhor resposta, um arremate poderoso. Um gol que não teve nada de chato.

Na véspera, os jogadores do Chelsea já tinham mostrado o seu sentimento em relação às críticas sobre seu futebol — com muito senso de humor. O vídeo compartilhado por Drogba no Instagram mostra vários jogadores sentados à mesa. Eles começam a passar a bola entre si com toques de cabeça até que chega a vez de Mikel. O nigeriano faz o cabeceio da glória… para dentro de um cesto de lixo! Segue-se a comemoração,

com os jogadores abraçados, às gargalhadas.

A frase do post de Drogba mostrava bem o espírito do grupo: "*Boring, boring Chelsea*". Seguido de vários *smiles*. Como quem diz mais uma vez: "Chato é não ganhar". O zagueiro Kurt Zouma resumiu as críticas da melhor forma: "Os torcedores dos adversários sentem inveja do Chelsea porque seus times não estão à frente na classificação, onde todos gostariam de estar."

O Chelsea foi campeão no domingo seguinte: vitória por 1 a 0 diante do Crystal Palace. Sem surpresas, a cinco rodadas do fim.

Em matéria de título, o último mês da Premier League serviu apenas para cumprir tabela. Essa é a chateação que se abate sobre os adversários — eles têm que continuar jogando, presos à luta por objetivos menores, enquanto assistem à festa ininterrupta do novo campeão inglês.

O Chelsea está de volta. Mourinho está de volta. Depois de duas temporadas sem ganhar nenhum título (a última no Real e a primeira no Chelsea), depois de muitos o terem dado como "morto" para o futebol. Eis que ele regressa sem nunca ter partido. E volta a

ganhar. Foi o 22º título da carreira e o segundo da temporada, depois da vitória na final da Copa da Liga contra o Tottenham, em março. A essa altura, o técnico especial admitiu que já estava com saudades de vencer.

"Esse é um bom problema, ter a sensação de que dois anos é muito tempo. Essa é uma boa sensação. Para mim, é importante sentir que sou como um garoto. Antes do jogo, tive a mesma exata sensação que tivera na minha primeira final há muitos anos. É importante sentir a mesma alegria depois da vitória e me sentir como um garoto aos 52

anos.”

E também confessou que queria “matar” Silvino, o treinador de goleiros que o acompanha desde os tempos do Porto. Mourinho queria que os seus jogadores não se preocupassem com o resultado do jogo entre o Liverpool e o Manchester City, um dos principais adversários do Chelsea na luta pelo título. Mas a caminho do Estádio de Wembley, em Londres, onde a equipe iria jogar a final da Copa da Liga, Silvino começou a festejar a vitória do Liverpool por 2 a 1.

“Sabia que era uma missão impossível, mas não queria

televisões no hotel ou no ônibus. Não queria nenhuma reação. Mas um membro da minha comissão técnica não se conteve: Silvino. Eu queria matá-lo!", disse Mourinho, bem-disposto, depois de ter vencido a final. Um título que serviu de aperitivo para a anunciada conquista do campeonato inglês, o auge de uma temporada com dois acidentes de percurso: a eliminação na Copa da Inglaterra contra o modesto Bradford, da terceira divisão, e a queda nas oitavas de final da Champions perante o PSG: a noite em que David Luiz e Thiago Silva foram heróis. Difícil de

digerir. Especialmente pelo gol e pela exibição de David Luiz, jogador que não conseguiu convencer Mourinho quando os dois se cruzaram no Chelsea. O técnico português nunca escondeu a felicidade em ver o zagueiro brasileiro ser transferido para o clube parisiense por 50 milhões de euros — verba que permitiu ao Chelsea entrar com força no mercado e conseguir jogadores como Diego Costa e Fàbregas.

A luta pelo trono europeu é o próximo grande desafio de Mourinho depois de ter conquistado novamente a coroa do futebol

inglês. O foco é esse. Será esse. Porque a vida de um vencedor não pode parar, os objetivos têm que ser imediatamente renovados: “Vou festejar durante cinco minutos, depois sigo em frente. Temos que preparar a próxima temporada”, disse Mourinho antes de se sagrar campeão.

Ele parte para a temporada seguinte com a confiança de quem voltou a ganhar e com a admiração dos seus jogadores. Fàbregas é um dos melhores exemplos, que foi treinado por Wenger, no Arsenal, e por Guardiola, no Barcelona. Depois de um ano com Mourinho, seu

discurso não deixa dúvidas: “É o melhor treinador do mundo. Tem que obter resultados e sempre consegue fazer isso. É um verdadeiro vencedor, um verdadeiro profissional”. O percurso de Fàbregas na liga inglesa se resume de forma simples. Seis temporadas no Arsenal: zero títulos. Uma temporada no Chelsea: campeonato inglês e Copa da Liga. “A Premier League sempre foi um troféu que eu queria conquistar na minha carreira. Espero que seja o primeiro de vários”, admitiu.

Na hora de festejar a conquista do campeonato nacional, Mourinho

foi discreto, abraçou a família — que estava sentada atrás do banco de reservas —, deixou o palco para os jogadores e lembrou o pai, Félix Mourinho, que tinha sido operado de um derrame cerebral dias antes: "Senti que meu pai estava forte e que a minha mãe também estava forte no apoio. Senti essa tranquilidade". Esteve em Lisboa apenas um dia. Viu o pai, voltou à Inglaterra e foi campeão. Sempre no controle das suas emoções, sem deixar transparecer fraqueza, na vida pessoal e profissional. Ali estava Mourinho mais uma vez. O homem que mostra a preocupação

com a família e com os entes mais queridos e que, logo a seguir, volta a vestir a pele do anti-herói, para lançar uma farpa na direção do campeonato espanhol.

"Quando voltei, sabia que esta liga era a mais complicada de vencer no mundo. Aqui você não ganha de 6 a 0 ou 8 a 0. Poderia ter sido mais inteligente, como outros, e escolher um time de um país onde é fácil ser campeão e se pode desfrutar do sucesso com calma. No entanto, optei por um país onde é difícil ganhar e por um clube sem grande tradição de conquistar títulos. Optei por um trabalho

difícil.”

Seja qual for o país, Mourinho vence. Com tempero, com polêmica e com justiça. Irrita os adversários, mas também lhes causa admiração.

“Dizem que o futebol de Mourinho é defensivo e que sua equipe não gosta de atacar. Eles venceram vários jogos por apenas um gol, mas o que interessa são os títulos. No futebol, muitas vezes, aquilo que interessa é vencer, mesmo quando não se joga bem”, disse Clichy, lateral do rival Manchester City.

No retorno a Stamford Bridge, Mourinho voltou a vencer. Com

trabalho, sem aborrecimentos, indiferente a discursos sobre a eventual falta de beleza estética de sua equipe. No final, interessa quem ganha. Quem levanta a taça, quem vence mais vezes, quem marca mais gols e sofre menos. Todo o resto é acessório, como o próprio técnico fez questão de lembrar.

"Há alguns séculos, o futebol foi inventado com um objetivo; agora, parece que o objetivo é outro. Para mim, o futebol se resume a pôr a bola no gol contrário e anular o adversário."

CAPÍTULO 11



DR. HOUSE OU DEXTER?

O amor é o mais importante na minha vida.
Se você não ama a sua mulher, divorcie-se.
Se não ama os seus filhos, suicide-se.
E se não ama o seu trabalho, procure outro.

JOSÉ MOURINHO



É A COMPARAÇÃO MAIS COMUM entre um técnico e um anti-herói da ficção. Começou sendo feita pelo

jornal espanhol *Marca*: "Mourinho é um personagem que não se pode repetir. Se existe um equivalente no mundo da televisão, só pode ser o dr. House. Grandes profissionais, mas com um caráter…". As reticências querem dizer que ele deixa muito a desejar, não é um herói puro. Não é um bonzinho, certinho, direitinho.

House é arrogante, Mourinho também. House é polêmico, Mourinho também. House é extremamente competente, Mourinho também. Eles dançam sua própria música. Sabem o quanto valem, sabem que são melhores que

os outros. E não têm problemas em admitir essa superioridade e esfregá-la na cara daqueles que ousam desafiá-los ou contrariá-los. Como diz Mourinho: “Não sou o melhor técnico do mundo, mas não creio que haja algum melhor do que eu”. Como diz o dr. House: “É preciso merecer a arrogância. O que você fez para ter a sua?”.

Sim, Mourinho tem semelhanças com o dr. House. Um médico competente, que beira a genialidade, pouco dado à simpatia ou a discursos modestos. “Deus fala com os meus pacientes. Por isso, também deve fazê-lo comigo,

porque seria uma arrogância eu acreditar que sou melhor do que Deus.”

Mourinho também acha que está ligado a Deus de uma forma especial (nem poderia ser de outra maneira). “Deus deve pensar que sou um cara porreta, senão não me daria tanto. Tenho uma família incrível, trabalho onde sempre quis trabalhar. Ele me ajudou tanto a conseguir as coisas que consegui que só pode pensar muito bem de mim.”

Não são deuses presos em corpos de homens. Mourinho e House são homens com uma grande ideia de si

próprios. Em muitos momentos, até parecem cheios de si, mas ninguém pode acusá-los de ter um discurso desonesto. Eles dizem o que pensam, com coragem. Uma postura nem sempre bem-vista numa sociedade cada vez mais mecanizada e fingida. Especialmente no futebol...

Técnicos e jogadores dizem quase sempre a mesma coisa, todos os dias. Falam sem dizer de fato o que querem, o que realmente pensam sobre cada assunto. Deixam sair palavras sempre com a intenção de passar longe dos temas mais bombásticos: para não ter

chateações, para evitar polêmicas, por causa da imagem. E muitos deles estão longe da imagem de bons rapazes e meninos bem-comportados que tentam passar aos meios de comunicação e aos torcedores. À exceção de Mourinho e de mais meia dúzia de personagens (dentre os quais encontramos Ibrahimović e Balotelli), o futebol falado é desinteressante, insosso e vago. Provoca apenas sonolência e aborrecimento. Pior ainda: passa a ideia de que se fala de tudo, menos do que interessa. Menos da verdade, menos dos sentimentos.

Estão todos padronizados, como se saíssem de uma fábrica de robôs, fossem programados com uma dúzia de frases e apenas lhes alterassem os próprios nomes e os clubes em que jogam. De Portugal à Espanha, da França à Inglaterra, da Itália à Rússia. Até mesmo os brasileiros parecem ter se rendido a esse discurso vazio. Onde andam os novos Romários ou Edmundos? Onde foram parar os argentinos corrosivos como Maradona ou Riquelme? Onde se escondem os herdeiros da poesia de Valdano?

No novo futebol, há cada vez menos espaço para os personagens

que jogam e vivem à margem do padrão estabelecido pelo regime dos clubes-empresa. Pelo regime da Uefa, da Fifa, dos direitos televisivos, das notícias supersônicas, das não notícias para alimentar as redes sociais. Onde antes havia carisma, hoje há plástico. Onde antes havia rock, hoje há um pop fabricado, ausente de honestidade — feito apenas para não incomodar, para não levantar ondas. Como uma música de elevador que não rouba a atenção das chamadas não atendidas no celular.

O fator-surpresa se extingue em

c a d a *flash interview*, em cada coletiva de imprensa em que mudam os atores, mas se mantém o argumento fast-food. Fabricam-se polêmicas a partir do que não foi dito, com base em meias palavras, meias verdades, meias mentiras. Dos discursos enigmáticos, escondidos, dissimulados, desviados, falsamente inofensivos.

Mourinho é um espécime único neste novo futebol *takeaway*. Recusa-se a não dizer, a não falar, a mascarar palavras e sentimentos. É corrosivo, sim. Talvez arrogante. Mas tem uma guitarra que se afasta da melancolia comercial. Os seus

acordes são únicos, próprios, seus. Não faz covers nem altera suas músicas conforme as vontades do produtor ou das gravadoras. Faz sua própria melodia — adorada por uns, odiada e criticada por outros, mas sempre sem provocar indiferença. É um retorno ao passado de um futebol que foi rock ‘n’ roll. Distante das baladas compostas com o único intuito de passar nos horários nobres das rádios. Mourinho é o treinador capaz de refazer a programação de todos os meios de comunicação. Com pimenta, com recheio, sem falsidades. Como o dr. House. “Não

sou um provocador, mas o mundo é hipócrita." Um mundo que se divide entre vencedores e perdedores, entre sucessos e fracassos, entre títulos e ausência de currículo. Mourinho, como todos os técnicos do topo, quer ganhar, quer ser o melhor. A única diferença dos demais? Ele admite: confessa que a derrota não é solução. Por isso, quando não ganha, paga o preço maior da crítica. Porque nunca usa um discurso de antecipação relativizando a derrota. "Não quero pôr pressão em cima de vocês e dizer que temos que ganhar, mas não podemos perder", eis uma das

suas famosas frases durante uma preleção na primeira passagem pelo Chelsea.

Perder é morrer. No jogo, nos treinos, nas coletivas de imprensa. É preciso ganhar para sobreviver, para viver na impiedosa indústria do futebol de alto rendimento. Ele sabia, melhor do que ninguém, que o seu trabalho estaria em risco caso finalizasse a segunda temporada depois de voltar ao Chelsea sem qualquer título. Mas os finais felizes só são alcançados com dedicação e amor. Todos os dias, dia após dia. Sem relaxamento ou acomodação. E, acima de tudo, sem

desonestidade intelectual. Mourinho não sente apego pelo seu lugar, pelo seu status, pelo seu passado. Costuma falar dos títulos que ganhou, mas apenas para mostrar quem é e por que tem o tal direito à arrogância. Apenas para lembrar ao mundo que não é mais um "do fundo da garrafa". Ele é, realmente, especial. Aquilo que se vê e que se ouve. "Sou José Mourinho, com todas as minhas qualidades e defeitos."

Ele é parecido com o dr. House, mas também é parecido com Dexter, o assassino em série que mata apenas outros assassinos. O

sociopata que foi ensinado pelo pai a direcionar sua vontade sanguinária para os que mereciam morrer, poupando assim a vida dos inocentes. Mourinho também sente a necessidade de ser bombástico, de criar inimigos, de ver no jogo uma guerra. Mas soube ensinar a si próprio que não ganha nada sozinho, que só alcança a vitória através dos seus jogadores. E precisa que eles se preocupem apenas com o jogo; por isso, chama as atenções para si. Raramente ouvimos adversários criticarem os jogadores do seu time. Não! Mourinho, sim, é o centro das

críticas, o alvo a ser atingido.

Veja-se o que aconteceu num dos duelos entre Chelsea e Barcelona, em 2006, valendo pela Champions League. O técnico usou os seus *mind games* para provocar os jogadores do Barça (como já tinha feito antes). Edmílson, então atleta dos catalães, disse após o jogo que estava farto dos "absurdos de Mourinho". Não criticou Lampard, Drogba ou Terry. Apenas Mourinho, o técnico que se transforma em jogador. O verdadeiro número dez das suas equipes. Pelo egocentrismo? Claro. Mas também por estratégia, porque prefere ser

ele o xingado em vez de qualquer um dos seus atletas. Porque sabe que aguenta, que tem as costas largas para todos os insultos. Sabe que é feito de um material inflamável nesse aspecto. E não cai no risco de deixar que os seus homens tenham que carregar o mesmo peso.

Mourinho, acima de tudo, é uma raridade dos tempos modernos. Um ícone rock num mundo cada vez mais pop. Um produto natural na sociedade dos corantes e conservantes. E vai ficando cada vez mais apurado, como o vinho que bebia com Alex Ferguson. Tem

defeitos, tem comportamentos desviantes, por vezes vai longe demais. É um desajustado por opção, por princípio. Por achar que não tem que comprar o comportamento que querem lhe vender.

Está para o futebol atual como um fora da lei. Mas essa marginalidade é grande parte do segredo para as suas vitórias. O resto é trabalho e amor, o resto é a honestidade de alguém que sabe que não pode mudar o mundo, mas que pode criar o seu próprio universo. Como o dr. House, Dexter e tantos outros protagonistas. Um

rockstar, único e que não se pode repetir. Como escreve Hunter S. Thompson no seu *Medo e delírio em Las Vegas*: “Estranho demais para viver, raro demais para morrer”.

BIBLIOGRAFIA

AUCLAIR, Philippe. *Cantona: The Rebel Who Would Be King*. London: Pan Macmillan, 2010.

BARCLAY, Patrick. *Mourinho: Anatomy of a Winner*. London: Orion, 2005.

_____. *Mourinho: Further Anatomy of a Winner*. London: Orion, 2012.

DROGBA, Didier. *Didier Drogba: The Autobiography*. London: Aurum Press, 2008.

FERGUSON, Alex. *Alex Ferguson: My Autobiography*. London: Hodder & Stoughton, 2013.

GALLARDO, Leonor; CUBEIRO, Juan Carlos. *Código Mourinho*. Lisboa: Planeta, 2012.

GIOVIO, Eleonora. *El Efecto Mourinho: Tierra Quemada*. Madrid: La Esfera de Los Libros, 2013.

IBRAHIMOVIĆ, Zlatan; LAGERCRANTZ, David. *I Am Zlatan Ibrahimović*. London: Penguin, 2013.

LAMPARD, Frank. *Totally Frank*. London: HarperSport, 2006.

LOURENÇO, Luís. *José Mourinho*. São Pedro do Estoril: Prime Books, 2003.

_____. *José Mourinho: Um ciclo de vitórias*. São Pedro do Estoril: Prime Books, 2004.

_____. *Mourinho: A descoberta guiada*. São Pedro do Estoril: Prime Books, 2010.

MODEO, Sandro. *Mourinho: Um génio do outro mundo*. Alfragide: Livros D'Hoje, 2011.

MORRIS, Desmond. *The Soccer Tribe*. London: Jonathan Cape, 1981.

PALAHNIUK, Chuck. *Clube da luta*. São Paulo: Leya, 2012.

TORRES, Diego. *A guerra de Mourinho*. Alfragide: Lua de Papel, 2014.

CRONOLOGIA E HISTÓRICO DE TÍTULOS DE JOSÉ MOURINHO

CRONOLOGIA

26 DE JANEIRO DE 1963

Nasce em Setúbal, filho do jogador de futebol e treinador Félix Mourinho e neto do presidente do Vitória de Setúbal.

1982

Com dezenove anos, decide se tornar técnico de futebol quando joga pelo Rio Ave, treinado pelo pai. Num jogo diante do Sporting, o presidente do clube diz que se o pai puser o filho para jogar os dois saem do Rio Ave. Mourinho fica revoltado e começa a se preparar para conquistar o mundo do futebol.

1990/1991

É auxiliar de Manuel Fernandes no Estrela da Amadora e inicia sua aprendizagem para um dia ser técnico.

1992/1993

Começa como tradutor de Bobby Robson no Sporting. Rapidamente se torna um elemento essencial no time do técnico britânico.

1993/1994

Segue com Robson para o FC Porto.

1996/1997

Vai para o Barcelona como tradutor e auxiliar de Robson. Começa ganhando um salário de sessenta euros mensais e vivendo num hotel do dirigente do clube, Joan Gaspart. Mais tarde, os responsáveis do Barça percebem que Mourinho é

mais do que um tradutor e aumentam sua remuneração. Robson acabaria por sair do Barcelona, mas o português continuou, como auxiliar do holandês Louis van Gaal.

1999/2000

No final da temporada, decide abandonar o Barcelona para começar a se preparar para a aventura de ser técnico principal.

SETEMBRO DE 2000

Assina contrato pelo Benfica. Sua estreia como líder do banco de uma equipe. Consegue bons resultados,

mas acaba sendo demitido com a chegada do novo presidente, Manuel Vilarinho, que já tinha prometido contratar Toni caso vencesse as eleições.

2001/2002

Começa a temporada treinando o União de Leiria, mas segue para o Porto. Na sua primeira coletiva de imprensa como técnico dos dragões, disse ter a certeza de que na temporada seguinte seria campeão.

2002/2003

Não estava enganado. Em sua primeira temporada completa a

serviço do FC Porto, vence tudo: campeonato português, Copa Uefa e Taça de Portugal.

2003/2004

A segunda temporada com os dragões é ainda mais brilhante. Volta a ser campeão e se despede de Portugal com a conquista da Liga dos Campeões — a sua primeira e a segunda na história do Porto.

2004/2005

É contratado pelo Chelsea. No dia da sua apresentação, diz que é especial. Fica conhecido como o *Special One*. E mostra ser mesmo

diferente: consegue ser campeão na primeira temporada, um título que o Chelsea não conquistava havia cinquenta anos. No ano seguinte, volta a conquistar a Premier League. Passa três anos no Chelsea e vence todos os títulos do futebol inglês.

20 DE SETEMBRO DE 2007

Abandona o Chelsea por comum acordo com o dono do clube, o milionário Roman Abramovich. Os dois estavam cada vez mais discordantes sobre a forma de gerenciar a equipe.

2008/2009

Assina com a Inter e estreia na Itália com uma vitória na Supercopa, diante da Roma. Nesse ano, conquista o campeonato italiano e assenta as bases para mais uma temporada de sonho.

28 DE ABRIL DE 2010

A Inter se desloca ao Camp Nou para a partida de volta das semifinais da Champions diante do Barcelona, depois de ter vencido o primeiro jogo por 3 a 1. O time de Mourinho joga mais de uma hora reduzido a dez homens, mas no fim perde apenas por 1 a 0 e se classifica para a final, marcada para

o Santiago Bernabéu. Quando acaba o confronto, Mourinho confessa: "Foi a derrota mais saborosa da minha carreira".

22 DE MAIO DE 2010

A Inter de Mourinho vence o Bayern de Van Gaal na final da Liga dos Campeões. É a segunda Champions no currículo do treinador português, diante de um dos seus mestres dos tempos de Barcelona. No final, Mourinho sai do estádio para assinar contrato com o Real Madrid. Vê Materazzi, abraça-se ao jogador e ambos choram. É a despedida emocionada

depois de uma temporada de sonhos na Inter, em que Mourinho vence tudo. Torna-se o terceiro técnico a conquistar a Champions por dois clubes diferentes, depois de Ernst Happel e Ottmar Hitzfeld. Mais tarde, a proeza seria imitada por Jupp Heynckes e Carlo Ancelotti.

28 DE MAIO DE 2010

Torna-se o novo técnico do Real Madrid. Dias depois, na sua primeira coletiva de imprensa como treinador merengue, avisa o clube e o futebol espanhol: “Sou José Mourinho, com todas as minhas qualidades e defeitos”. Conquista a

Copa do Rei na sua primeira temporada. Na segunda, rouba o título de campeão nacional do Barcelona de Guardiola. Esgota o técnico rival, que acaba por tirar um ano sabático. O Real de Mourinho inicia a sua terceira temporada da melhor forma, ao vencer novamente o Barça na Supercopa da Espanha. Mas seria o último título num ano cheio de problemas.

11 DE JANEIRO DE 2011

É o primeiro técnico do mundo a vencer a Bola de Ouro da Fifa (*Fifa World Coach of the Year*), em razão

da temporada brilhante realizada com a Inter, em 2010. Dois anos depois, volta a estar entre os indicados, mas não viaja para Zurique e denuncia irregularidades na Bola de Ouro (que viriam a ser provadas).

20 DE MAIO DE 2013

O Real Madrid anuncia a saída de Mourinho no final da terceira temporada no clube. Em três anos, conquistou três títulos e se tornou o primeiro técnico do mundo a vencer as três ligas mais importantes: Inglaterra, Itália e Espanha. Na hora do adeus, Mourinho criticou alguns

dos seus antigos jogadores, entre os quais Cristiano Ronaldo, Pepe e Casillas.

3 DE JUNHO DE 2013

Retorna ao Chelsea. Na primeira coletiva de imprensa, diz que não é o *Special One*, mas sim o *Happy One* — um homem feliz por voltar a um clube que ama e pelo qual é amado. Termina a primeira temporada sem títulos.

JULHO DE 2014

Prepara-se para iniciar sua segunda temporada em Stamford Bridge, à frente do Chelsea. Luta para ser

campeão inglês depois de ter ficado em terceiro lugar na temporada anterior.

1º DE MARÇO DE 2015

Conquista a terceira Copa da Liga de seu currículo diante do Tottenham, por 2 a 0, na final jogada no Estádio de Wembley, em Londres. Volta aos títulos depois de dois anos sem levantar um troféu.

3 DE MAIO DE 2015

Vence o Crystal Palace por 1 a 0 e se sagra campeão inglês a cinco rodadas do fim do campeonato. É a sua terceira Premier League a

serviço do Chelsea e a quinta na história do clube.

TÍTULOS

FC PORTO

Liga portuguesa: 2003 e 2004
Taça de Portugal: 2003
Supertaça de Portugal: 2003
Copa Uefa: 2003
Liga dos Campeões: 2004

CHELSEA

Liga Inglesa: 2005, 2006 e 2015
Copa da Inglaterra: 2005 e 2007
Copa da Liga: 2005, 2007 e 2015

Supercopa da Inglaterra: 2005

INTER

Liga italiana: 2008 e 2009
Supercopa da Itália: 2008 e 2009
Copa da Itália: 2010
Liga dos Campeões: 2010

REAL MADRID

Copa do Rei: 2011
Liga espanhola: 2012
Supercopa da Espanha: 2012



“É muito inteligente, tem um carisma fantástico e uma forma especial de dirigir. Ele disse uma vez que um técnico precisa ser como um ator, e eu concordo com ele.”

ÉRIC CANTONA

“Quando uma pessoa estúpida alcança o sucesso, isso a torna ainda mais estúpida e não mais inteligente.”

ARSÈNE WENGER

“É daquele tipo que diz tudo o que quer. Gosto dele. É o líder do seu exército, mas também se preocupa. […] Tornou-se um homem por quem, basicamente, eu estaria disposto a morrer.”

ZLATAN IBRAHIMOVIC

“Mourinho é daqueles que deviam ser tratados a pauladas nos dentes. Todo mundo na Itália o trata com respeito. Ele precisa aprender a fazer o mesmo com os seus adversários.”

PIETRO LO MONACO

“Acho que ele foi fantástico para o futebol e, claro, para o Chelsea.

Gostei do duelo com Mourinho e acho que ele trouxe algo de fresco e novo ao jogo.”

ALEX FERGUSON



RICARDO FARRIM

Nascido em Entroncamento (Portugal), em 1982, **LUÍS AGUILAR** iniciou seus estudos em

antropologia, mas foi no jornalismo que desenvolveu seus primeiros trabalhos e o gosto pela literatura. Além deste livro, são publicações suas: *Jogo sujo* (2009), biografia do ex-jogador de futebol Fernando Mendes; o romance *Sexo, morte efiitebol* (2010); as biografias de Paulo Futre, *El Portugués: Parte I* (2011) e *El Portugués: Parte II* (2012); *Correio de droga* (2011), uma história sobre o narcotráfico internacional baseada em relatos verídicos; *Jogada ilegal* (2013), que trata de grandes casos de corrupção na Fifa e no futebol internacional; *Jogo de vida ou morte* (2014), no qual desfilam os heróis e os vilões das histórias mais negras das Copas do Mundo

de futebol; *CR30* (2015), uma homenagem aos trinta anos de vida e à carreira de Cristiano Ronaldo, e *Aposta suja* (2015), uma viagem ao mundo das apostas e dos placares combinados. Também tem colaborado com diversos veículos de comunicação portugueses e internacionais, entre os quais se destacam *Record, Correio da Manhã, Sábado, SOL*, SIC, CMTV, *Playboy e* UOL Esporte.



José Mourinho desperta sentimentos opostos — e intensos. É o tipo de pessoa que cada um de nós precisa amar ou odiar, não há meio-termo. Mas mesmo aqueles que o odeiam têm o dever de reconhecer: amam odiá-lo. Não é possível ser indiferente a um personagem tão capaz, tão passional e tão

a m b í g u o . *Mourinho Rockstar* é uma coleção de grandes momentos da vida do técnico, que não deixa também de lançar luz sobre seus maiores fracassos. É uma história contada por meio de polêmicas, desavenças, grandes conquistas e episódios marcantes.

“A partir do momento em que o vi lidar com a mídia no seu primeiro dia no Chelsea, percebi que havia

algo que o diferenciava dos outros.”

FRANK LAMPARD

“O *mister* nunca jogou bola, não sabe como é.”

SERGIO RAMOS

“Como ele me tratou por Pep, também vou tratá-lo por José. Amanhã iremos nos enfrentar no campo. Fora do campo, ele já ganhou. Ofereço a ele sua

Champions particular fora do campo, que faça bom proveito e a leve para casa.”

PEP GUARDIOLA

EDITORA



ALÉM DAS 4 LINHAS

GRANDE ÁREA

GOL DA ALEMANHA

AXEL TORRES E ANDRÉ SCHÖN

UMA VIAGEM NO TEMPO PARA ENTENDER AS TRANSFORMAÇÕES DO FUTEBOL ALEMÃO ATÉ A CONQUISTA DA COPA DE 2014

PREFÁCIO DE GERD WENZEL

Gol da Alemanha

Torres, Axel

9788569214069

208 páginas

Compre agora e leia

O que aconteceu com o futebol alemão, que num período de dez anos viu sua

seleção nacional e seu time mais representativo, o Bayern de Munique, se transformarem de verdadeiros arquétipos do pragmatismo em grandes referências para as tendências mais modernas e atraentes do jogo? Como foi que o gigante bávaro, que nos anos 1990 era

temido pela estratégia de contragolpes e a linha de cinco defensores, mudou tão radicalmente de estilo a ponto de oferecer a Pep Guardiola o cargo de técnico? Que mudanças ocorreram nesse período, na estrutura e na mentalidade do futebol alemão, para que a

transformação tivesse sido possível, e quem liderou essa revolução? E, além disso, o que é que a Alemanha e o Bayern atuais têm de suas versões mais famosas e tão vencedoras dos anos 1970? A recente ruptura recupera conceitos antigos ou constrói algo realmente novo, que nunca

tinha sido visto na Alemanha? O jornalista Axel Torres e seu professor de alemão, André Schön, torcedor fervoroso do Bayern, começaram a se fazer essas perguntas nas aulas particulares do idioma e acabaram, quase sem se dar conta, iniciando um extenso processo

investigativo. Compraram jogos antigos pela internet, pediram a um amigo que viajasse a um lugar esquecido no interior da Alemanha e falasse com pessoas que tinham vivenciado pessoalmente essa suposta revolução, e recuperaram artigos publicados na imprensa

alemã da época. De todo esse processo nasceu este livro, cuja conclusão coincidiu com o triunfo alemão na Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Como, por que e pelas mãos de quem o futebol alemão se reergueu? O pedaço mais fascinante dessa história é contado aqui.

Compre agora e leia

SOCCER:
SUCESSO EM SEATTLE

MIKE GASTINEAU



Prefácio de
GRANT WHAL
e Posfácio de
AMIR SOMOGGI

GRANDE ÁREA

COMO O **SEATTLE SOUNDERS FC** SE TORNOU A FRANQUIA MAIS BEM-SUCEDIDA DA HISTÓRIA DA MLS

Soccer: Sucesso em Seattle

Gastineau, Mike

9788569214045

368 páginas

Compre agora e leia

O Seattle Sounders FC, equipe de futebol de Seattle

que vem batendo seguidos recordes de público em seu estádio, é o mais recente fenômeno esportivo e comercial no ambiente das grandes ligas nos Estados Unidos: um caso de amor entre uma cidade e um time, e uma história de sucesso corporativo meteórico – sem paralelos

no futebol profissional do século XXI. O início dessa história, no entanto, não apontava para um final tão feliz. Podia fazer lembrar, inclusive, a introdução para uma piada, já que tudo começou quando quatro amigos se reuniram: um dirigente de ligas menores nos Estados Unidos, um

produtor de filmes de Hollywood, um comediante e um dos homens mais ricos do mundo. O que eles queriam era criar um time de futebol, e o Seattle Sounders FC, que estreou na Major League Soccer em 2009, já é a franquia mais bem-sucedida da história da liga, levando a seu

estádio em cada partida mais de 40 mil torcedores. Valendo-se de entrevistas com executivos, atletas e fãs, o autor Mike Gastineau nos traz um relato detalhado dos principais acontecimentos e personagens envolvidos com o clube de Seattle, cujo sucesso instantâneo

capturou a atenção de toda a comunidade esportiva norte-americana. Uma história que combina esportes e altas cifras, cultura futebolística, senso de oportunidade e sorte, mas que também demonstra como poderosos homens de negócios foram capazes de superar suas

diferenças e dedicar o conhecimento e os recursos de que dispunham a uma causa: o gosto pelo esporte em uma cidade desesperada para abraçar seu time de futebol.

Compre agora e leia

GRANDE ÁREA

AXEL TORRES

11 CIDADES

PREFÁCIO DE TINO MARCOS

PARA CADA VIAGEM, UM SÓ DESTINO: O FUTEBOL



11 Cidades

Torres, Axel

9788569214113

424 páginas

Compre agora e leia

11 Cidades é o primeiro livro de Axel Torres, atualmente uma das vozes

mais brilhantes e respeitadas do jornalismo esportivo em língua espanhola. Com o futebol como onipresente pano de fundo, trata-se do originalíssimo relato de nascimento de duas grandes paixões, as viagens e a vida como jornalista. Na melhor

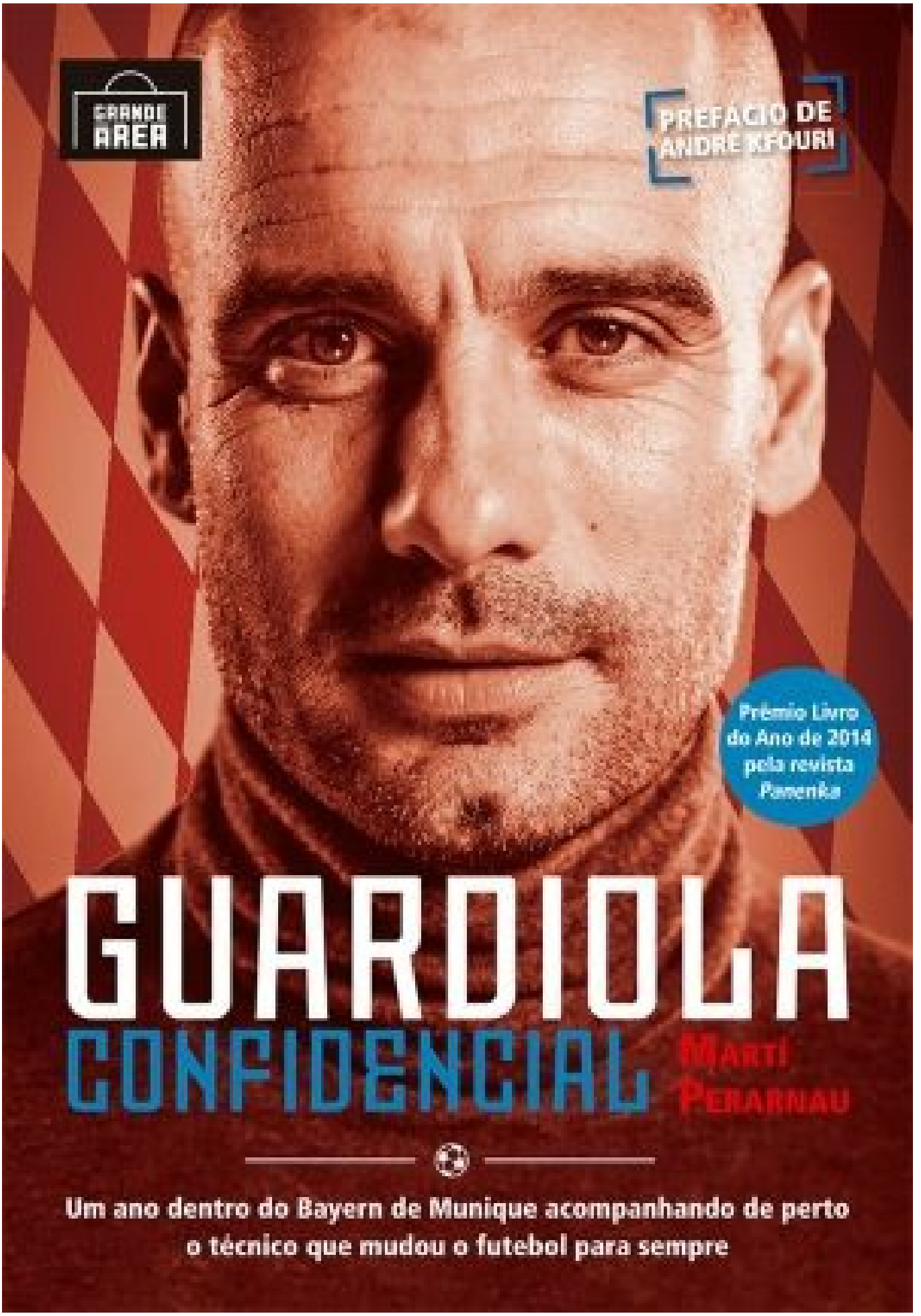
tradição da literatura do gênero, o autor nos leva a tiracolo em jornadas inesquecíveis por diferentes partes do mundo: viajamos a Londres, onde um Axel Torres adolescente descobre seu amor pelo Arsenal com a ajuda de Arsène Wenger e Cesc Fàbregas; vamos à final da

Copa da Uefa de 2003 em Sevilha, quando se enfrentaram o Celtic e o Porto de Mourinho; a Viena, onde o autor presencia de perto o sucesso da seleção espanhola na Eurocopa de 2008; a Swansea e a Wigan, para seguir os rastros de seu admirado Roberto Martínez e dos

primeiros jogadores espanhóis que emigraram para a liga inglesa; a Tóquio, a Assunção, a Lisboa e Munique... Onze cidades, onze momentos fundamentais e reveladores narrados por um jornalista que dedicou a vida toda a conhecer o futebol como fenômeno cultural,

manifestação popular e paixão coletiva.

Compre agora e leia


GRANDE ÁREA
PREFÁCIO DE ANDRÉ KFOURI
Prêmio Livro do Ano de 2014 pela revista Panenka
GUARDIOLA
CONFIDENCIAL
MARTÍ PERARNAU
Um ano dentro do Bayern de Munique acompanhando de perto o técnico que mudou o futebol para sempre

Guardiola confidencial

Perarnau, Martí

9788569214038

408 páginas

Compre agora e leia

O desafio de decifrar a personalidade de Pep

Guardiola sempre pareceu tão complexo quanto o de conceber, à distância e sem acesso direto, de que forma trabalha o técnico que deu ao Barcelona os melhores anos de sua história. O jornalista Martí Perarnau, no entanto, obteve do próprio Guardiola permissão para entrar nos vestiários do

Bayern de Munique, seguir de perto todos os seus passos e relatar os detalhes de uma temporada inteira do catalão no comando do clube bávaro. E tirou o máximo proveito da ocasião. Seu exaustivo trabalho de campo delineou os traços de um personagem tão genial

quanto atormentado, apaixonado pelo futebol mas, ao mesmo tempo, incapaz de desfrutar totalmente das vitórias por culpa de sua obsessiva busca pela perfeição. O autor mergulhou fundo também nas ideias e conceitos de jogo fundamentais para o

técnico, desfazendo ao longo da obra uma série de clichês que rodeiam a figura de Pep. Enfim, valendo-se do acesso sem precedentes aos meandros de um dos maiores clubes do mundo, e atento a tudo o que acontecia diante de seus olhos, Perarnau indagou, refletiu e contextualizou

para escrever, com conhecimento de causa, sobre o técnico de futebol mais bem-sucedido dos últimos anos.

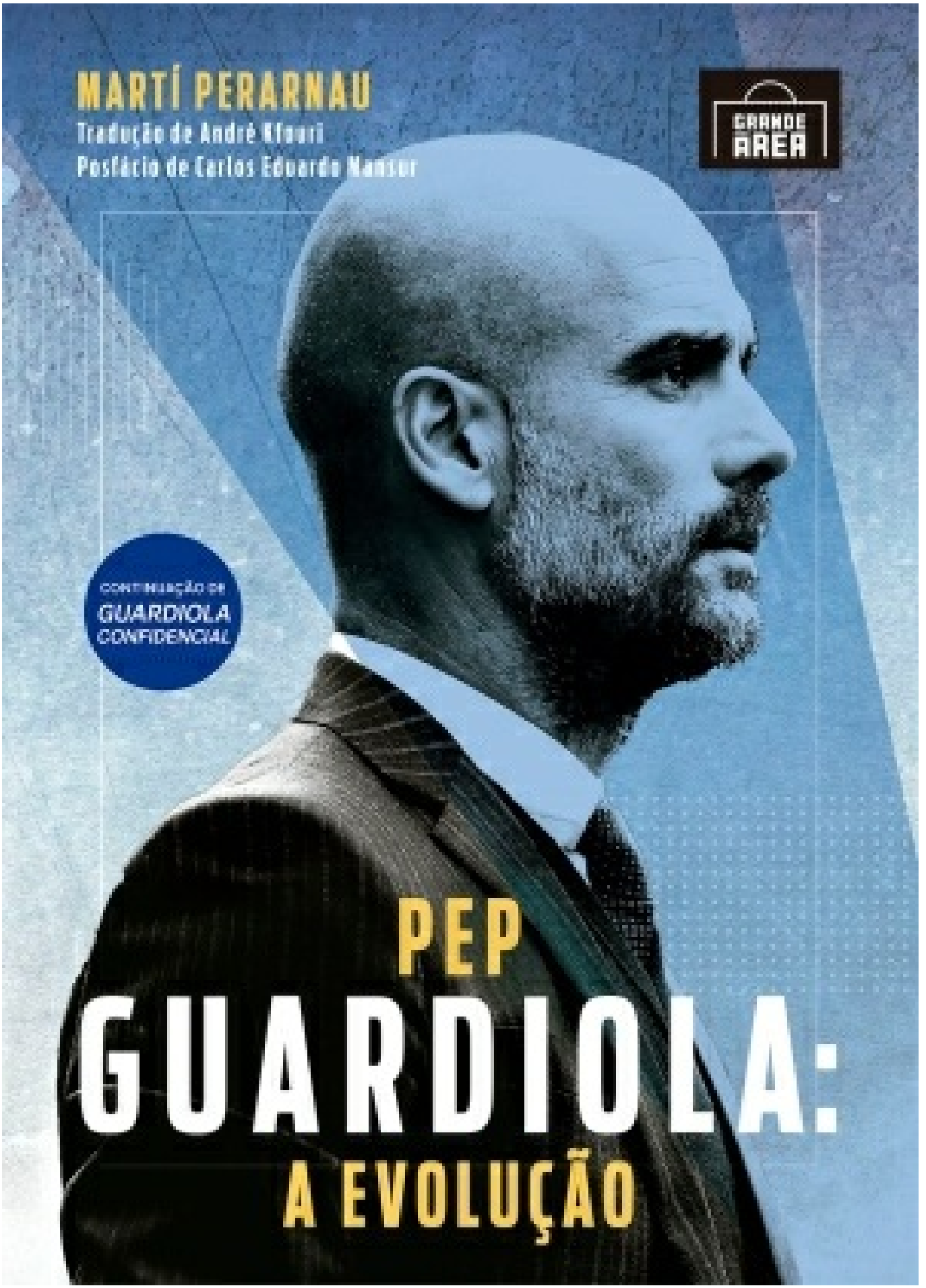
Compre agora e leia

MARTÍ PERARNAU

Tradução de André Kfouri

Posfácio de Carlos Eduardo Mansur

GRANDE ÁREA



CONTINUAÇÃO DE GUARDIOLA CONFIDENCIAL

PEP GUARDIOLA: A EVOLUÇÃO

Pep Guardiola

Perarnau, Marti

9788569214137

440 páginas

Compre agora e leia

Na Alemanha, Guardiola viveu uma metamorfose que o transformou em

numerosos aspectos. Enquanto conservou suas características fundamentais (o jogo de posição como modelo e a competitividade insaciável como motor), ele incorporou novos traços durante a experiência em Munique. Esta obra é uma peça singular no universo dos

livros sobre futebol. Animado pelo atrevimento do próprio Guardiola, Martí Perarnau propõe uma narração "livre", que flui do presente ao passado e se detém em reflexões, pessoas ou momentos significativos da trajetória de Pep. Do restaurante vazio após a dolorosa

eliminação para o Atlético de Madrid – na que foi considerada a melhor atuação da era alemã de Guardiola – a como se ensaia um escanteio, a carta de um torcedor, a meticulosa descrição da virada sobre a Juventus ou o carinho com que o Bayern se despediu do técnico.

Com crônicas, análises, dados, encontros, reflexões e entrevistas, Martí Perarnau compõe seu mosaico particular, que funciona como um bloco sólido e configura um meticuloso retrato do homem que o inspirou.

Compre agora e leia